

Luna & Apolo Clara & Onze

Adriana Falcão



SALAMANDRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Luna & Apolo Clara & Onze

Adriana Falcão

Ilustrações
José Carlos Lollo



SALAMANDRA

LUNA CLARA, SEXTA-FEIRA, NO FINALZINHO DA TARDE



Naquela sexta-feira dos ventos, 7 de julho, logo que a tarde caiu, os acontecimentos começaram a acontecer feito loucos na vida de Luna Clara, justo na vida dela, uma menina que tinha uma vida meio besta.

Ela estava lá, sentada na beira da estrada como ficava todos os dias, esperando, esperando, esperando, esperando, esperando, esperando.

“Será que é hoje que ele chega?”

“É sim.”

“Eu tenho certeza absoluta que ele chega hoje.”

“Mas eu também tive certeza absoluta ontem.”

Quando, de repente, um vento ventou do Sul para o Norte e desarrumou seus pensamentos.

Um vento ali?

Que novidade era aquela?

Desde que Luna Clara nasceu, nunca tinha ventado nem chovido na sua cidade.

Ela não conhecia o vento, não sabia muito dele e nem imaginou que ele gostasse tanto de brincar de derrubar o chapéu dos outros, “para com isso, vento!”

Mas o mais estranho mesmo ainda estava por acontecer.

E aconteceu.

Foi logo depois do primeiro sopro da ventania que Luna Clara viu os dois.

Lá vinham eles.

Dois homens andando pela estrada.

Vindo de lá de onde o vento vinha.

Dois homens.

Andando.

Pela estrada.

Cada vez mais perto.

E aquele vento assoprando tudo em volta.

Então ela quase teve um colapso nervoso.

Não é que eles fossem feios demais, ou muito bonitos, especialmente interessantes, nada disso. O extraordinário, o imprevisto, o maluco, o inusitado, o inesperado mesmo é que eles estavam molhados dos pés à cabeça.

Dois homens completamente encharcados.

E antes que você se pergunte "ora, mas o que é que tem de estranho com dois homens encharcados andando pela estrada?", é melhor deixar tudo explicado.

A última vez que choveu na cidade foi na noite em que Luna Clara nasceu.

Então.

Doze anos, oito meses e quinze dias antes daquela sexta-feira.

Então.

De lá para cá nunca mais tinha ventado.

Então.

E nem chovido.

Então lá em Desatino do Norte não existiam lagos, rios, mares, poças, nada molhado.

Para tomar banho ou lavar louça, existia um sistema hidráulico muito complicado que puxava água lá de não sei onde, é claro.

Mas, além das torneiras, tudo era desprovido de gotas em Desatino do Norte (com exceção de lágrimas), tudo era quente, seco, árido, e pela raridade de H₂O, quase não se necessitavam de toalhas.

Luna Clara nunca tinha visto ninguém encharcado antes, não conhecia nem a chuva nem o vento, e a vida inteira esperou por esse dia: o dia em que finalmente seu pai ia chegar a Desatino do Norte, trazendo a chuva com ele.

O pai de Luna Clara andava por aí pelo mundo, com a chuva sempre chovendo na cabeça dele, desde que (por uma estranha coincidência do destino) ele se desencontrou do seu amor, olha só que coisa mais triste.

Fazia mais de treze anos que o pai e a mãe de Luna Clara se encontraram, se apaixonaram, se casaram e se perderam um do outro, tudo isso em três dias apenas.

Diziam que ele era muito sortudo antes.

Infelizmente, um dia, ele perdeu a sorte.

Foi naquela estrada maldita, entre Desatino do Sul e Desatino do Norte, num lugar chamado Vale da Perdição que (por coincidência?) ficava exatamente no meio do mundo.

Coitado de Doravante.

1. Perdeu a sorte; 2. Perdeu sua mulher, Aventura; 3. Perdeu a chance de conhecer a filha (que nem sequer sabia que um dia teria); 4. Perdeu o sol ainda por cima.

Tudo isso "juntodeumavez", como ele mesmo dizia.

Doravante tinha mania de juntar as palavras para apressar as coisas.

Quando disse "euquerocasarcomvocêAventura" foi assim mesmo, desse jeito.

Casaram no dia seguinte.

E logo no outro se perderam pelo caminho. "Nãotinhamquetersese paradonuncadroganãodeviamtermarcadoaqu eleencontro."

Essa frase não saía da cabeça dele, dentro, enquanto a chuva também não saía, fora.

Porque, com tanto azar assim "juntodeumavez", é claro que a chuva resolveu seguir Doravante pela vida.

Luna Clara nunca tinha ouvido as tais palavras juntas, aliás, nunca tinha ouvido palavra nenhuma saída da boca de seu pai. Ela jamais tinha visto Doravante, nem mesmo em retrato, a não ser na imaginação, como a gente vê um personagem.

Juntava pedaços de elogios que sua mãe fazia, Doravante isso, Doravante aquilo, e ia inventando um pai contado em vez de tido.

Era sagrado.

Depois do jantar, Aventura contava para a filha a mesma história, enfeitada sempre com os mesmos detalhes. O momento em que viu Doravante pela primeira vez montado em Equinócio. Como ele pulou do cavalo dizendo: "Eusabiaqueiaencontrarvocêemalgumlugar". O volume dos seus batimentos cardíacos. O primeiro beijo. O segundo. O terceiro. O tumulto que aqueles beijos causavam dentro dela. A festa de casamento. A despedida.

Luna Clara queria saber cada vez mais: signo chinês, o formato do nariz, o timbre da voz, a quantidade de fios de cabelo, o que Doravante pensava sobre o ciúme, se ele gostava de chocolate, se preferia listras ou xadrez, manga-rosa ou manga espada.

Aventura então era obrigada a desenhar Doravante (forte/bonito) e Equinócio (branco/marrom), com muitos lápis de cor. Desenhava o encontro do casal embaixo da lua, caprichando no prateado, ou o primeiro beijo (e haja lápis vermelho), ou a cerimônia do casamento, ela e Doravante em primeiro plano, o padre por trás deles e Equinócio ao lado.

– Que cavalo sentimental. Você precisava ver como ele se emocionou na hora em que o padre benzeu as alianças.

Depois de dar boa-noite e apagar a luz, a mãe sempre acendia de novo, só para reafirmar, mais uma vez, que um dia Doravante ia encontrar as duas.

Bastava ter um pouco de paciência.

O pouco de paciência de Luna Clara já tinha se esgotado há muito tempo, afinal era só um pouco. Para consolar a filha, Aventura então repetia a promessa que ele fez na despedida:

– AgenteseencontraemDesatinodoNortenãosepreocupe.

Daí apagava a luz de novo e ia para o seu quarto dormir, para engolir logo aquele resto de hoje.

Quando Luna Clara era pequena, tinha mania de esperar o pai sentada na janela do seu quarto, olhando para o céu, tentando avistar alguma nuvem.

Assim que ficou maiorzinha ia esperar na frente de casa.

Depois cresceu mais ainda e preferia ficar na beira da estrada.

Mas nada de nuvem, nada de chuva e, portanto, nada de Doravante naquele dia.

Nem no outro.

E nem no outro, nem nunca, nem nuvem, nem chuva, nem vento, nem ele, nem Equinócio, nem nada.

Todo dia o mesmo sol brilhante e quente de sempre.

De noite, ela contava seus segredos para a lua.

As novidades eram poucas.

Os segredos se dividiam em medos, desejos e dúvidas:

- Qual é o tamanho do mundo?
- Quantos quilômetros exatamente?
- Qual o tamanho do amor de Doravante e Aventura?
- Amor se mede?
- Como?
- Amor maior que o mundo existe?
- Jura?
- A Terra é bonita vista daí, Lua?
- Daí de cima dá pra ver se a chuva ainda está longe?

Mesmo que desse para ver, a lua não dizia.

Passava as noites quieta, calada, parada e amarela, só olhando para Luna Clara.



Por ser uma menina assim, tão reservada, a lua era sua única amiga de verdade.

Luna Clara tinha vergonha de andar com seus passos, de falar com sua voz, de balançar seus cabelos, de ter cabeça (para não atrapalhar a visão de quem estivesse atrás dela), de ocupar um lugar no espaço, tinha vergonha de existir, para dizer sinceramente. O nome disso é timidez, se for olhar no dicionário.

Por isso ela falava pouco e tentava passar despercebida nas poucas obrigações sociais que frequentava, um ou outro casamento, alguns batizados ou festas de aniversário.

De tanto aguçar a visão para ver nuvens que nunca vinham, Luna Clara desenvolveu uma enorme capacidade para encontrar tarraxas de brincos, parafusinhos de óculos, tampas de caneta, botões, chaves, agulhas, percevejos, tostões, formigas de três patas, soluções para problemas de diversos tipos, esperança em desesperado, pulga em cachorro de banho recém-tomado, e respostas difíceis.

Tudo o que encontrava ela guardava no seu quarto (o que era concreto), ou na sua cabeça (o que era abstrato), olha aí a razão de tanto seu quarto quanto sua cabeça serem tão desorganizados.

Luna Clara herdou de Aventura o seu sorriso. Do avô, herdou a teimosia. Mas a cabeça aluada (onde ela sempre usava o mesmo chapéu xadrez) deve ter sido um problema de nascença mesmo. De Doravante, ela herdou um certo olhar de vaga-lumes num par de olhos verdes que diziam “nossa!”, e o gosto pela aventura, apesar de nunca ter se aventurado na vida. Por isso, quem sabe, ouvir as histórias sobre o pai era a coisa de que ela mais gostava no mundo.

Em segundo lugar era olhar a lua.

Em terceiro... Não tinha terceiro não. Assim era a vida de Luna Clara.

Esperar.

Esperar.

Esperar.

De vez em quando ela tinha certeza de que ele já estava chegando.

Noutras vezes, a incerteza resolvia fazer uma visita.

“E se ele estiver lá do outro lado do mundo e nem se lembrar mais da promessa?”

Era exatamente nessas horas que as dúvidas de Luna Clara faziam uma confusão enorme dentro da sua pessoa e a imagem de um mundo redondo, com ela de um lado e o seu pai do outro, doía.

Um pai que nem sequer sabia que sua filha existia.

Um pai e uma chuva sempre indo para mais longe.

Por tudo isso, não é bastante compreensível que ela tenha ficado tão perturbada quando viu aqueles dois homens encharcados vindo pela estrada, com o vento, naquela sexta-feira, no final da tarde?

Então.

Foi um vento de repente, e aqueles dois completamente encharcados, e Luna Clara teve certeza: Doravante devia estar ali por perto.

Precisava apenas saber dos dois homens se eles estavam molhados de chuva e, se assim fosse, descobrir onde é que a chuva estava.

Como é que se sabe alguma coisa?

Perguntando.

Então era só perguntar para eles.

“Posso saber o motivo dessa molhação toda?”

Não. Não é assim que se aborda os outros.

“Lá de onde vocês vêm tem uma chuva chovendo por acaso?”

Também não. Isso é jeito de se falar com dois desconhecidos?

“Vocês viram um homem com uma chuva em cima dele por aí?”

Ainda não.

– De onde é que vocês vêm? – perguntou então.

– De lá de onde está chovendo – os dois responderam juntos, e apontaram para o Sul seus quatro braços, suas quatro mãos e seus vinte dedos – a gente teve que fugir correndo.

Tem gente que foge da chuva, tem gente que procura por ela.

Olha só que negócio complicado.

Luna Clara saiu doida pela estrada, para o lado que eles apontaram, enquanto os dois ficaram lá gritando:

– Você perdeu o juízo? Está uma chuva danada! Escute esse aviso, cuidado com a estrada, cuidado com a ponte, o Vale da Perdição tem perigos aos montes, a tempestade está forte, e ainda tem a neblina, cuidado, menina, e boa sorte!

Mas Luna Clara já ia longe, atrás da chuva, louca para se encontrar com Doravante.



APOLO ONZE NA MANHÃ DAQUELE MESMO DIA



Naquela sexta-feira dos ventos, 7 de julho, de manhã ainda, Apolo Onze acordou com o barulho da chuva e pressentiu “vai acontecer uma tragédia”.

É claro que aquela chuva toda ia estragar a festa.

“O que é que vai ser de Desatino do Sul, minha Nossa Senhora da Alegria?”

A cidade tinha virado uma festa desde o dia em que Apolo Onze nasceu, treze anos, cinco meses e catorze dias atrás, e todo mundo ali era muito feliz assim daquele jeito.

Tudo começou na hora em que Madrugada falou “nós vamos ter um filho”. Apolo Dez começou a juntar dinheiro para a comemoração do nascimento do menino e os dois mandaram avisar para todo mundo.

CONVOCAÇÃO GERAL

Madrugada e Apolo Dez

convidam para a festa do nascimento de Apolo Onze.

Data: No dia que ele nascer.

Hora: Depende da hora.

Local: Desatino do Sul.

Traje: Bonito.

Obs.: Como a festa não tem data pra acabar é bom trazer escova de dentes.

Sempre que um Apolo nascia, os outros comemoravam.

Quando Apolo Dez nasceu, também tinha sido festejado por Apolo Nove, que já tinha sido festejado por Apolo Oito, que já tinha sido festejado por Apolo Sete e etcétera.

Era uma tradição na família.

Todos brincavam de contar Apolos, desde Apolo Um, até onde desse.

Se Deus quisesse iam chegar a Apolo Mil um dia desses.

Apolo Dez queria que a festa de Apolo Onze não acabasse nunca.

Por isso trabalhava tanto.

E ganhava dinheiro.

E guardava.

E trabalhava mais ainda.

E ainda mais.

Muito mais.

Mas muito mesmo.

Pois Apolo Onze não nasceu naquele ano, nem no outro, e nem no próximo.

Ele só nasceu sete meninas depois, quando Apolo Dez já tinha guardado quase uma fortuna, mais de oito anos de dinheiro.

A primeira das sete irmãs era tão maravilhosa que foi batizada de "Ilha de Rodes", porque nessa ilha foi construída uma estátua de Apolo chamada Colosso de Rodes.

Quando nasceu a segunda, maravilhosa como a primeira, recebeu o nome de: "Pirâmides".

Depois nasceu "Muralha da China".

Depois nasceu "Artemísia", nome que celebrava a princesa que mandou construir o Mausoléu de Mausolo.

Depois nasceu "Diana", uma homenagem ao Templo de Diana em Éfeso, mais uma maravilha que existe.

Depois nasceu "Alexandria".

Depois, "Babilônia".

E quando Madrugada ficou grávida pela oitava vez, Apolo Dez não sabia o que fazer, pois os nomes das sete maravilhas do mundo já

havam se esgotado.

O pai, a mãe e as irmãs gritaram bem alto: é um menino!
Benza Deus.

Apolo Onze nasceu forte, bonito e com uns cabelos compridos.

E ninguém nunca acreditou, mas Madrugada era capaz de jurar que durante toda a gravidez ela sentiu muitos desejos de desejo.

Falaram que aquilo era coisa de mulher em vésperas de parto, bobagens, invencionices, criatividade em excesso ou pouco juízo.

Ela assegurava que era verdade.

Sempre que ficava grávida, Madrugada tinha desejos muito estranhos.

Na primeira vez, ela desejou manhãs. (Sempre sofreu de insônia, a pobre da Madrugada, talvez por causa do nome, ou vice-versa.)

Na segunda vez, ela teve desejos de estrelas cadentes.

Na terceira, desejou girassóis.

Na quarta, apitos de trem.

Na quinta gravidez, desejou conchas do mar e Apolo Dez teve que encomendar não sei quantas, todas vindas do Mar Vermelho, que mais tarde viraram enfeites do quarto da menina.

Na sexta, ela sentiu desejos lancinantes de bolas de gude e muita gente apostou (e se enganou) que daquela vez ia nascer um menino.

Na sétima vez, ela desejou esquilos.

Na oitava, Madrugada teve desejos de desejos.

– Desejo de quê, meu amor?

– De desejo.

– Mas de desejo de quê?

– De desejo, Apolo Dez, já disse mais de mil vezes.

O marido trazia tudo o que se possa imaginar, raios de luz, balas de anis, pedras preciosas, cartas de amor, corujas, ouriços, pipas, tartarugas, doce de abóbora, morangos com creme, mas nada disso ela queria.

Apolo Onze puxou à mãe no que dizia respeito à preferência pela noite e aos tais desejos de desejos. Desde bebê, ele queria querer alguma coisa e não conseguia.

- Estranho. Um menino que tem tudo – comentavam.
- Tem até uma festa a vida inteira.
- Deve ser por isso mesmo.

Desatino do Sul parou para a festa que começou no dia em que Apolo Onze nasceu e depois não parou mais.

A casa de Apolo Dez e Madrugada vivia entupida de convidados que se espalhavam pelo salão, pelo jardim, pelo quintal, pelo pomar, ainda bem que o terreno era bem grande.

O pessoal das redondezas, e depois os de lugares mais distantes, todos vinham atraídos pelo evento. Passavam uns dias, se divertiam um pouco, e Desatino do Sul vivia disso.

Lá não se perdia tempo com outra coisa que não fosse festa.

Uma festa que não acabava nunca.

A festa do nascimento de Apolo Onze.

Madrugada quase ficou louca para organizar aquilo tudo, dia e noite, noite e dia, com Apolo Onze no colo e as sete meninas em volta.

Música, flores, doces, muita comida, bebidas, que mais? O gelo.

Uma festa que nunca acabava tinha muitas vantagens, mas dava muito trabalho, coisa que também significa vantagem, lá no mundo dos negócios.

A população passou a viver em função da festa.

Resolveram se dividir em turnos.

Uns festejavam de manhã, trabalhavam à tarde e dormiam à noite, outros preferiam as noites para a dança, outros não dispensavam um cochilo depois do almoço. Tudo arrumado de modo que sempre houvesse gente descansando, gente festejando e gente trabalhando, pois uma festa daquelas dava trabalho demais e

ninguém ali sabia, até então, que trabalho também podia ser divertimento.

Era tanto convidado que acabou se tornando obrigatória a presença de garçons para servir aquele pessoal todo. Olha aí. Não sei quantos novos empregos.

Todos os cantadores que existiam na cidade ainda eram poucos para tamanha exigência de música.

Para os sapateiros não faltava serviço, pois se tem coisa que acaba sapato é esse negócio de dançar em festa.

Os criadores de galinha ganhavam muito dinheiro: não sei quantos ovos para se fazer os doces, não sei quanto de miúdo, mais não sei quantos galletos.

A mulher do cachorro-quente vendia uma média de duzentos por dia, o que no final do mês dava uns seis mil e bastante.

O vendedor de amendoim quase não dava conta dos pedidos, quem não gosta de um amendoinzinho para acompanhar a besteira?

A cidade inteira vivia da festa.

O fornecedor de bebidas, o velhinho da confeitaria, a dona da butique, os floristas e, principalmente, os solteiros, as viúvas e os abandonados.



Dona Remédios da farmácia, por exemplo, passou a vender mais de quarenta saís de fruta por dia, além de uma quantidade enorme de xarope para o fígado, quadruplicando assim o seu faturamento.

Como ninguém tinha motivo para chorar nunca, o fabricante de lenços resolveu lançar uma coleção especial de lenços com motivos festivos, que servissem para se usar nos cabelos, amarrar no pescoço ou enxugar o suor da dama, depois de uma música mais alegre.

O professor de matemática, entre uma balada e outra, ia ensinando uma conta, uma fração, uma raiz quadrada ou uma equação para um ou outro interessado.

O professor de filosofia filosofava que "a única certeza que temos é a nossa ignorância" e tentava aprender novos passos de dança.

A professora de história ensinava a história do mundo para as crianças dormirem à noite, quando a festa sempre esquentava e, no dia seguinte, o professor de geografia tinha que explicar, coisa por coisa, onde ficavam a África, a Europa, a América, o deserto, o mar, os rios. Durante a explicação, tocava ora guitarra, ora trombone, ora pandeiro, por isso às vezes não dava para entender o que ele dizia direito. Devido a esse problema, algumas pessoas em Desatino do Sul passaram anos acreditando que ali era o Deserto do Saara, por causa do clima sempre seco, enquanto outras juravam que estavam no Paraíso, haja vista a felicidade em exagero.



A única pessoa da cidade que não gostava da festa, pelo contrário, era o dono do pedaço que não pertencia aos Apolos e, portanto, não era festa, era nada.

Explica-se. (Na cabeça dele.)

Noctâmbulo (esse era o seu nome) tinha um pedaço de terra e se achava muito importante por isso. Mas, enquanto o terreno de Apolo Dez e Madrugada vivia feliz, o dele, que era dez vezes maior, vivia triste. (Dez vezes mais triste, se poderia dizer, se tristeza se contasse em quilômetros quadrados.)

Antes de Apolo Onze nascer e de começar a festa que tomou conta da cidade, Noctâmbulo contava com a população toda só para ele, não sei quantas mãos para servir de mão-de-obra.

Depois que a festa começou, o povo descobriu que podia trabalhar por conta própria e se divertir, além de tudo.

Foi assim que ele perdeu, de uma vez só, todos os funcionários disponíveis no mercado.

Deixou de ser o dono do pedaço e passou a ser "o vizinho" somente.

Sentiu-se desimportante. Só. Abandonado.

Lógico que ele foi convidado para a festa várias vezes, mas sempre mandava dizer que não ia não, muito obrigado. Dava como desculpa sua ojeriza a comemorações. Argumentava que aquela alegria toda incomodava o silêncio das suas noites vazias.

Dizia-se que o motivo daquela implicância toda era outro.

Noctâmbulo, sujeito noctívago, sofria de insônia e de amor pelas horas noturnas, por isso vivia vagando noite adentro. Mas se ele foi realmente apaixonado por Madrugada, antes dela se casar com Apolo Dez, isso nunca foi provado.

Ouviam-se apenas comentários.

Conta-se que ele perambulava de meia-noite às seis da manhã, na esperança de vê-la, mesmo que fosse de longe. Fofoca? Quem sabe?

O que se sabe com certeza é que tudo que pode ser feito para acabar com uma festa, Noctâmbulo fez, pode apostar. Rogou praga, jogou pedra, acendeu vela, fez abaixo-assinado só com a sua assinatura, fez intriga, cara feia, desaforo, até que foi ao juiz reclamar do barulho e exigir uma solução.

O juiz foi averiguar, afinal era sua função, mas se divertiu tanto que terminou ficando lá. (Virou presidente do júri dos concursos de dança que aconteciam três vezes por dia e se sentia muito mais realizado profissionalmente do que antes.)

Desse modo, Noctâmbulo tinha que passar as madrugadas perambulando por dentro de casa, escutando de longe aquela felicidade sem fim ao seu lado, e como isso era triste.

Foi ficando cada vez mais sozinho e enfurecido, ele e aquele pedaço de terra que não servia para nada a não ser para olhar para ela.

Descobrir um plano infalível para acabar de vez com aquela desgraçada daquela festa passou a ser a razão da sua existência.

O que é que se pode fazer quando alguém implica com uma coisa e pronto?

Ter pena dele, coitado.

Porque na casa de Madrugada e Apolo Dez, o povo cada dia estava mais animado.

As sete meninas se apaixonaram por aquele bebê menino de cabelos compridos e louros. Todo dia, cada uma fazia uma trancinha nos cabelos dele, depois soltava, fazia de novo, de modo que quando Apolo Onze não estava com suas sete tranças (quase sempre), estava meio arrepiado.

O bebê passava de mão em mão, de dança em dança, de convidado em convidado, sempre com aquele seu jeito de quem não queria nada.

Nada mesmo, também não.

Da linhagem dos Apolos, Apolo Onze herdou a curiosidade sobre tudo o que se relacionava com a lua.

Herdou também a bandeira de Desatino do Sul, que ficava hasteada na porta do seu quarto, um estandarte azul-marinho com uma bola amarela no meio. Na bola, se lia a frase que Apolo Um repetia quando governou Desatino do Sul, lá no passado: "Toda loucura tem que ter um pouco de juízo e todo juízo tem que ter um pouco de loucura."



Segundo ele, aquela bandeira deveria ser hasteada na lua pelo Apolo que chegasse lá primeiro. (Apolo Um nunca teve a menor dúvida de que seria um descendente seu o primeiro homem a conquistar a lua.)

Todos os Apolos da família esqueciam a porta dos sonhos aberta o dia inteiro, motivo pelo qual os despropósitos escapavam para o pensamento deles a qualquer hora.

Vai ver eles faziam isso porque queriam.

No mundo real todo dia era sempre igual.

Tudo calmo.

Festivo.

Tranquilo.

Ensolarado.

Um dia igual ao outro.

Todo dia.

Não é de se estranhar que Apolo Onze tenha ficado tão surpreso quando acordou, na manhã daquela sexta-feira dos ventos, com a

chuva chovendo gotas bem em cima do seu telhado.

Ele pressentiu logo: "Vai acontecer uma tragédia."

É claro que aquela chuva toda ia estragar a festa.

A não ser que ele arranjasse um jeito de mandar logo ela embora.

Apolo Onze então pulou da cama e trocou de roupa correndo.

Quando chegou lá fora, que desgraça, o salão estava inundado.

Os guardanapos de papel não serviam mais para nada, os enfeites tinham murchado, a comida toda desmilinguida, os docinhos completamente ensopados. A bebida já não sabia mais até onde aquilo era ela, até onde era a água da chuva que tinha se misturado nos copos. O pessoal de Desatino do Sul estava desesperado.

A banda parou de tocar e decretou um intervalo. Não dava para cantar, tocar e se enxugar ao mesmo tempo.

A mulher do cachorro-quente, o vendedor de amendoim, dona Remédios da farmácia, todos olhavam para aquela nuvem preta lá em cima das cabeças e a nuvem preta lá parada, nem ligava, só chovia.

Aquilo já era uma tempestade.

Pela primeira vez, naqueles anos todos, a cidade parou.

Será que a festa acabou?

E Apolo Onze se sentiu na obrigação de fazer alguma coisa.

Ia sair por aí, sem capa nem galocha, para encontrar uma lógica para aquela chuva toda.

Ali não chovia há muito tempo.

O que é que estava acontecendo?

Quando chegou na frente do portão da sua casa, viu um sujeito indeterminado que acabava de pular o muro para dentro, montado em seu cavalo.

Só faltava essa.

Uma chuva e um ladrão juntos, às dez da manhã, e ainda por cima aquele vento?

MAPA DA REGIÃO DE DESATINO

Pode-se ver perfeitamente um ponto em cima, um ponto embaixo e uma ponte no meio.

Da presença da ponte se conclui que por ali passava um rio, isso parece evidente.

Ao pé da ponte, com o auxílio de uma lupa, dá para ver uma casa. Constava, em alguns mapas, que era uma casa mal-assombrada. Nos mais antigos, em pergaminho, havia até uma inscrição: PERIGO!

Mal-assombrada ou não, o fato é que a casa ficava exatamente no meio do mundo, bem no centro (vide seta), num lugar chamado Vale da Perdição.

O ponto de cima é Desatino do Norte.

O ponto de baixo é Desatino do Sul.

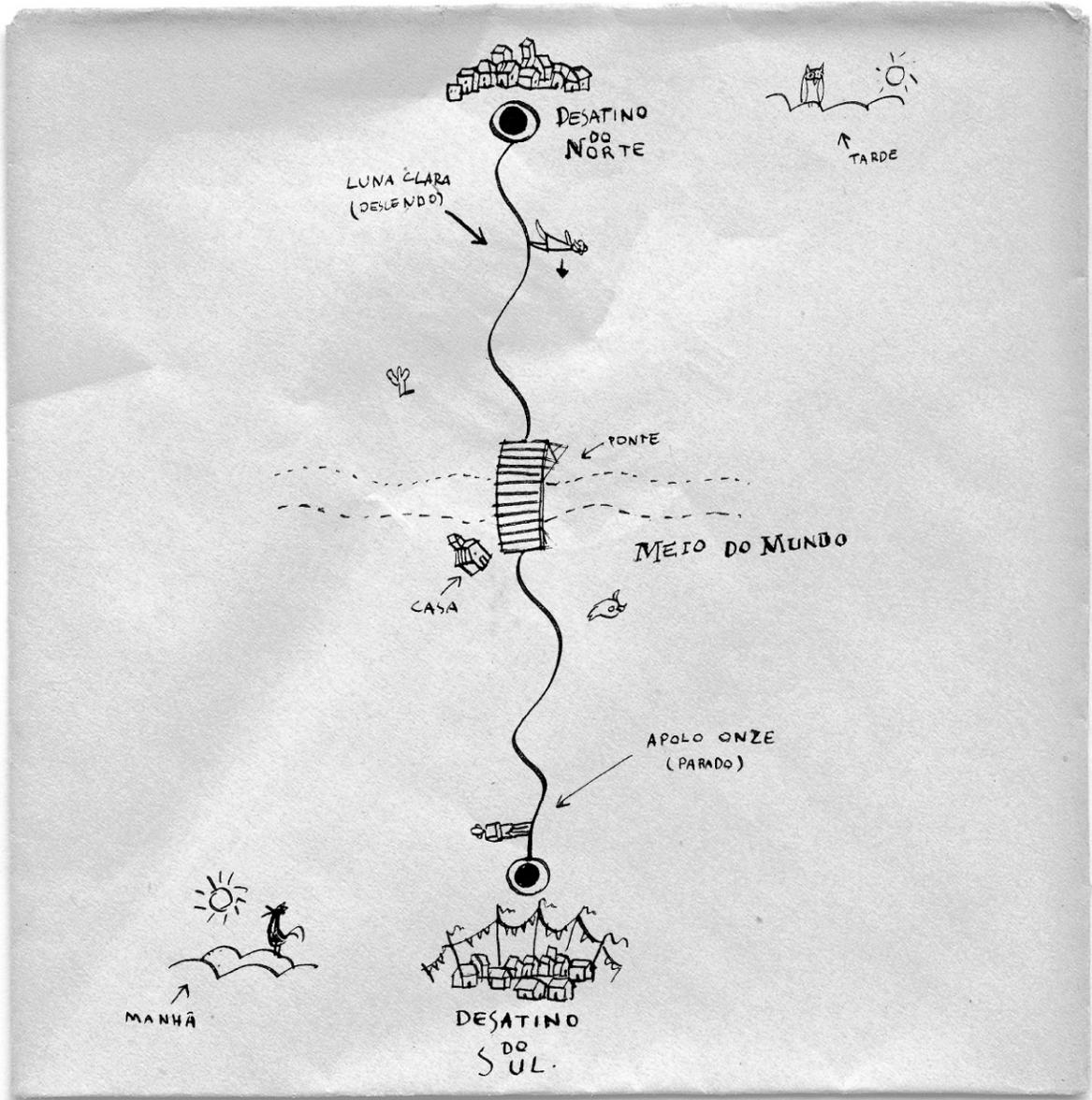
Ali em cima está Luna Clara, descendo.

Ali embaixo está Apolo Onze, parado.

Na história dele ainda é de manhã.

Na história dela já é de tarde.

O que acontecer entre uma hora e outra, entre um ponto e outro, e depois de tudo, será coisa de uma das estranhas coincidências do destino, muito provavelmente.



LUNA CLARA NO CAMINHO, ANTES DA PONTE



Luna Clara mirou a nuvem no céu e foi correndo pela estrada. Que sorte a dela ter encontrado aqueles dois homens encharcados.

Agora só faltava encontrar Doravante.

Era uma mistura de medo com felicidade com chuva com anoitecer com estrada o que Luna Clara sentia.

Sabia que estava correndo perigo, mas era por necessidade.

Para dizer a verdade, ela não sabia muita coisa do mundo, a não ser até a beira da estrada.

O resto era desconhecido. Exceto pelos comentários que se ouviam e imediatamente eram passados adiante.

Corria a lenda (pela estrada que ligava Desatino do Norte a Desatino do Sul) que era impossível passar por ali sem perder ou ganhar alguma coisa.

“Em algumas ocasiões, ganhar é que é bom, em outras o bom é perder, depende do que se esteja falando, que gozado”, ela ia pensando. Mas aquilo já era filosofia demais para alguém que está se aventurando num caminho ignorado.

O que se podia considerar como certo era o seguinte: todo mundo que já havia se arriscado a andar por lá chegou diferente do outro lado, não importa em que sentido estivesse indo.

Algo muito estranho devia ter acontecido com toda aquela gente.

Falavam que era culpa de uma velha, uma dona muito estranha que morava na casa do Vale da Perdição, com um montão de cães ferozes e milhões de outros mistérios.

Mas esse povo fala muito.

Luna Clara não era de se impressionar com histórias esquisitas e até que ia tranquila. (Mais ou menos.)

Mas quando deu de cara com uma matilha de cães imensamente enormes no caminho, levou um susto miserável.

Podia acontecer coisa pior?

Podia.

Assim que viram Luna Clara, os cães rosnaram para ela.

Então latiram.

Depois avançaram, com suas mandíbulas ameaçadoras.

Parecia história de Chapeuzinho Vermelho, mas não era. A estrada era perigosa mesmo. Bem que sua mãe dizia.

Foi por ali, um pouquinho mais adiante, que seu pai perdeu a sorte, Aventura perdeu a confiança no destino, seu avô perdeu todas as histórias que tinha colecionado na vida, e suas tias perderam a esperança, mais de treze anos antes.



MAIS DE TREZE ANOS ANTES



Naquele tempo, Seu Erudito, avô de Luna Clara, vivia pelo mundo com suas três filhas, colecionando histórias.

Valia tudo: mitos, novelas, lendas, fábulas, romances reais ou não, ou em prosa ou em verso, era indiferente.

Já tinha colecionado até ali 8.451 histórias de amor, 7.198 de aventura, 27 de terror, 3.012 comédias e 1.890 tragédias.

Contando com as 25.000 histórias que ele já sabia antes, sua coleção totalizava 45.578 histórias variadas.

Desde que ficou sozinho com aquelas três meninas para criar, Seu Erudito pegou essa segunda mania: andar, andar, andar, andar. (A primeira mania era botar nome de livro nas filhas.) Parecia até que ele tinha um bicho andador dentro dele. Não conseguia ficar parado sempre só numa cidade.

– Gosto muito de quatro coisas na vida – ele dizia. – Das minhas três filhas, das minhas quarenta e cinco mil quinhentas e setenta e oito histórias, de romãs e das minhas andanças.

Ninguém nunca entendeu muito bem aquela conta.

Divina, Odisseia e Aventura acabaram se acostumando com aquele pai como ele era.

Mas com os nomes que ele escolheu não se conformaram nunca.

Aventura da Paixão. Tudo bem. Odisseia da Paixão. Vá lá que seja. Mas Divina Comédia da Paixão também já era demais, Tia Divina pensava, por isso resmungava:

– Quando eu tiver uma filha, juro que escolho um nome que sirva.

Tia Divina não teve filhas, mas Aventura teve uma e escolheu esse nome, Luna Clara, contra a vontade do velho, que queria que a neta se chamasse Tutameia.

– Ela vai ter nome de livro e tenho dito e pronto – declarou Seu Erudito.

Mas isso já foi depois.

Vamos com calma.

Naquele tempo, Luna Clara ainda não existia, e seu futuro avô, sua futura mãe e suas futuras tias andavam pelo mundo guiados por uma bússola que apontava sempre para o Norte.

Onde chegavam, causavam sensação.

Eram três irmãs tão diferentes que atraíam a atenção de quase todos os tipos de rapazes.

Odisseia da Paixão sofria, chorava, se lamentava, se preocupava e se descabelava por qualquer banalidade. Um dia derramou mais de meio litro de lágrimas por causa de um tatu-bola entrevado. Imaginava que havia uma tragédia esperando por ela em cada esquina. “Que desgraça, que desgraça, que desgraça!”, dizia de tudo, inclusive das piadas mais engraçadas que Divina lhe contava.

Divina Comédia da Paixão foi o único bebê que riu, em vez de chorar, quando nasceu. Ela achava a vida tão engraçada que ria, ria, ria, ria, ria, ria o tempo todo, principalmente quando alguém tropeçava.

Aventura da Paixão gostava de corações (de preferência com flechas atravessadas), de proezas de heróis e cavaleiros, de poemas, almofadas peludas, canções de amor e de gatos.

A família se completava com um papagaio que Seu Erudito herdou do avô.

Pilhério era o papagaio mais apapagaiado que já existiu.

Tinha penas verde-limão, rosa-shocking, amarelo-berrante, azul-turquesa e laranja-fosforescente. Ficava lindo na luz negra. Falava pelos cotovelos (que no caso dele eram as partes dobráveis das asas) e sua cultura geral era realmente impressionante.

Se alguém de repente precisasse muito de qualquer informação, era só pedir:

– Por favor, Pilhério, o que vem a ser eufemismo?

– É o ato de suavizar uma ideia substituindo a palavra ou expressão por outra mais agradável, mais polida.

– Fiquei na mesma.

– Eufemismo é em vez de se dizer que você é uma burra completa, dizer apenas que você é um pouco desprovida de inteligência, sua burra completa! – ele simplificava.

Pilhério era ótimo em gramática e ortografia. Em acentuação, então, era mesmo um gênio.

– Gênio, acento circunflexo, pois se acentuam as paroxítonas que terminam em ditongo crescente, as oxítonas terminadas em O, E, A, as paroxítonas em R, L, N, X, todas as proparoxítonas e ditongos abertos...

– Fecha o bico, desgraçado – a pessoa precisava interromper, se não quisesse aguentar aquela lengalenga durante toda a viagem.

Quando não estava repetindo regras de acentuação ou se metendo na vida alheia, Pilhério demonstrava sua cultura derramando explicações, informações e todo tipo de coisas complicadas para quem se dispusesse a ouvir.

Adorava se exhibir e contar vantagem.

Dizia ele que tinha sido papagaio de um pirata importantíssimo, antigamente.

Esse tal pirata, Arcaico, o Antigo, pai da mãe de Seu Erudito, escondeu um tesouro valioso num lugar muito difícil, mas antes de morrer jogou fora o mapa.



Pilhério terminava a história se gabando de ser a única pessoa viva que sabia onde o tesouro estava.

– Você não é pessoa, é papagaio – alguém lembrava sempre.

– Por falar em papagaio, designação comum a várias espécies de psitacíformes...

O tagarela mudava de assunto sempre que uma conversa não lhe agradava.

A gaiola, construída com gravetos escolhidos a dedo, pintada a mão, e enfeitada com flores do campo, nunca foi usada e virou só

um trambolho a mais para a família carregar.

Ele era uma espécie de papagaio (psitaciforme, segundo ele próprio) que odiava ficar preso.

Preferia viajar no ombro de Seu Erudito.

Odisseia, Divina e Aventura recusaram pelo caminho muitas alianças de noivado, pedidos de casamento e promessas ardentes. Não tinham cruzado com o amor ainda.

O pai ficava aliviadíssimo.

Imagina se ia deixar as filhas no caminho com algum aventureiro.

– Deus me livre. E tenho dito. E pronto.

Foi num 23 de um janeiro.

Aventura completava dezenove anos naquele dia.

A família parou numa cidade chamada Desatino do Sul para passar a noite e, bem na hora em que eles chegaram, começou uma festa que não tinha data para acabar.

Aventura adorou a coincidência.

Como estavam sempre viajando, os aniversários da família eram comemorados mal e porcamente sem bolo, bolas, velas e brigadeiros, só com Pilhério cantando “Parabéns pra você” até ninguém suportar mais.

– Fecha o bico, desgraçado!



Aventura nunca tinha tido uma festa de aniversário antes.

Também não teria naquele dia, já que a festa não era para ela.

A não ser que ela fingisse que era.

Boa ideia!

Ela então vestiu o seu traje mais bonito, deu um laço no bico de Pilhério para ele não dizer nenhuma besteira, e foi para o meio da

festa do nascimento de Apolo Onze comemorar seu próprio aniversário.

Divina morreu de rir da maluquice.

Odisseia ficou preocupadíssima com aquilo: –“Onde já se viu entrar de penetra em festa alheia? Essa menina vai ser barrada.”

– Deixa ela e tenho dito e pronto – Seu Erudito resmungou.

Como é que ele ia imaginar que naquela mesma noite ia encontrar a história mais maluca da sua coleção e depois ia perder tudo no caminho?

Seu plano, a princípio, era dormir naquela cidade e no dia seguinte seguir viagem.

Acontece que tudo mudou de repente.

(Por uma estranha coincidência do destino) Aventura e Doravante cruzaram um com o outro justo debaixo da lua exatamente à meia-noite, nem um minuto mais cedo nem um minuto mais tarde, hora e local em que todo mundo se apaixona, isso já ficou mais do que provado.

O cenário era perfeito.

A lua.

A festa.

A hora.

As sombras.

Mas a questão não foi o cenário. (Tanta gente se apaixona por aí no sol quente, ao meio-dia, dentro de um ônibus lotado.)

Foi o quê, então?

Isso tem alguma espécie de classificação, esse sentimento todo?

Eles não sabiam.

Só sabiam que era ótimo.

Como quase todos os pais e as mães de todo mundo, os dois trocaram palavras, beijos e palavras.

– Eu quero casar com você Aventura – ele disse, num espacinho de tempo entre dois abraços.

Mas havia um problema enorme.

Um grave impedimento.

Aventura ia embora no dia seguinte com a família.

- Não tem problema eu vou com vocês.
- Você não conhece a cabeça dura do meu pai.
- Por isso não é letambém não conhece a minha.



Os dois cabeças-duras foram devidamente apresentados assim que o sol nasceu.

– Papai, Doravante. Doravante, papai.

– Muito prazer.

– O prazer é todo meu.

– Que língua é essa que ele fala, minha filha?

– Alíngua depressa que eu tenho de me casar urgentemente com Aventurinha hoje ainda.

– Ele falou a palavra casar ou foi impressão minha?

Seu Erudito ficou muito desconfiado, é evidente, com aquele amor apressado e de repente.

Como é que a louca da filha ia casar assim com o primeiro que aparecia?

Aventura argumentou que Doravante não era só o primeiro, ora, era Doravante. E que, além disso, eles já tinham acumulado tantas tralhas, fatos, novidades, flores, pedras e bichos de estimação pelo caminho, que era natural que terminassem acumulando também amores.

Até que aquele Doravante aparentava ser um camarada direito.

– Mas pra que tanta pressa? – Seu Erudito não se conformava.

Às vezes, quando mulher bota uma coisa na cabeça vira um negócio impossível.

Não é que ela conseguiu convencer o pai a concordar com o casamento, mesmo que a contragosto?

Para se fazer uma festa de casamento é preciso uma festa e um casamento.

Então.

A festa já existia.

E os noivos.

Além do amor, que nesses casos também é extremamente necessário.

Logo, só faltava mesmo o padre.

Não foi difícil encontrá-lo, apesar da multidão, já que ele era o único que usava batina.

Tinha ido batizar um menino que tinha nascido – um tal de Apolo Onze, isso lá é nome que se tenha? – e acabou ficando para a festa.

Com o padre devidamente arrastado para um canto, a cerimônia aconteceu, entre uma dança e outra.

– Senhor Doravante, promete amar Aventura para sempre, na alegria e na tristeza...

– Nas andanças pelo caminho! – lembrava Seu Erudito.

– ...na saúde e na doença...

– Nas andanças pelo caminho, não se esqueça!

– ...na primavera, outono, inverno, verão...

– Nas andanças pelo caminho!

– O senhor quer fazer o favor de ficar quieto? Que pai de noiva mais chato! – o padre se irritou, mas acabou utilizando o tal “nas andanças pelo caminho”, para ver se conseguia terminar aquela reza.

– Prometo – Doravante disse.

– Prometo – disse Aventura, na vez dela.

Equinócio ficou muito emocionado na hora em que o padre benzeu as alianças.

A banda então tocou a marcha nupcial e todos brindaram com champanhe.

Um pouco mais tarde, Doravante e Aventura passaram a noite exatamente como os apaixonados devem passar: acordados e sozinhos.

Divina e Odisseia, lá de longe, suspiravam: "Aventura é que é feliz".

Mas Aventura e Doravante suspiravam mais ainda.

Parecia até que eles sabiam que aquilo era mais que uma lua de mel.

Era também o começo da história de Luna Clara, cada beijo.

Infelizmente, às cinco da manhã em ponto, o galo cantou, encerrando a brincadeira.

E assim que o galo cantou, Seu Erudito chamou o casal com um só grito.

Avisou que ia ficar mais um dia em Desatino do Sul com as filhas.

Mandou Doravante ir sozinho na frente e esperar por eles na próxima cidade.

E nunca pensou que ia se arrepender tanto desse mandado mais tarde.

Todo mundo sabia que a estrada que ligava Desatino do Sul a Desatino do Norte era perigosa, passava-se pelo meio do mundo e pelo Vale da Perdição inclusive, e tal e coisa.

Por isso mesmo, Seu Erudito mandou Doravante ir na frente, ora, por causa do perigo.

Nada como um jovem forte, corajoso e sortudo para desbravar caminhos desconhecidos.

Mas teve também outro motivo.

Ele não queria carregar pelo mundo um aventureiro qualquer.

Só aceitava na família gente bem-intencionada.

Precisava primeiro ter certeza de que o amor de Doravante por Aventura era mesmo assim tão grande, pois "um amor que dura até o outro lado", ele dizia, "esse sim é um amor que vale a pena".

Chamou o genro num canto e fez um discurso enorme.

Falou dos perigos da estrada, dos perigos do amor e dos perigos da vida.

Doravante não teve um pingão de medo.

Respondeu que fazia questão de ir na frente para preparar o caminho e esperaria por eles em Desatino do Norte.

No fundo, bem que ele sabia o verdadeiro motivo de Seu Erudito.

Era para colocar o seu amor à prova?

Que ótima oportunidade.

E ficou até muito feliz e honrado de poder dar de presente de casamento aquela prova de amor para Aventura.

– Doravante segue viagem hoje, espantando os perigos da estrada e tenho dito e pronto, e nós ficamos. Amanhã nos encontramos todos em Desatino do Norte.

Mais uma noite na festa? Divina e Odisseia adoraram.

Aventura é que não estava gostando nada de ficar lá sem seu marido.

– Fiquem quantos dias quiserem. Eu vou hoje com Doravante.

O cabeça-dura ainda tentou explicar para a filha os motivos da sua exigência, contando histórias de traições, mulheres abandonadas, sozinhas, enganadas, dramalhões, “é melhor perder logo um marido que não presta do que passar a vida enganada com ele”.

Como não adiantou argumentar, apelou para o berro:

– Não vai não senhora. Você vai ficar e tenho dito e pronto.

Nessa hora, Doravante tirou Aventura para dançar por dois motivos. Primeiro, para se despedir da festa. Segundo, para os dois ficarem sozinhos um pouco.

Nos intervalos entre os beijos, explanou suas ideias: iriam na frente, preparando o caminho, ele, Equinócio e a sorte. Quando os dois se encontrassem novamente, na próxima cidade, todo mundo ia saber o tamanho do seu amor gigante.

Na hora da despedida, Aventura até chorou um pouquinho.

Depois se conformou.

Tinha confiança no destino. Os dois deram um beijo de uns três minutos mais ou menos.

Quando Doravante montou em Equinócio e partiu, ela teve só um pouquinho de medo.

– AgenteseencontraemDesatinodoNortenãosepreocupe – ele prometeu, antes de virar a curva.

Aquele foi o dia mais enjoado que Aventura já tinha vivido até então, para que serve um dia que só serve para esperar pelo próximo?

Ela ficou rodando pela festa feito tonta sem achar a menor graça em nada. Nem mesmo nas piadas de Divina e nas papagaiadas de Pilhério:

– Sabe aquela do papagaio que contava piadas de papagaio?

Ela não sabia. E nem queria saber. Não comeu, não falou, não sorriu, não dormiu, até que um dia chegou o dia seguinte.

Finalmente.

Parecia quase um século.

Quando o galo de Desatino do Sul cantou às cinco da manhã, pontual como era sempre, Seu Erudito juntou as tralhas, Divina e Odisseia deram um último adeus para a festa e Aventura deu graças a Deus.

A família seguiu seu caminho no seguinte estado:

Odisseia arrancava os cabelos de agonia.

Divina ia colocando o pé na frente dos outros para provocar tropeções e distrair o medo.

Pilhério foi cantando canções de ninar para fazer os perigos dormirem.

Seu Erudito até que estava calminho, apesar da péssima fama da estrada.

Mas o coração de Aventura estava todo alvoroçado.

Afinal, ia se encontrar com Doravante lá do outro lado.

No começo do caminho tudo ia bem, tudo tranquilo.

Um pouco mais adiante, Seu Erudito parou um bocadinho e consultou o mapa de novo.

– Temos pela frente mais um pedaço até a ponte, então atravessamos a dita, andamos mais um pedacinho e chegamos em

Desatino do Norte.

“Obrigada, Minha Nossa Senhora Do Falta Bem Pouquinho”,
Aventura corria e pulava apressada, só faltava um pedaço, uma
ponte e outro pedaço para rever Doravante.

Que alegria.

Mal sabia o coração de Aventura que a droga da chuva tinha
derrubado a porcaria da ponte.



LUNA CLARA E OS CÃES NA MESMA ESTRADA, MAIS DE TREZE ANOS DEPOIS, EM SENTIDO CONTRÁRIO



Luna Clara nunca imaginou que, se um dia tivesse que atravessar aquela ponte que sua mãe tanto odiava, estaria sendo perseguida por uma matilha de cães imensamente enormes (ou enormemente imensos?)

Que vida mais estranha.

Agora ela estava ali com aqueles cães latindo em volta dela e aquela ponte na frente.

Acelerou o passo.

E eles chegando perto.

Acelerou mais ainda.

E eles chegando quase.

Tropeçou, caiu, levantou, e os latidos bem pertinho, atrapalhando o barulho dos passos que queriam atrapalhar o silêncio sozinhos.

Au-au-au-au-au, três tempos, au-au-au-au, dois tempos, au-au-au, um tempo só...

"Ai, ai, ai, será que não vai aparecer ninguém pra me salvar na última hora, como sempre acontecem nas histórias?"

Pois veja só que coincidência.

Justamente nesse instante, um homem veio vindo pela estrada.

Se aquele desconhecido não tivesse aparecido para espantar os cães bem na hora, imagina só o que poderia ter acontecido.

Luna Clara olhou esperançosa para cima dele.

Nada de chuva.

Então olhou para baixo.

E em vez de Equinócio, malhado, viu só um cavalo velho, branco e meio manco simplesmente.

Não.

Infelizmente, o tal desconhecido não era forte e lindo como Doravante nos desenhos de Aventura.

Aquele não era seu pai.

Estava na cara.

Era só um transeunte.

Fosse lá quem fosse, chegou sem dizer uma palavra.

Desceu do cavalo. (Corajoso ele era, pelo jeito.) Pegou o primeiro cão e jogou para cima com tanta força que ele sumiu no céu e nunca mais voltou. Nem precisou fazer o mesmo com os outros. Todos os cães sumiram mata adentro. Fugiram assustadíssimos.

“Esses aí não voltam mais.”

Luna Clara pensou antes de dar um suspiro de agradecimento para o desconhecido já que sua voz não tinha a menor condição de executar esse serviço.

Ele sorriu então.

Tirou uma caixinha do bolso e deu para ela de presente.

“Que bonitinha!”

Mas a nuvem preta estava lá adiante e ela tinha que continuar a sua busca.

Por isso, sorriu de volta para ele e seguiu em direção à nuvem.

Ele tomou o sentido contrário.

Aquele homem devia estar muito apressado por algum motivo importante, ou não teria saído em disparada.

Lá de longe, gritou alguma coisa para ela, mas Luna Clara só ouviu o final da frase:

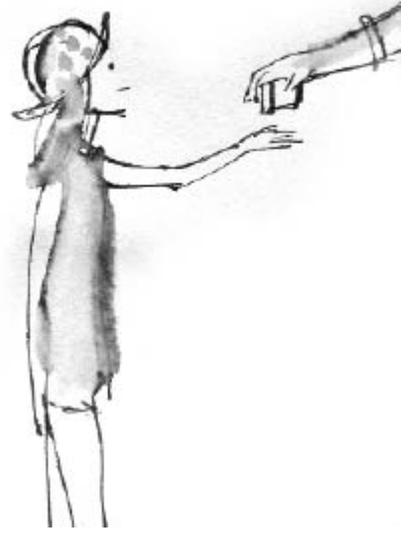
– ...perigosa!

“Perigosa, perigosa, perigosa”, ela foi repetindo no pensamento.

O dia já tinha escurecido.

Deviam ser bem umas sete da noite.

Que sexta-feira esquisita.



APOLO ONZE, O LADRÃO, O VENTO E A CHUVA NO COMEÇO DA MANHÃ AINDA



Eram dez e pouco da manhã.
Que sexta-feira esquisita.
Um vento e uma chuva juntos, e um ladrão ainda por cima?
Não podia ser.
Em Desatino do Sul não existiam nem tempestades nem ladrões.

Quem era aquele que pulou o muro então?

Como é que alguém entra na casa dos outros chovendo tudo, estragando a festa, sem nem pedir licença?

E o ladrão foi logo se desculpando:

– Desculpe o estrago a culpa é minha.

Não era ladrão.

Será que era estrangeiro?

Maluco?

E se ele fosse uma esfinge disfarçada?

Esfinge anda a cavalo?

O que aquele sujeito falava parecia até um enigma.

Apolo Onze precisava decifrar a frase.

Des culpe o estra goacul paémi nha? Não fazia nenhum sentido. Desculpe o estra goac ulp aémi nha? Pior ainda. De sc ul pe oe st ra go ac ul pa ém in ha? Nada. Desculpe o estra goacul paémi nha? Espera. Desculpe o estrago a culpa é minha!

– Se estra queia festa não foi minha vontade o problema é essa chuva que chove em cima de mim... – Doravante continuou, mas Apolo Onze pediu calma.

Não era fácil entender aquelas “palavras juntas” para quem não estava acostumado. Tinha que decifrar frase por frase. Se estraguei a festa não foi minha vontade o problema é essa chuva que chove em cima de mim...

– ...há muitos anos desde que eu perdi minha sorte e meu tudo junto de uma vez...

– Que azar!

– ...por isso dei essa volta do mundo procurando.

– Eu não acredito que você deu uma volta inteira no mundo a cavalo.

– Uma volta quase inteira faltasó uma cidade.

Equinócio deu um relincho de confirmação e levantou pela bilionésima vez as orelhas quando ouviu pela bilionésima vez Doravante perguntar:

– Será que a aventura está por aqui?

Infelizmente não estava.

Apolo Onze tinha certeza.

O sujeito ficou bastante decepcionado, parece, e lá daquele jeito dele contou a sua história.

Disse seu nome, sua idade, a que veio, para onde ia.

Veio do resto do mundo.

Ia para Desatino do Norte.

Era a última cidade que faltava para completar a volta.

Quanto mais Doravante falava, mais chovia a chuva, mais se alargavam as poças, e Apolo Onze ia ficando cada vez mais interessado.

Um homem que queria tanto assim alguma coisa, a ponto de atravessar o mundo por ela, era uma grande atração para um garoto que nunca conseguiu querer nada.

Ele estava completamente encantado.

E envolvido.

Será que podia ajudar?

Sem se meter.

Participar.

Opinar.

Dar seu parecer.

– Se você já procurou a Terra inteira, não encontrou Aventura em nenhum outro lugar, e ela não está aqui, só pode estar em Desatino do Norte com certeza – concluiu.

Lamentavelmente, àquela altura Doravante não tinha mais certeza de nada.

Depois de mais de treze anos de chuva, a pessoa vai ficando meio duvidosa, além de completamente ensopada.

– Tomaraquesim.

E se despediu.

– DesatinodoNorteaquivoueu.

– Espere que eu vou também.

Para que esse menino havia de querer acompanhar um sujeito tão azarado?

– Pra usar o verbo querer – explicou Apolo Onze.

– Isso é fácil eu quero tu queres ele quer...

– Se eu quisesse conjugar o verbo querer podia ficar aqui mesmo. Eu quero usar ele por aí.

– Porque você não usa o verbo ficar?

– Esse eu já usei demais. Agora eu vou com você.

– Sabia que existe uma coisa chamada dificuldade que mora em todo o caminho?

Apolo Onze não sabia. Nunca tinha saído de Desatino de Sul em toda a sua vida. Mas duvidava que qualquer dificuldade que existisse fosse mais alta ou mais gorda do que um bom motivo. Então argumentou que nunca tinha querido tanto querer alguma coisa assim, por favor, pediu, implorou.

– Só vou avisar mais uma vez andar comigo é um perigo menino.

Doravante sabia muito bem das dificuldades do caminho. Em compensação, sabia também que o verbo avisar e o servir vivem desconjuntados. Os avisos só servem atrasados. Quando servem, não servem mais, infelizmente.

– Obrigado pelo aviso, mas mesmo assim eu vou.

– Então tá – Doravante fingiu que concordou.

Mas lá com ele pensou: “logo logo ele vai desistir por ele mesmo.”

Nada melhor do que uma conclusão concluída pela própria pessoa, esse era o seu lema.

Apolo Onze entrou em casa e anunciou sua resolução para a família: ia partir com Doravante e a chuva para Desatino do Norte.

Seu pai engasgou, sua mãe tremeu, as sete irmãs gemeram sete nãoos.

E o pessoal da festa achou aquilo estranhíssimo.

Como é que um menino que nunca queria nada resolveu querer logo isso: sair por aí acompanhando um pobre de um homem

chuvoso, pingos, pingos e mais pingos, com um cavalo velho daqueles?

Como é que se abandona sua própria festa, me diga mesmo?

Como é que se faz escolha tão errada: em vez de ficar em casa, passar por perigos, gente?

A professora de história argumentou que se as pessoas não se aventurassem, esse mundo seria um mundo sem história. Citou o caso de Jesus Cristo, Vasco da Gama, Marco Polo, Joana D'Arc e Santos Dumont, entre outros.

O professor de filosofia afirmou que "todos os seres, seja qual for o reino a que pertençam, são igualmente livres" e portanto Apolo Onze era tão livre para partir quanto os outros eram livres para ficar. Quando ia começar a explicar o "dualismo da vontade", foi interrompido pelo vendedor de amendoins.

– Cada qual sabe o que quer. Amendoim torrado, quem vai querer?

O sapateiro lembrou a todos que quanto mais o debate se alongasse, mais tempo aquela chuva e aquele homem iam ficar ali esperando e chovendo, chovendo e esperando o resultado da discussão.

A mulher do cachorro-quente, pessoa muito falante, deu logo sua opinião.

– Por que a gente não finaliza essa falação e resolve de uma vez? Não aguento mais essa molhadeira.

– É isso mesmo. Deixem Apolo Onze ir pra se acabar logo com isso – o velhinho da confeitaria implorou, enquanto protegia suas pobres empadinhas embaixo das cadeiras.

Os garçons também defenderam o "direito de ir e vir" de Apolo Onze.

Está na Declaração dos Direitos Humanos.

Arremataram a defesa implorando que quanto antes ele fosse, melhor, já que eles próprios tinham o direito de ir e vir com as bandejas sem a chuva chovendo, é ou não é? Está na Declaração dos Direitos Dos Garçons Que Detestam Se Molhar.

– Se vocês gostam tanto de ir e vir porque não vão vocês? – a florista perguntou, enquanto enxugava com seu lenço florido pétala

por pétala de rosa.

– Porque a gente não quer, e além disso, atchim! – os garçons responderam em coro.

O professor de matemática fez umas contas e deduziu que depois que a chuva se afastasse eles iam levar cinco horas e meia mais ou menos para enxugar tudo e continuar a festa.

– Estão vendo como é melhor que Apolo Onze vá logo?

Madrugada encerrou a discussão.

– Boa viagem!

– Mas meu amor... – o pai de Apolo Onze ameaçou argumentar.

– É a primeira vez que esse menino quer uma coisa na vida, Apolo Dez.

Então o marido se calou. Sabia muito bem que quando mulher chega à determinada conclusão, geralmente é difícilimo fazer que ela mude de ideia.

E Dona Remédios da farmácia foi correndo buscar vitamina C, para o caso de Apolo Onze se resfriar durante a viagem.

As sete irmãs foram obrigadas a concordar.

Que jeito?

Um membro da família que resolve problemas até dá um certo orgulho na gente. Tanto é que Babilônia começou a se gabar de Apolo Onze ter virado herói nacional da cidade.

As outras seis irmãs corrigiram a mais nova.

– Herói

– Nacional

– Não é

– De cidade

– É de país

– Sua ignorante!

A cidade inteira foi em procissão até o portão para se despedir de Apolo Onze de longe.

Despedidas de perto têm a enorme desvantagem de uns verem os olhos tristes dos outros.

Apolo Onze disse apenas que um dia ia querer voltar, tinha certeza, e nesse dia voltaria.

Deu um beijo no pai, outro na mãe, sete nas irmãs, acenou e foi.

Apolo Dez e Madrugada colocaram os óculos tanto para disfarçar a tristeza quanto para analisar o acompanhante do filho.

Apesar da distância e da miopia, reconheceram Doravante.

– É aquele rapaz apaixonado que esteve aqui na noite em que começou a festa, lembra?

– O sortudo? É claro que lembro.

Madrugada nunca esquecia coisas da sorte, casos de amor, gelo para a festa, datas de aniversário, nem cerimônias de casamento.

– Sortudo

– Como

– Se não

– Para

– De chover

– Em cima

– Dele, ora?

Duvidaram as sete irmãs.

– Isso eu não sei responder – Madrugada respondeu.

– Mas que ele era sortudo antes, era – completou Apolo Dez.

Elas ficaram olhando o irmão se afastar com o homem e a chuva.

– Isso

– Deve

– Ter

– Sido

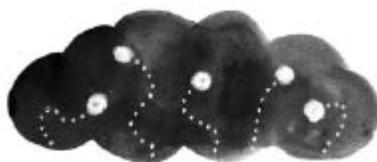
– Há

– Muito

– Tempo.



DORAVANTE



Realmente, Doravante foi um sujeito muito sortudo. Isso foi há muito tempo.

Tinha sorte na vida, nas provas, nas cartas, nas pedras, nos dados, nos búzios, nos dias, nas tardes, nas noites, nos sonhos, até no azar ele tinha sorte.

Se algo dava errado, no final ia dar certo, quer ver? Sempre dava.

Quando era pequeno ainda, encontrava tantos vaga-lumes nos passeios que até perdia a conta. Depois que cresceu e virou um rapaz, chegou, então, a uma conclusão muito importante. Se era tão sortudo assim, ia encontrar o maior amor do mundo, estava na cara.

Nem precisava procurar.

Tinha certeza absoluta de que o amor ia aparecer, assim, na sua frente.

– Eusóesperoque sejalo.

Doravante tinha pressa.

– Janeiro fevereiro março abril maio junho julho agosto setembro outubro novembro dezembro...

Foi numa noite enluarada de um 23 de janeiro que ele viu um cartaz pregado numa árvore, durante um dos seus passeios.

CONVOCAÇÃO GERAL

Madrugada e Apolo Dez

convidam para a festa do nascimento de Apolo Onze.

*Data: hoje.
Hora: Daqui a pouco.
Local: Desatino do Sul.
Traje: Bonito.*

Obs.: Como a festa não tem data pra acabar é bom trazer escova de dentes

“Obaadorofesta!”, ele vestiu o seu traje mais bonito, botou a escova de dentes no bolso, caçou três vaga-lumes para dar de presente ao recém-nascido, montou em Equinócio e galoparam para Desatino do Sul imediatamente.

Naquela mesma noite, quem diria, encontrou Aventura.

E ele se tratava de um sujeito tão sortudo que cruzou com ela justo debaixo da lua, exatamente à meia-noite, nem um minuto mais cedo nem um minuto mais tarde, hora e local em que todo mundo se apaixona, isso já ficou mais do que provado.

Casaram no dia seguinte.

Olha que sorte absurda.

Passaram a noite de lua de mel debaixo de uma árvore, escondidos da festa, com a lua lá em cima, ele e ela, apaixonados e sozinhos.

Olha aí a sorte de novo.

Parecia até mais que uma lua de mel.

Será que são sempre tão cheios de beijos os começos das histórias?

Doravante não teve um pingo de medo quando Seu Erudito, na manhã seguinte, ordenou que ele fosse na frente para a próxima cidade.

Sabe aquele discurso enorme sobre os perigos do amor, da estrada e da vida?

Tudo desculpa para mandar que ele seguisse sozinho para Desatino do Norte.

Tudo para colocar à prova o seu amor por Aventura.

Tudo bem. Qual o problema? Doravante adorava desafios e aquela era uma ótima oportunidade para dar uma prova de amor para Aventura, de presente de casamento.

Tirou ela para dançar e, no intervalo entre os beijos, explanou suas ideias: iriam na frente, ele, Equinócio e a sorte, preparando o caminho. Quando se encontrassem novamente, na próxima cidade, todo mundo ia saber o tamanho do seu amor gigante. Queria mostrar para Seu Erudito quem era Doravante.

Na hora da despedida, Aventura até chorou um pouquinho.

Depois se conformou.

Tinha confiança no destino.

Os dois deram um beijo de uns três minutos mais ou menos e, quando Doravante saiu, montado em Equinócio, não teve nem um pouquinho de medo.

– AgenteseencontraemDesatinodoNortenãosepreocupe! –
prometeu, antes de virar a curva.

“Aventuraventuraventuraventura...”, ia cantando no caminho.

Foi bem no meio do mundo que aconteceu o acontecido.

Na única casa que havia no Vale da Perdição, perto da ponte, morava a tal dona estranha lá com seus cães ferozes, seus mistérios, e ainda mais dois empregados.

Não era nada fácil para os coitados dar conta de todo o serviço.

A velha só exigia exigências difíceis.

Naquele dia, por exemplo, Imprevisto e Poracaso estavam em cima da figueira colhendo figas para a patroa.

Era meio impossível, raciocinavam.

Figueiras não dão figas.

Dão?

Não.

Dão figos.

Então.



Estavam com um problema enorme.

É que a patroa ficava ainda mais exigente quando jogava e naquela tarde ela estava mais exigente ainda, além de muito mal-humorada, pois tinha perdido algumas partidas.

Já tinha exigido café, biscoitos, quatro pés de coelhos de quatro coelhos distintos, um trevo de quatro folhas, uma rosa amarela, uma pomba, e agora mais essa: uma figa.

Ninguém jamais entrou na casa da dona estranha.

Nunca se soube com quem ela tanto jogava.

Será que era casada, solteira, viúva?

Havia quem arriscasse que ela jogava com fantasmas.

Havia quem pensasse que ela encarcerava um prisioneiro lá dentro.

Havia quem desconfiasse de que ela criava zebras no sótão.

Havia quem jurasse que ela era alguém interessante.

Havia quem se orgulhasse de já ter ouvido sua voz de velha, de longe.

Seria bonita, feia, gorda, magra, teria no nariz uma verruga?

Imprevisto e Poracaso não podiam esclarecer essas dúvidas.

Não conheciam a dona estranha pessoalmente.

Ela só saía de casa à noite, quando eles já estavam dormindo.

Eles eram terminantemente proibidos de entrar na casa e só se comunicavam com a patroa através de uma janela fechada. O que ela pedia, colocavam no parapeito. Quando eles se afastavam, ela apanhava suas encomendas.

No começo, os dois ficavam curiosos e se escondiam atrás da figueira para espiar a velha.

Mas parece até que ela sabia.

Só abria a janela quando não tinha ninguém olhando.

Na hora em que Imprevisto e Poracaso avistaram Doravante vindo pela estrada, tiveram a esperança de que ele pudesse ajudá-los.

– O senhor teria uma figa por acaso?

– Infelizmente não tenho.

Foi quando se ouviu um grito vindo de dentro da casa e o grito era tão grande e tão forte que chegou a provocar um relâmpago de ofuscar os olhos, seguido de um trovão estrondoso.

– Ganhei essa! – gritou a velha.

E lá de fora deu para ouvir sua gargalhada de velha gargalhando.

E os dois empregados deram graças aos céus duzentas vezes.

Se ela tinha ganho, ora, agora ia ficar mais calma.

Menos rabugenta.

Que sorte.

Foi aí que começou o azar de Doravante.

Que coincidência.

Primeiro foi o vento.

Um vento que faria voar as saias de todas as moças, com certeza, se tivessem moças ali por perto. Aquele devia ser o mais brincalhão dos 32 ventos que existem, tanto é que, só para atormentar, apagou a fogueira que Imprevisto e Poracaso mantinham acesa por causa do frio. Para completar, derrubou os dois de cima da figueira com um sopro mais forte.

Então começou a chuva.

Um pingo grosso, outro, mais três, mais cinco, mais vinte, mais trezentos e trinta, mais novecentos e quarenta, até que não dava mais para contar.

Imprevisto e Poracaso logo correram para dentro do curral, fugindo do temporal, e nem convidaram Doravante para entrar um minutinho.

Misturada com o barulho da chuva se ouvia perfeitamente, vindo de dentro da casa, a voz de velha da velha gritando:

– Que sorte, que sorte, que sorte, que sorte, que sorte!

“Que estranho.”

Doravante ainda pensou um minuto e dez segundos se devia esperar a chuva passar ou não, mas decidiu continuar a viagem.

Uma hora aquela chuva ia parar.

Tudo para uma hora na vida.
Continuaram a andar, então, Doravante e Equinócio.
O problema é que a chuva foi com eles.

Assim que pisaram na ponte, sentiram que ela era meio bamba.
Bem bamba, aliás.

Nem assim Doravante vacilou.

Com a sorte que ele tinha, não existia chuva que derrubasse
ponte, confiou, porque não sabia ainda que havia perdido a sorte.

Equinócio só não empacou porque foi mandado.

– O que é isso Equinócio tá ficando medroso?

Estava.

Medrosíssimo.

É óbvio.

O vento noroeste soprava dali, o sudeste respondia daqui, os pingos pareciam feitos de chumbo, e a ponte balançava feito uma rede, para lá e para cá, para lá e para cá, para lá. Doravante se agarrou com toda a força nas cordas da ponte mas os troncos de madeira giravam, tremiam, se disjuntavam. A ponte oscilava de um lado para o outro como um pêndulo furioso, explicando melhor, como uma colher de pau batendo um bolo, explicando melhor ainda, como uma ponte frágil feita de cordas e troncos balançando de um lado para o outro debaixo de uma tempestade.

Doravante e Equinócio chegaram do outro lado sãos e salvos, apesar do susto.

Mas a ponte que tinha ficado para trás desmoronou inteirinha.

Tinha a chuva caindo no chão, os troncos da ponte caindo na água do rio, o assobio do vento, e o barulho era tão grande que Doravante nem percebeu que a tempestade havia derrubado a ponte atrás dele, atrapalhando demais a sua vida.

Seguiu em direção a Desatino do Norte.

Olha que falta de sorte.

Bastava ter olhado para trás e tudo teria sido diferente.

Teria voltado para buscar sua Aventura a nado, se tivesse visto que ela tinha ficado ilhada do outro lado.

Mas ele só olhava para frente.

Que azar de Doravante.

Seguiu viagem um pouquinho preocupado com a insistência daquela chuva em cima dele.

Estranhou a quantidade de vezes que tropeçou, escorregou e soluçou, essas coisas não aconteciam antes.

Mais anormal ainda foi o fato de ter encontrado um gato preto, três cascavéis enormes, um enxame de abelhas nervosas, e nenhum vaga-lume, afinal que azar era aquele?

Mas só quando chegou em Desatino do Norte, ensopado, cansado e faminto, Doravante finalmente se tocou que tinha perdido a sorte no caminho.

Na falta de guarda-chuva, era necessário arranjar um lugar para se abrigar naquela noite. Aproveitou uns entulhos que encontrou na beira da estrada e construiu uma imitação de cabana. Equinócio ajudava trazendo coisas como paus, pedras ou flores, com os dentes.

Quando o trabalho ficou pronto, ambos estavam exaustos.

– Até que ficou mais ou menos.

Cavalo não liga muito para arquitetura. O que ele queria mesmo era comida. Quando achou um monte de capim-santo atrás da cabana, pensou: “Obrigado Minha Nossa Senhora da Comida Gostosa Para Quem Tem Muita Fome!”

Apesar de esfomeado, Doravante não conseguiu comer. Nem sorrir. Nem viver.

“Nodias seguinte”, quando Aventura chegasse, “tudo ia melhorardenovo”.

Beijos e beijos e beijos e beijos, ele sonhou com ela a noite inteira.

Mas o dia seguinte chegou e nada de Aventura.

E aquela chuva.

E o vento.

A neblina.

“Será que eles passaram e eu não vi?”

“Claro que não.”

“Devem ter se atrasado um pouco.”

No outro dia, Doravante já estava louco de ansiedade, cansado de olhar aquela estrada vazia, e resolveu sair procurando Aventura pela cidade.

Morria de medo de que ela tivesse chegado entre quinze para as quatro e cinco e quinze da manhã, exatamente na hora e meia em que ele dormia. (É claro que isso não era possível, pois ele dormia quarenta e cinco minutos com um olho enquanto o outro ficava ligado.)

Bateu de porta em porta: “Será que Aventura está por aqui?”

– Não está não senhor – era sempre a resposta.

Ninguém o convidava para entrar um pouco.

Quem havia de querer uma chuva dentro de casa?

A única pessoa que lhe deu atenção foi um inventor meio maluco que vendia suas invenções numa carroça velha e feia, que servia de loja, casa e escritório.

Se não inventasse tantas inutilidades, talvez ele ganhasse dinheiro. Mas quem ia querer um espremedor de pedras, uma bicicleta para se andar de costas, um livro sem nenhuma letra, uma música sem nenhuma nota e outras bobagens do tipo?

No dia em que eles se conheceram, o inventor estava contentíssimo porque tinha arranjado um novo parceiro nos negócios, alguém de uma cultura geral impressionante.

– Um excelente assessor de invenções – ele se vangloriou.

– Que bacana quem é esse?

– É alguém muito tímido que prefere se manter incógnito, mas eu vou me apresentar.

Tirou do bolso um cartão de linho com letras douradas e entregou para Doravante.

Leuconíquio Lucrécio de Luxor.

– MuitoprazermeunomeéDoravante.

Leuconíquio então se pôs a contar a sua vida num palavreado cheio de proparoxítonas e aumentativos. Era descendente da Baronesa de Luxor, uma mulher magnífica, milionária e célebre que, no passado, foi a única proprietária da região de Desatino, da Córsega, da Bélgica, dos córregos, dos pássaros, das pérolas e de tudo que era lindíssimo. Relatou que nasceu num castelo monumental, morou em muitas mansões, comeu faisões, usou fraque e cartola, esbanjou moedas de ouro, até que seu pai perdeu tudo na guerra.



– Queguerra?

– O mundo dos negócios é uma guerra, Doravante.

Leuconíquio respondeu com seu jeito de tataraneto de baronesa. E concluiu:

– Não chega a ser bizarro um sujeito como eu estar hoje aqui vendendo quinquilharias numa carroça?

– Muitobizarro – Doravante respondeu, sem nem saber o que era bizarro.

E Leuconíquio continuou a contar seus feitos.

Só não contou que, até ir vender quinquilharias em sua carroça, viveu de vender rifa, bilhete de loteria, terreno que não existia, horóscopo inventado na hora, conselho que não prestava, promessa, corrente, aviso falso e informação errada.

Em vez disso, deu pormenores de sua árvore genealógica e suas tão nobres origens.

Doravante detestava frases difíceis, por isso pediu:

– Quetalumaconversamaisbesta?

– Vamos deixar pra amanhã? Agora eu tenho uma reunião de negócios com meu novo parceiro.

O tempo foi passando.
Mas a chuva não passava.
E Aventura não chegava.
"Queazaréesse?"

Doravante dormia cada vez menos tempo de cada lado, com medo dela chegar enquanto ele estava dormindo. Vivia cansado e ansioso, ora bocejava, ora fantasiava esquisitices. É que, quando alguém gosta tanto de alguém, corre sempre o risco de ficar imaginando coisas.

Se cavalo falasse, Equinócio teria uma lista de coisas para dizer para Doravante.

- Que ele se acalmasse.
- Que as pessoas se atrasam, às vezes.
- Acontece.
- É natural.
- Que Aventura nunca iria faltar àquele encontro.
- Que Doravante já estava ficando neurótico.

Neurótico ou não, foram se passando os meses e nada.

Desde a chegada dos três, as ruas ficaram desertas e alagadas.

Logo eles ficaram conhecidos em Desatino do Norte como "a chuva chata, o esperador azarado e seu cavalo bobão".

É que quando Equinócio via o dono sofrer se emocionava bastante.

Doravante diariamente cumpria sua rotina.

Dormia um pouquinho de cada lado, de manhã olhava a estrada vazia e ia procurar Aventura na cidade.

Foram meses de aflição, sempre esperando, com aquela chuva toda em cima.

Muitas vezes ele pensou em voltar a Desatino do Sul para ver o que tinha acontecido, mas desistia por duas razões, uma clara e

uma escura.

A razão clara era que haviam marcado em Desatino do Norte e ele não queria mais nenhum desencontro.

A escura era aquela nuvem preta em cima dele que atrapalhava tudo.

E a chuva.

E o vento.

E a neblina.

“Seeuforaté lá eelaseesconderdachuvasemsaberqueédemimque estáescondendo?” – pensava.

E os meses iam passando.

E nada de Aventura.

Diariamente, ao entardecer, ele usava os ouvidos de Leuconíquio para despejar seu sofrimento. Explicava como ela era linda, e a demora exata dos seus olhos, e o efeito especial do seu sorriso. Fazia comentários sobre o sogro, as cunhadas, o papagaio, detalhe por detalhe, o encontro, o namoro, o casamento.

Leuconíquio já sabia aquela história até de trás para frente.



A INVENÇÃO DE LEUCONÍQUIO



Durante esse tempo todo, Leuconíquio nunca apresentou seu parceiro misterioso a Doravante, nem explicou como é que suas invenções foram melhorando de qualidade tão sensivelmente.

O fato é que os negócios prosperaram e ele se deu muito bem com suas vendas.

Primeiro vendeu guarda-chuvas, de porta em porta, e ganhou bastante dinheiro.

Um dia, quando todas as pessoas de Desatino do Norte já tinham comprado seu guarda-chuva, ele torturou seu parceiro penosamente.

– Você é um assessor de invenções muito fraco. Eu quero a melhor ideia que se pode ter.

– A melhor ideia que se pode ter, já tiveram. Foi a roda. A não ser que você invente o rodo.

E Leuconíquio inventou o rodo.

Quando todas as pessoas já tinham seus rodos, ele se pôs a vender capas de chuva amarelas.

Logo todas as pessoas já tinham capas de chuva amarelas e começou a venda de galochas.

Quando todo mundo já tinha galochas, vieram as sacolas plásticas.

Depois toldos.

E depois um quebra-cabeça bem difícil para as pessoas terem o que fazer nas noites chuvosas dentro de casa.

Depois, ele vendeu declarações de amor. Quem não gosta de ficar namorando bem juntinho com a chuva chovendo lá fora? Daí

começou a vender lençóis de cetim, camisolas de seda, perfumes franceses, incensos, lindas canções, a radiola.

Até que todas as ideias para artigos de chuva se esgotaram e a população inteira já tinha comprado rodos, guarda-chuvas e declarações de amor suficientes.

Resultado: as vendas caíram bruscamente e Leuconíquio ficou praticamente falido.

Estava na hora de inventar uma novidade para vender.

– Invento o que pra tirar dinheiro desse povo? – ele perguntou para o assessor de invenções.

Quando seu parceiro descobriu que estava sendo explorado e ajudando a explorar os outros, fechou o bico e não deu mais nem uma ideia.

E Leuconíquio teve que pensar sozinho.

Pensou.

Pensou.

Pensou.

Então uma pena veio voando.

Voando.

Voando.

Voando.

Caiu bem no seu colo.

Olha que coincidência: isso lhe deu uma ideia na hora.

E que ideia maligna.

Premissa 1: Se os artigos para chuva tinham caído de moda, era melhor que aquela chuva parasse logo. Como é que um camelô podia sobreviver se as pessoas nunca saíam de casa?

Premissa 2: Para parar a chuva, só arranjando um jeito de mandar Doravante embora.

Já era mais do que hora. Ninguém aguentava mais dia chuvoso em Desatino do Norte.

Variantes: “Coitado de Doravante. Tão amigo. Tão bacana. Pessoa tão perseverante.”

Por outro lado, talvez, aquilo fosse melhor para todos.

Além de trazer o sol e os clientes de volta às ruas da cidade (motivo primeiro), nove meses era tempo demais para se chegar de Desatino do Sul a Desatino do Norte e a tal da Aventura já devia ter passado há muito tempo (motivo segundo).

Talvez ela não chegasse nunca.

E o pobre do Doravante esperando.

Leuconíquio então tentou se convencer de que mandar Doravante embora talvez fosse até um favor que fazia para o amigo.

Dedução: Estava resolvido.

Guardou a pena no bolso e foi tratar da vida.

Poria sua ideia em prática no dia seguinte, à tardinha.

Doravante nunca ia esquecer aquele dia.

23 de outubro.

Ele e Equinócio passaram o dia procurando Aventura pela cidade, como faziam diariamente. No final da tarde, foi visitar Leuconíquio na carroça e encontrou o amigo bastante mal-humorado.

– Aconteceu alguma coisa?

– Quase não dormi essa noite. Entre quatro e cinco da manhã mais ou menos, acordei com alguém dizendo regras de acentuação sem parar nem um minuto. Parecia até um papagaio!

– Será que era Pilhério?

– Foi exatamente o que eu pensei. Por isso fui lá fora ver se era.

– Era ele?

– Isso eu não sei, pois, fosse quem fosse, já havia passado.

– Passado para onde?

– Lá pros lados do Norte. Mas olha só o que eu encontrei bem no meio da rua.

Então Leuconíquio mostrou para Doravante uma pena turquesa com um bilhete amarrado.

– Um azul assim não existe outro.

– Me fez até lembrar o céu. Há quanto tempo não o vejo.

– E o que é que tem escrito no bilhete?

– Como é que eu posso saber? É falta de educação abrir correspondência alheia.

Mas Doravante não quis saber de educação naquela hora.

Pegou o bilhete da mão de Leuconíquio e abriu.

Era de Aventura.

“ALGO TERRÍVEL ACONTECEU ME OBRIGANDO A FICAR LONGE DE VOCÊ. A PONTE ENTRE NÓS DOIS SE PARTIU. MEU AMOR TORNOU-SE IMPOSSÍVEL. ENCONTRAR VOCÊ COMO COMBINAMOS NÃO VAI DAR. PRA SEGUIR AGORA, SÓ SEM VOCÊ. TUDO É MUITO TRISTE, MAS SIGO CAMINHO. QUANDO DER, A GENTE SE VÊ. LOGO, BOA SORTE PRA VOCÊ. ESPERE POR MIM NÃO. ME ESQUEÇA, DORAVANTE.”

– Que algo tão terrível pode ter separado agente?

– Acho que a gente nunca vai saber – Leuconíquio respondeu. – A não ser...

– ...que eu vá atrás dela.

– Às vezes eu fico impressionado com a sua inteligência.

“O que será que aconteceu?”

“Um desgraça?”

“Um malentendido?”

“Uma ameaça?”

“Um empecilho?”

“Deveter sido algo muito sério.”

“Senão ela não teria seguido sem mim assim às pressas.”

Se cavalo falasse, Equinócio diria que aquilo tudo era um grande absurdo.

Aventura jamais iria continuar sua andança sem a presença do marido.

Se a família tivesse realmente passado pela estrada, eles teriam ouvido da cabana.

Aquela história estava meio mal contada.

O inventor estava inventando aquilo por algum motivo.

Isso era apenas uma intuição, já que Leuconíquio tinha a pena e o bilhete como prova.

Mesmo assim...

Será que ele...?

Será que ela...?

Não.

Aventura nunca faria uma coisa dessas com Doravante.

De amor, isso Equinócio entendia.

Sempre foi sensível para essas coisas e nunca, até então, tinha visto olhar mais apaixonado do que o dela.

Nem mais demorado.

Nem mais nítido.

Quando olhava para Doravante, o olhar de Aventura denunciava logo o seu sentimento.

Era amor de verdade e quem ama de verdade não vai embora assim sem maiores explicações.

Pena que cavalo não fala.

E que a paixão seja tão amiga da agonia.

Doravante pediu uma sacola plástica para Leuconíquio, colocou o bilhete dentro dela para protegê-lo da chuva, dobrou direitinho e guardou bem guardado no bolso. Então montou em Equinócio e se foi, ensandecido, tentar alcançar sua Aventura e entender o que havia acontecido.

Eram oito e vinte da noite quando ele pegou a estrada para o Norte, sem nem se despedir da sua cabana. Lá se foram depressa, ele, Equinócio e a chuva pelo mundo, tentando recuperar o tempo perdido.

– Adeus Leuconíquio!

– Bons ventos, Doravante!

Que dia infeliz aquele.

Por azar (ou por uma estranha coincidência, diriam os mais otimistas), Doravante foi embora da cidade justo no dia mais impróprio, fato que provocou uma confusão enorme.

Ou isso não seria uma história de amor cheia de perigo, tristeza e felicidade.

MAPA DO MUNDO

O ponto de cima é Desatino do Norte.

O ponto de baixo é Desatino do Sul.

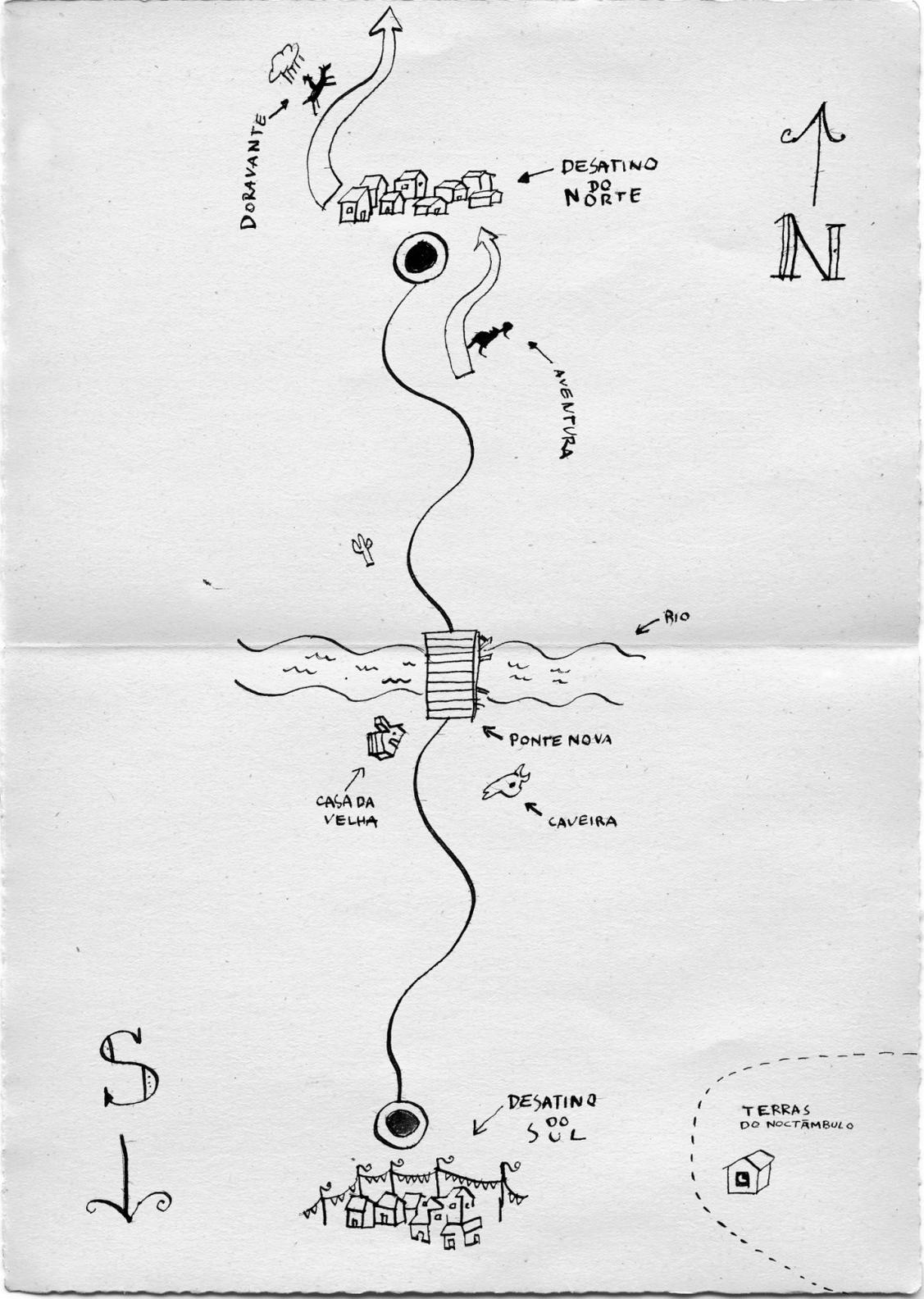
Em cima do ponto de cima é o Norte.

Embaixo do ponto de baixo é o Sul.

Doravante foi para cima.

Aventura veio de baixo.

Foi assim que eles se encontraram pelo mundo.



O DESENCONTRO (PARTE 1)



O desencontro em si começou nove meses antes, quando Seu Erudito, Divina, Odisseia e Aventura saíram de Desatino do Sul (no dia seguinte ao que Doravante tinha saído), na hora em que o galo cantou, de manhã bem cedo ainda.

Assim que arrumaram as tralhas, Divina e Odisseia deram um último adeus para a festa, Aventura deu graças a Deus, e a família seguiu seu caminho.

Odisseia ia arrancando os cabelos, Divina provocando tropeções nos outros, e Pilhério foi cantando canções de ninar para fazer os perigos dormirem.

No começo do caminho, tudo ia bem, tudo tranquilo.

Faltava bem pouquinho para chegar, ai meu Deus que coisa boa.

O problema se deu ali, bem no meio do mundo, e era um problema intransponível.

A ponte tinha caído.

Não era à toa que aquele lugar se chamava Vale da Perdição.

Dá para imaginar como eles perderam a graça e o sentido?

Talvez não. A tristeza que o coração de Aventura sentiu quando viu aquele buraco com um rio embaixo e sem ponte em cima, essa nem nome tem, só dá para saber sentindo.

– E agora, Minha Nossa Senhora Do Meu Amor Está Lá Longe, como é que eu vou atravessar para o outro lado?

Impossível, Aventura.

Com a ponte derrubada não havia como seguir viagem.

E ela sentiu um negócio que só podia se chamar desespero, dentro dela, apenas de cogitar a hipótese de se desencontrar de

Doravante.

Dois rapazes, desolados com a tragédia, arrancavam seus não sei quantos milhões de fios de cabelo enquanto tentavam reacender sua fogueira. O carvão estava encharcado.

– Foi uma chuva forte – chegou aqui ontem – desaguou tudo – derrubou a ponte – e seguiu pro Norte.

Eles explicaram, lamentavelmente em versos, enquanto apontavam seus quatro braços, suas quatro mãos e seus vinte dedos para o lado de lá do buraco.

Que desgraça, que infortúnio, que azar infeliz era aquele, como é que podia ter ocorrido algo assim tão terrível? – Aventura estava aos prantos.

O jeito agora era reconstruir a ponte, não havia nenhum outro.

Imprevisto e Poracaso se dispuseram a começar a trabalhar na reconstrução naquele mesmo dia e ofereceram o curral onde moravam, atrás da casa da patroa, para hospedar a família.

Seu Erudito ficou desconfiado com tanta gentileza.

Ninguém faz dois favores de lá para cá, sem favor de cá para lá, nos dias de hoje. (Vai ver era por isso que ele preferia os personagens. Quanta descrença no ser humano.)

Pilhério lembrou que existem seres dignos no mundo, “por exemplo...” e fez uma lista que incluía alguns gênios, alguns heróis, alguns poetas e alguns românticos.

A família agradeceu muito o favor e aceitou a hospitalidade dos rapazes.

Odisseia sentia algum medo de morar atrás da casa daquela velha misteriosa. Por outro lado, estava bastante interessada em ficar tão perto de Poracaso.

– E se acontecer alguma desgraça com a gente?

– Eu acho que já aconteceu. O amor tem suas graças e suas desgraças – Divina falou, olhando apaixonadamente para Imprevisto, e essa foi uma das raras frases sérias ou metidas à besta que ela formulou em toda a sua história.

Aventura escreveu um bilhete explicando o atraso e chamou Pilhério.

– Vá voando a Desatino do Norte e entregue isso pra Doravante.

O intrometido fez questão de ler o bilhete antes.

– Você sabia que existe uma coisa chamada pontuação, sua burra?

– Doravante não liga pra essas coisas.

– Pelo contrário – observou Divina.

– Como é que eu, pessoa tão letrada, virei portador de bilhete mal escrito pra marmanjo?

– Você não é pessoa, é papagaio, e vá logo.

E lá se foi Pilhério, voando, com o objetivo de encontrar Doravante.

– Dê um milhão de beijos nele por mim! – Aventura gritou lá de longe.

E lá se foi Pilhério, voando, com o objetivo de encontrar Doravante e a obrigação de lhe dar um milhão de beijos.



O ROUBO



Pilhério aproveitou o passeio para arranjar umas namoradinhas por aí (nada sério), e chegou em Desatino do Norte entre quatro e cinco da manhã, mais ou menos.

Estava chovendo muito.

A primeira pessoa que ele encontrou na cidade foi um maluco que vendia inutilidades numa carroça. O camarada ficou bastante interessado naquele papagaio tão apapagaiado e se apresentou com uma reverência.

Leuconíquio Lucrécio de Luxor.

Inventor e Importante.

– Desculpe a sinceridade, mas eu acho que sou mais importante do que o senhor.

– Você é parente da Baronesa de Luxor?

– Não. Mas em compensação sei todas as regras de acentuação, filosofia, o dicionário de trás pra frente, leis de física, teoremas, a tabela periódica...

– Isso faz de você um papagaio culto. Importante pra mim é quem tem dinheiro.

– Isso faz de você uma pessoa tola. O que atesta a minha teoria de que todo rico que só pensa em dinheiro é propenso à tolice.

– Então está provado que eu não sou tolo. Eu não sou rico.

– O cavalheiro agora está se contradizendo. Se importante é quem tem dinheiro, e isso o senhor não tem, então o senhor não é

importante nem para si próprio.

– Mas eu vou ter dinheiro ainda. E muito. Quer apostar?

– Agradeço, mas tenho mais o que fazer. Sou pessoa ocupada e importante.

– Você não é pessoa, é papagaio! – o maluco já estava se irritando.

– O único papagaio desse mundo que sabe onde está escondido o tesouro do pirata Arcaico, o Antigo.

Nessa hora, Pilhério é quem foi tolo.

Precisava ser tão exibido?

Não se contam segredos como esses para o primeiro que se encontra, muito menos quando o primeiro que se encontra trata-se de Leuconíquio Lucrécio de Luxor.

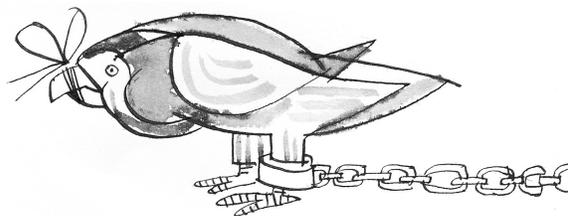
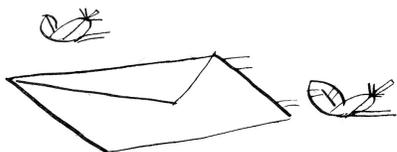
Também não tinha nada que ter revelado seus saberes.

– Aceita ser meu parceiro? – Leuconíquio perguntou, mas não esperou pela resposta.

Agarrou Pilhério, amarrou ele inteiro, deu um nó bem apertado em seu bico e o escondeu, muito bem escondido.

Olha que coincidência.

Naquele mesmo dia, um pouco mais tarde, Leuconíquio conheceu Doravante. (Lembra?)



O DESENCONTRO (PARTE 2)



Quando Pilhério não voltou de Desatino do Norte no dia seguinte, Odisseia ficou preocupadíssima.

– E se alguma desgraça aconteceu com ele?

Divina até riu.

– O descarado está namorando por aí. Lembra quando ele ficou uma semana desaparecido, em plena Floresta Amazônica, namorando todas as papagaias que existem na fauna?

Mas Aventura se sentia culpada.

– Eu mandei um milhão de beijos para Doravante, e essas coisas demoram. Foi isso.

As três irmãs aguardaram ansiosas o dia todo, em cima da figueira, e nada.

O dia raiou.

Odisseia chorou.

Divina sustentou que ele devia estar namorando no caminho e perdeu a hora.

Aventura argumentou que ele poderia ter resolvido ficar em Desatino do Norte, entregando, beijo por beijo, os beijos que ela mandou para Doravante, enquanto esperava o resto da família.

Seu Erudito é que não se conformava com a falta de Pilhério. Nem com aquela vida parada.

O bicho andador que morava dentro dele era realmente muito agoniado.



O jeito era andar em círculos.

Odisseia, Divina e Aventura faziam novenas para Pilhério voltar, arrumavam o curral, nove dias, lavavam roupa, mais nove, faziam café, geleia, almoço, gelatina, falavam conversas de moças, haja novena, e a barriga de Aventura crescia.

No começo ainda deu para disfarçar, mas logo as duas irmãs, que não eram bestas nem nada, começaram a desconfiar que iam ser tias.

Um dia Seu Erudito, que não pensava em outra coisa a não ser em Pilhério, olhou para Aventura e perguntou:

– Você comeu uma melancia?

Ia ser avô! Nem acreditava.

E aquele desgraçado daquele papagaio que nunca chegava!

– Será que ele ao menos entregou o bilhete?

Ninguém jamais colocou a culpa do desaparecimento de Pilhério em Aventura, para o bebê não nascer culpado. A simples lembrança do papagaio provocava demolições de felicidade em todos. Por isso evitavam juntar as letras "P", "I", "L", "H", "E", "R", "I" e "O" e acento.

Enquanto as moças faziam o enxoval do bebê, Imprevisto e Poracaso reconstruíam a ponte.

Faziam isso escondidos da estranha dona da casa, que não havia de querer ver seus empregados trabalhando para os outros.

Graças a Deus ela nunca deu as caras.

Estava ocupadíssima ganhando todas as partidas que jogava.

Aquela velha nunca tinha tido tanta sorte.

Novena disso, novena daquilo, novena daquilo outro e a ponte não ficava pronta nunca.

A razão disso é que a gentileza de Imprevisto e Poracaso foi desvirando amizade e foi virando interesse, que virou exagero, que virou paixão mesmo.



Eles então resolveram desconstruir à noite o que tinham construído de dia, só para Divina e Odisseia não irem mais embora.

Estava ótimo daquele jeito.

Na hora do jantar, todos em volta da fogueira, pão quentinho, geleia, sopa, suco de figo, gelatina, conversa jogada fora, aqueles dois nunca foram tão felizes.

E, convenhamos, perder a felicidade não é nada agradável.

Haja vista a perda de Pilhério que abalou tanto pai e filhas.

E novena disso, novena daquilo, novena daquilo outro, e a ponte não ficava pronta mesmo.

Até que Seu Erudito começou a achar aquilo meio estranho.

– Tudo que vocês fazem de dia, desfazem à noite!

Atribuía o fato a outro personagem, amigo seu, que adorava pregar peças nos outros. Depois se conformava e continuava a andar em círculos, enquanto Imprevisto e Poracaso recomeçavam a reconstruir tudo de novo.

Todo dia.

E os meses iam passando, e nada de Pilhério, e a barriga de Aventura crescia, e Divina e Odisseia pensavam em casamento, e faziam geleias e gelatinas, e os dois cada vez mais apaixonados, e Seu Erudito andava em círculos, etc., etc., etc.

Se Aventura não tivesse chegado na janela aquela noite para chorar para o lado de fora um choro de saudade de Doravante, que já tinha molhado a cama inteira, nunca teria descoberto que Imprevisto e Poracaso eram os autores da proeza, ou melhor, os desautores da ponte.

- Que decepção e tenho dito e pronto – Seu Erudito deu um berro. Os dois se defenderam com uma frase idêntica, com uma única diferença bem no finalzinho. Só na última palavra.
- Fiz tudo isso pra ficar perto de Divina – disse Imprevisto.
- Fiz tudo isso pra ficar perto de Odisseia – disse Poracaso.



Ainda defenderam suas atitudes como “românticas” e “poéticas”, tudo isso em versos, e aí questionaram, olhando bem no fundo dos olhos das amadas.

– O que não se faz por amor?

Seu Erudito observou (com a voz bastante alterada) que o verbo fazer estava mal-empregado naquele caso, pois tudo o que aqueles dois atrapalhados fizeram, desfizeram depois. (Argumentação um pouco complicada, que levou os dois a remendarem seu comentário, só para não terem que pensar muito no assunto.)

O que não se desfaz por amor?

Mas Seu Erudito não queria saber de amor coisa nenhuma.

Estava furioso.

Imprevisto e Poracaso se prontificaram a refazer a ponte em duas horas apenas, para desfazer o mal que tinham feito quando desfaziam à noite o que tinham feito de dia...

Lá vinha complicação de novo.

– Uma ponte não se faz com palavras. Ao trabalho e tenho dito!

A família contava as duas horas enquanto os dois reconstruíam a ponte, tronco por tronco, cada tronco um pedaço da alegria que os passos de Divina e Odisseia iam levar com elas.

O trabalho teria sido executado no prazo estipulado, se não tivesse ocorrido aquele lastimável imprevisto.

Nervoso com tanta pressão, Poracaso ia passando assim e tóin.

Sem querer, bateu com um tronco na cabeça de Seu Erudito. (Quem manda ficar andando em círculos e atrapalhar o trabalho dos outros?)

A pancada, na cabeça-dura, fez um barulho horrível.

Três centímetros acima da sobrancelha direita, a oito dedos da orelha, ficou um galo enorme e roxo.

Isso provocou um intervalo na reconstrução para desmaio, curativo e xingamento.

Todos correram para acudir a vítima.

Devido ao acidente, a ponte só ficou pronta duas horas e trinta e cinco minutos depois de começada.

Até que ficou bem forte e bonita, uma ponte bastante atravessável.

Trabalho feito, era o momento da conversa.

Como é que se faz declarações de amor quando se é meio sem jeito para essas coisas?

Principalmente em versos?

Ainda mais para dois atrapalhados?

Indo direto ao assunto.

Então eles pediram as quatro mãos das suas amadas em casamento e levaram dois não, um para cada pedido.

A choradeira começou aqui.

Insistir, eles insistiram.

Mas não teve argumento habilidoso nem sentimento bonito que amolecasse a dureza daquela cabeça. Seu Erudito afirmou que nunca ia permitir casamento de filha sua com gente que engana os outros e não aceitava argumentos do tipo "por favor, papai!"

– Por favor, papai!

– Não e não.

Foi amplificada a choradeira.

Seu Erudito falou pela milésima vez que só aceitava na família gente bem-intencionada.

Apesar da pressa, Aventura ainda tentou interferir, levando em conta que a intenção dos dois era estar perto das amadas "e que o amor..."

Levou outro não, totalizando cinco negativas ao todo.

A lamentação tomou proporções intoleráveis.
Uma tarde sem sim geralmente é muito triste.
Formou-se um quinteto de lágrimas.

Para provar que tinha razão, para desentristecer um pouco a tarde e encerrar a discussão com pelo menos um talvez, Seu Erudito listou todos os pontos que motivaram sua decisão. Era um tratado de lógica.

AFIRMAÇÃO 1 – A família iria embora imediatamente e pronto. Porém, ele acreditava piamente que, quando as histórias de amor são inevitáveis, são inevitáveis.

CONCLUSÃO 1 – Se o amor dos dois fosse tão forte quanto eles declaravam, não havia como evitar. Os quatro se casariam até o final dessa história.

AFIRMAÇÃO 2– Um amor que dura até o outro lado, esse sim é um amor que vale a pena.

CONCLUSÃO 2 – Para provar que seu amor valia a pena não ia ser fácil para os coitados.

AFIRMAÇÃO 3 – Só quando eles conseguissem provar que seu amor valia a pena, ouviriam o sim que tanto queriam, antes disso nada feito e tenho dito e pronto.

CONCLUSÃO 3 – Não adiantava insistir. Agora era arranjar uma maneira de provar para o cabeça-dura que eles se amavam de verdade.

CONCLUSÃO GERAL – Nem sim, nem não, talvez, quem sabe, um dia. E adeus.

Lá se foram, a família e as tralhas.

Consta que essa foi a primeira vez que Divina chorou desde o dia em que nasceu.

A choradeira, aliás, foi a trilha sonora da viagem.

Imprevisto e Poracaso ficaram lá com dois problemas.

O primeiro era arranjar a tal prova de amor exigida por Seu Erudito.

O segundo era fugir da velha.

Já tinham tentado outras vezes, sempre sem resultado.

Para resolver o primeiro problema, tiveram uma ideia complicada: compor uma bela canção, em duas estrofes, uma para cada namorada. O resultado foi esse:

Canção de amor para **D**ivina e **O**disseia

*Oisséi, sem "d" e "a"
Sem "ss" nem "ia", Oié
Isseia, sem "Od"
Ai dó de mim, sem Odisseia*

*Tirando o "Divin" e botando "mor" fica amor
Tirando o "ivina" e botando "esejo", desejo
Tirando o "Dina" e botando "da", fica vida
Tirando tudo, como é que eu fico?*



Canção feita e ensaiada, era a hora do segundo problema: fugir da patroa.

Sabiam que era uma missão difícilíssima.

Perigosa.

A experiência deles nesse assunto sempre foi desastrosa.

Dessa vez, pensaram num plano simples.

– Contamos um, dois, três e já, e corremos.

– Certo.

– Um, dois, três e...

A velha mais uma vez soltou seus cães ferozes em cima deles.

Nunca se viu tantos cães, com mandíbulas tão enormes.

O primeiro cão abocanhou Imprevisto pela calça.

O segundo agarrou a mão de Poracaso.

Os dois tiveram que se trancar no curral, para não virar ração.

É.

Parece que o destino daqueles dois era só servir a velha.

Não serviam para mais nada.

Nem para viver suas próprias vidas.

– Cada qual tem sua sina, Seu Erudito teria dito – observou Imprevisto.

– E pronto – completou Poracaso.



A TRISTE CHEGADA DA FAMÍLIA DA PAIXÃO A DESATINO DO NORTE NOVE MESES DEPOIS DO TEMPO PREVISTO



Quando Seu Erudito, Odisseia, Divina e Aventura chegaram a Desatino do Norte, o mundo estava se derramando todo em chuva. Chovia tanto e tão forte que mal dava para saber se era dia ou noite.

Nem dia, nem noite, era de noitinha.

Encontraram logo na entrada uma imitação de cabana.

– Tão engraçadinha! – Aventura comentou, sem nem imaginar que aquela era a cabana que Doravante tinha construído nove meses antes.

– Tomara que esteja vazia – Seu Erudito disse.

– Tomara.

Infelizmente, estava.

Resolveram se acomodar por ali mesmo aquela noite.

Foi um momento até bonito (só um momento), a chegada, a chuva, uma cidade nova, uma expectativa antiga, finalmente o casal ia se reencontrar, não ia?

– Estão vendo como no final tudo dá certo? – afirmou Seu Erudito. – Parece até aquela história de... Do... Da... Dos... Como era mesmo aquela história?

– Qual? – as meninas perguntaram.

– Aquela de... Do... Da... Dos... – quando se deu conta do ocorrido, ele gritou, desesperado:

– Não consigo mais me lembrar de nenhuma história!

– Nosso pobre pai perdeu a memória – Odisseia soluçou.

– Deixe de drama, Odisseia. Se eu tivesse perdido a memória, não saberia que seu nome é Odisseia.

Isso lá era verdade.

Desarvorado e transtornado, ele completou o raciocínio.

– A memória está aqui na minha cabeça. As histórias é que não estão mais dentro dela.

– Que desgraça! Praticamente uma vida inteira perdida – Odisseia chorava.

– Ao todo, perdemos mais de quarenta e cinco mil histórias, dois namorados, um marido e um papagaio no caminho – Divina fez as contas.

– O marido eu vou encontrar.



Aventura nem ajudou as irmãs a desentulharem a bagagem e já saiu louca pela cidade, apesar da chuva, atrás de Doravante.

– Vai pegar uma pneumonia dupla e tenho dito e pronto! – Seu Erudito praguejou.

Então mandou Odisseia e Divina tentarem encontrar o xarope para tosse, enquanto continuavam a arrumar as tralhas na cabana, pois ele ia sair e voltava logo.

– Vai pegar uma pneumonia dupla! – Divina e Odisseia argumentaram.

Mas ele falou que não havia intempérie de tempo ou filha chata que o impedissem de procurar seu papagaio e suas histórias, e tenho dito e pronto e saiu.

As duas ficaram lá tentando organizar a bagunça.

Precisavam achar logo o tal xarope para tosse pois, somando a pneumonia dupla de Aventura com a de Seu Erudito, teriam uma

pneumonia quádrupla mais tarde.

– Que desgraça, que desgraça, que desgraça, que desgraça!

Ela não quis saber nem de chuva, nem de pneumonia, nem de nada e saiu procurando Doravante, como quem procura um ovo de páscoa, em cada canto da cidade, mesmo nos mais escondidos.

A barriga atrapalhava um pouco, mas a vontade nem ligava.

Um a zero para a vontade.

Aventura tinha lá com ela uma certeza absoluta de que ia encontrar o marido.

Fingia de brincar que era só um esconde-esconde para enganar o nervosismo.

Gelado. Frio. Menos frio. Está esquentando. (Apesar da chuva.)

Ela sentia que ele estava ali por perto.

Sentia mesmo.

Lá dentro dela.

Sabe quando o estômago começa a dar voltas e voltas expulsando para fora certezas absolutas aos montes?

Ele estava por perto sim.

Bem pertinho.

Quase quente.

Mais quente ainda.

A chuva chovia, a barriga atrapalhava, Aventura procurava, estava quase pegando fogo, “daqui a pouco eu encontro ele”, ela apostava.

Pena que antes de daqui a pouco a barriga avisou: está na hora.

– Espera só mais um pouquinho. Ainda falta procurar ali naquela carroça.

Mas dessa vez a vontade da barriga foi mais forte do que a dela.

Quando Aventura já estava chegando na esquina, quente, muito quente, quentíssimo, pegou fogo, teve que sentar na calçada para o bebê nascer.

Na falta de médico ou parteira, o homem da carroça, que estava logo ali no quarteirão da frente, veio ser auxiliar de nascimento.

Luna Clara nasceu chorando apenas cinco minutos depois que a chuva parou de chover, olha só que desencontro, às oito e vinte e cinco, exatamente.

No início, ninguém sabia se Luna Clara nasceu bem na hora em que a chuva parou de chover porque ela era uma menina que gostava muito de olhar para a lua, ou se foi a chuva que parou de chover bem na hora em que Luna Clara nasceu, porque a lua gostava muito de olhar para ela.

O certo é que a chuva que chovia sem parar, escondendo a noite, de repente parou.

A lua apareceu.

Luna Clara nasceu.

E uma olhou para a outra.

Desde então, Luna Clara e a lua se olhavam todas as noites, porque a chuva que chovia nunca mais choveu.

Seu avô dizia que foi a chuva que nunca mais choveu só para não atrapalhar as duas.

Mas a verdade crua e fria era que a chuva parou de chover só porque Doravante desistiu de esperar Aventura em Desatino do Norte logo naquela noite, por coincidência.

Enquanto Luna Clara nascia bem ali pertinho, ele ia embora triste, pela estrada, carregando a chuva com ele.

Aventura mal acreditou quando o homem da carroça contou a verdade crua e fria para ela.

Foi logo depois que os dois gritaram: menina!, e a menina olhou para lua, e a lua olhou para ela, e tal e coisa.

Aventura pegou o bebê no colo, agradeceu a ajuda, e ele entregou o seu cartão de linho e letras douradas com sua reverência de tataraneto de baronesa.

Leuconíquio Lucrécio de Luxor.

Inventor e Importante.

– Porventura o senhor viu por aí um homem bonito, sincero, inteligente, interessante, corajoso, talentoso, apaixonado e sortudo? – ela perguntou então.

– Sortudo não – Leuconíquio respondeu – mas vi um muito azarado que passou meses por aqui esperando a mulher. Foi embora agora mesmo com seu cavalo.

Nessa hora Luna Clara chorou.

Era natural.

Todo bebê chora quando nasce, independente de qualquer coisa.

Dizem que é para abrir os pulmões.

Ou para dizer “cheguei”.

Só quando Aventura começou a chorar junto com a filha, aí sim, o inventor se inquietou.

– Pra onde é que Doravante foi?

E Leuconíquio entendeu na hora.

– Foi procurar a senhora pelo mundo.

Droga.

Ele tinha estragado tudo.

E ficou sinceramente deprimido.

Para consolar Aventura, contou para ela cada solução de saudade que ouviu de Doravante naqueles meses todos, sempre embaixo da chuva.

– Que chuva?

– Agora chove em cima dele sempre, a senhora não sabia?

Sabia não. Aventura chorou mais ainda.

Para testar cada tipo de consolo que existe, incluindo carinho, doce e conselho, Leuconíquio falou docemente para ela frases como: “vocês ainda vão ser muito felizes”. Ou “quando dois olhos procuram outros dois com tanta vontade assim, sempre se encontram, é claro”.

Ou ainda “a senhora quer fazer o favor de parar de chorar que eu já estou ficando nervoso?”

Até que resolveu reconhecer.

– A culpa é toda minha.

E confessou para Aventura que inventou um jeito de Doravante acreditar que ela já teria passado por Desatino do Norte e ido embora para a próxima cidade.

Mas estava arrependido.

– Vou buscar Doravante e só volto aqui com ele. Prometo.

– O senhor nunca vai conseguir. Equinócio galopa muito rápido.

Leuconíquio insistiu que havia de inventar um jeito, era inventor, ora, e ainda fez a gentileza de colocar a recém-mãe e a recém-nascida na carroça para deixar as duas em casa.

– Perdoe a curiosidade, mas é com essa velharia que o senhor pretende alcançar Doravante?

– Se eu transformar em trabalho mecânico-rotatório a energia cinética de um fluido em movimento, invento a turbina – ele explicou.– E se eu equipar essa carroça com duas turbinas, minha filha, estamos feitos. Numa velocidade de duas horas de cavalo por uma de carroça, logo alcanço seu marido e trago ele de volta.

Aventura não entendia de turbinas nem de medidas nem de fórmulas. Acreditou naquela conta só porque quis acreditar.

Quando eles chegaram na frente da imitação de cabana, ela implorou:

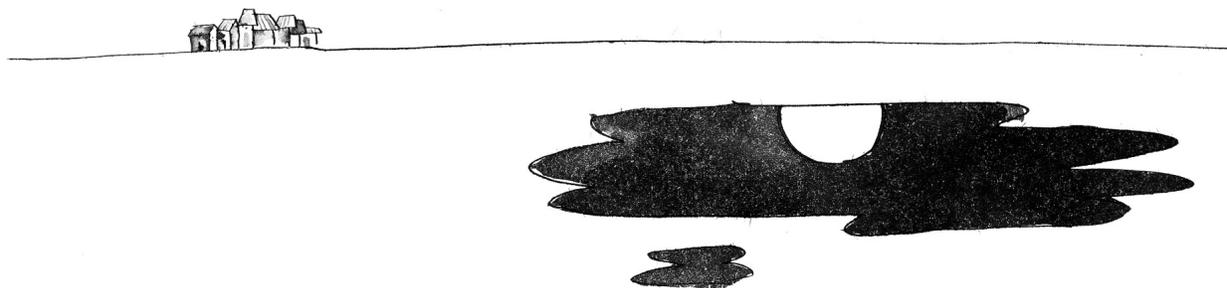
– Então está combinado. Estou aqui esperando o senhor e Doravante.

Olhou para Luna Clara e completou.

– Estou, não. Estamos.

E desceu da carroça com seu bebê no colo.

A TRISTE CHEGADA DA FAMÍLIA DA PAIXÃO
A DESATINO DO NORTE NOVE MESES DEPOIS DO TEMPO PREVISTO



O SINCERO ARREPENDIMENTO



Leuconíquio estava realmente com intenção de consertar a besteira que fez.

Só precisava inventar a turbina primeiro.

Olhou o relógio.

Nove e meia da noite. Fazia mais de uma hora que Equinócio tinha saído aos galopes com Doravante em cima dele.

O caso exigia velocidade de pensamento.

E agora? Como é que se inventa uma turbina?

Ele não sabia.

Mas seu parceiro devia saber.

Alguém que sabe onde está o tesouro de Arcaico, o Antigo, sabe construir uma simples turbina, certamente.

Estava na hora de usar outra vez o prisioneiro.

Só esperava que dessa vez o papagaio fosse rápido, porque todas as vezes que ia contar onde estava o tal tesouro, Pilhério demorava demais.

Dava até agonia.

– O tesouro, claro. Assim que eu declamar a Bíblia, eu conto – ele dizia.

No Gênesis, Leuconíquio bocejava.

No Novo Testamento, geralmente já estava roncando.

E quando ele acordava, muitos sonhos depois, Pilhério sempre ironizava.

– Pena que quando eu contei onde está o tesouro o senhor estivesse num sono tão profundo.

Leuconíquio foi lá no esconderijo de seu parceiro e desamordaçou o tagarela.

– Agora o senhor vai me explicar o que fez com o bilhete de Aventura para Doravante e com a pena azul da minha asa.

– O bilhete, entreguei ao destinatário. E a pena eu explico depois. Agora preciso que você invente uma turbina. É urgente.

– O senhor prefere a gás, a vapor ou hidráulica?

– A que me levar mais rápido aonde eu quero ir.

– Então me providencie ferramentas, fiação, uma flor de abril, fusíveis, fluidos, ferros, fogos, e uma alface.

Leuconíquio só tinha a alface.

Depois de comer a alface, pois estava morto de fome, Pilhério concluiu:

– Sem o material necessário, só posso construir uma hélice. O senhor tem um ventilador sobrando por aí?

Tinha.

Amarra daqui, aperta de lá, trabalho concluído e hélice pronta, o papagaio desejou:

– Boa viagem!

– Boa viagem nada. Você vai comigo.

– O senhor vai me desculpar, mas eu tenho um compromisso...

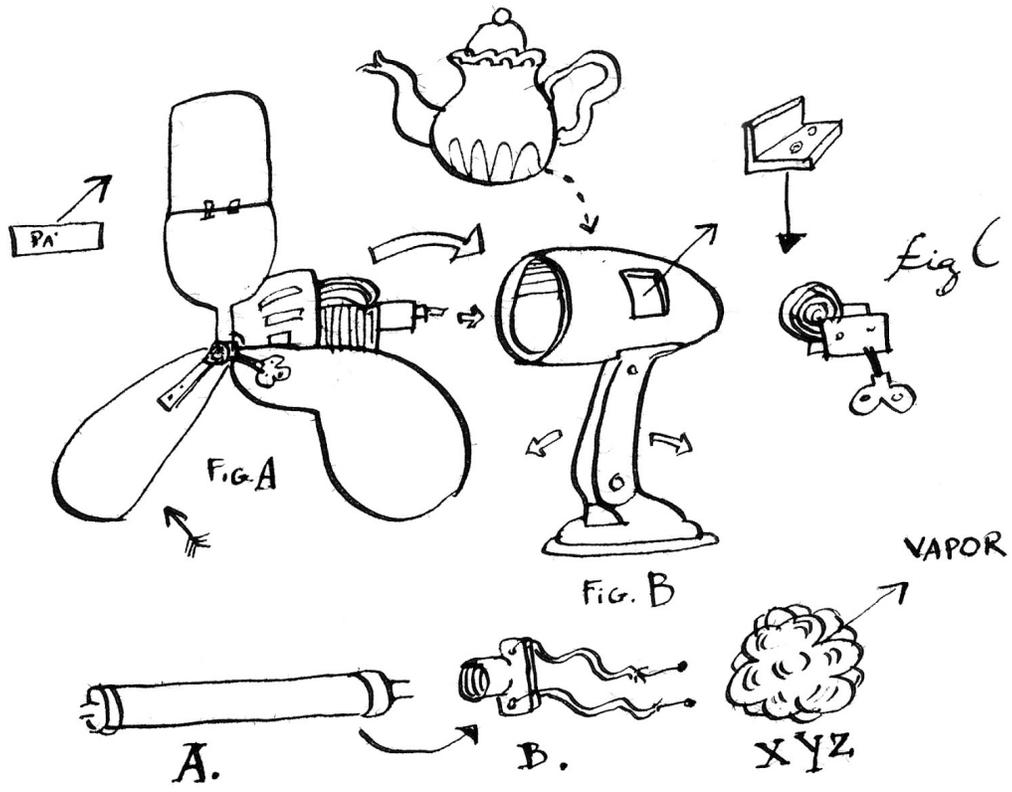
Nada como um facão no pescoço para se calar um papagaio na hora, boas cordas e um nó bem apertado.

Foi assim que a carroça de Leuconíquio ganhou uma hélice de ventilador e ele e o papagaio saíram pelo mundo com a nobre missão de resgatar Doravante e devolvê-lo a Aventura.

Pilhério foi bastante contrariado, além de amarrado. Mas achava que, se o bilhete estava entregue, o casal deveria estar muito feliz àquela hora.

Se soubesse do ocorrido, teria ido, além de contrariado e amarrado, mais triste ainda.

O SINCERO ARREPENDIMENTO



VOLTA PARA AVENTURA E A FAMÍLIA NAQUELA NOITE ALEGRE E TRISTE



Seu Erudito entrou na cabana aos prantos.

– Aconteceu uma tragédia.

– Outra? – a cota de tristeza de Divina e Odisseia já estava esgotada naquele dia.

– Não encontrei nem minhas histórias e nem Pilhério.

As duas choraram um choro de 50.000 lágrimas. 45.578 pelas histórias que o pai tinha perdido, outras 4.422 pelo papagaio.

O que seria delas sem aquele chato?

Que graça teria aquela vida, minha Nossa Senhora do Preciso Urgentemente de Uma Boa Notícia?

Foi nessa hora que Aventura entrou com Luna Clara recém-nascida no colo e, imediatamente, as desgraças, as perdas, os lamentos, tudo virou alegria de repente.

– Nasceu!

– É uma menina!

– Vai se chamar Tutameia!

Pelo resto daquela noite (só daquela) todos esqueceram o marido, os namorados, as quarenta e cinco mil quinhentas e setenta e oito histórias e o papagaio perdidos, em troca daquele cheiro de bebê delicioso que perfumava a imitação de cabana inteira.

O problema é que o dia seguinte chegou, mas veio desacompanhado de notícias.

Dois dias.
Nada de Leuconíquio.
Três dias.
Nada de Doravante.
Quatro dias.
Nada de Pilhério.
Outro dia.
Nada de Imprevisto e Poracaso.
Mais um.
Nada das histórias de Seu Erudito.
Mais outro.
Ninguém.
Nada.
Coisa alguma.
Nenhuma novidade.

Luna Clara completou uma semana de nascida, e só ela trazia alegria alegre de verdade.

Era um turbilhão de saudade em volta e ela no meio. A ausência de presenças desejadas naquela casa era tão grande que o bebê até virou motivo de debate.

- Eu troco a fralda!
- Eu visto ela!
- Eu dou o banho!
- Eu boto pra dormir!
- Se ela dormir agora, quem vai divertir a gente?

A disputa tomava proporções gigantescas quando Luna Clara chorava.

- É fome.
- É sede.
- É sono.
- É saudade. (Essa era a palavra tema da família.)
- Me dá ela aqui.
- Dou nada.

Até que um dia, muitos dias depois, ela sorriu.

Luna Clara decididamente não puxou à tia Divina. Só aprendeu a rir quando já tinha mais de um mês de idade. Não era para menos.

Nunca se viu tanto parente perder tanta coisa ao mesmo tempo, minha gente.

Podia ser, já que nada é impossível, que um dia aquela porta se abrisse e por ela entrasse Doravante, ou Pilhério, ou as histórias de Seu Erudito, ou Imprevisto e Poracaso, ou mesmo Leuconíquio, com alguma notícia.

Podia ser.

Mas nunca era.

Quando a tristeza de Aventura transbordava, ela era obrigada a arranjar ocupação para sua espera. Qualquer coisa servia. Ora era procurar pedrinhas para construir chocalhos para a filha, ora uma música nova, ora era uma ninhada de pintos, ora uma flor que tinha crescido meio torta, tudo era motivo para ela tentar desviar seu pensamento.

– Vou pensar em outra coisa, vou pensar...

Mas não conseguia pensar em outra coisa a não ser em pensar em outra coisa.

Qualquer coisa que não fosse aquele medo desgraçado de nunca mais ver Doravante na sua frente. “Quem sabe ele não estava lá do outro lado do mundo e nem se lembrava mais da promessa?” – o olhar demorado de Aventura sempre revelava quando a sua certeza sofria uma crise de identidade.

Ela tinha perdido completamente a confiança no destino.

Estava na cara que aquele inventor maluco não ia conseguir alcançar Equinócio e Doravante, com aquela carroça velha.



- O que é que se podia esperar de alguém chamado Leuconíquio?
- Seu Erudito zombava.

Muitas vezes eles todos se perguntaram a si próprios, ou um ao outro:

- Será melhor a gente ficar aqui e esperar, ou sair procurando por aí?

A indecisão passou a fazer parte da rotina.

E agora?

Vamos ou não vamos?

Vamos.

Não vamos.

Quem assumiu a responsabilidade pela decisão familiar foi Aventura.

Ela concluiu que era realmente impossível sair procurando tantas coisas por aí ao mesmo tempo, principalmente com uma criança de colo.

Então decidiu ficar morando em Desatino do Norte por esse motivo, além dos outros.

O segundo motivo era que encontro é encontro. Se marcou com Doravante ali, então pronto. Ia ficar esperando por ele o resto da vida.

O terceiro, e o maior de todos, é que o mundo é muito grande.

E se eles fossem para um lado e os perdidos fossem para o lado contrário?

E se ficassem para sempre rodando?

E se eles nunca mais se encontrassem, ela e Doravante?



- Deus me livre – murmurou no ouvido de Luna Clara.
- Ela nem ouviu. Estava ocupada mamando.

Não foi difícil para Aventura convencer o resto da família a ficar em Desatino do Norte.

Divina e Odisseia acharam ótimo. Se ficassem ali não estavam tão longe assim dos seus quase namorados. Quem sabe, por acaso, eles não fugiriam da patroa ainda e chegariam lá de imprevisto qualquer dia?

Seu Erudito desistiu completamente de andar pelo mundo. (Sabe lá o que é perder as histórias da sua vida inteira?) Ainda alimentava a esperança de que Pilhério estivesse namorando por aquelas bandas e desse as caras noite dessas. Deixava o rádio tocando, noite e dia, para matar a saudade do papagaio, mas não era a mesma coisa. Nenhuma música, nenhum poema, nenhuma informação causavam um prazer nem parecido.

– Um dia encontro Pilhério e minhas histórias. Vou contar todas pra minha neta, duvidam?

Pelo sim, pelo não, resolveu ir comprando todos os livros que estavam à venda para colecionar histórias novas.

Não era avô de deixar a neta sem histórias para dormir.

Na falta de livros infantis, ia comprando melodramas, tragédias, histórias de terror, o que conseguisse estava bom.

– Você não pretende contar essa história de vampiro para Luna Clara, eu espero – Aventura reclamava.

– Nada de Luna Clara. Ela vai se chamar Tutameia e tenho dito e pronto.

– Chega de nome de livro. A filha é minha e se chama Luna Clara.

Aventura estava tão confusa com fraldas e chupetas que não podia perder tempo com discussões familiares.

As tias apoiaram a decisão, fato que deixou Seu Erudito muito irritado.

Até o último momento, no cartório, antes do escrivão escrever o nome da menina, ele não parava de dar opinião: Ana Karenina. Cândida Erêndira. Antígona. Medeia. Antologia. Enciclopédia.

Como não foi ouvido, parou de falar com Odisseia, Divina e Aventura.

Ficou de mal delas.

Na noite do Ano Novo, ele adquiriu seu centésimo livro e já entrou em casa lendo.

– Você quer fazer o favor de desejar feliz ano novo pra gente, seu cabeça-dura? – as três reclamaram em coro.

Mas ele cismou que não falava mais com elas e não falava mesmo.

Escreveu num bilhete “FELIZ ANO NOVO”, bem grande, com uns desenhos de flores nas bordas, entregou para as filhas, deu um beijo mudo em cada uma e continuou a ler Dostoievski para a neta.

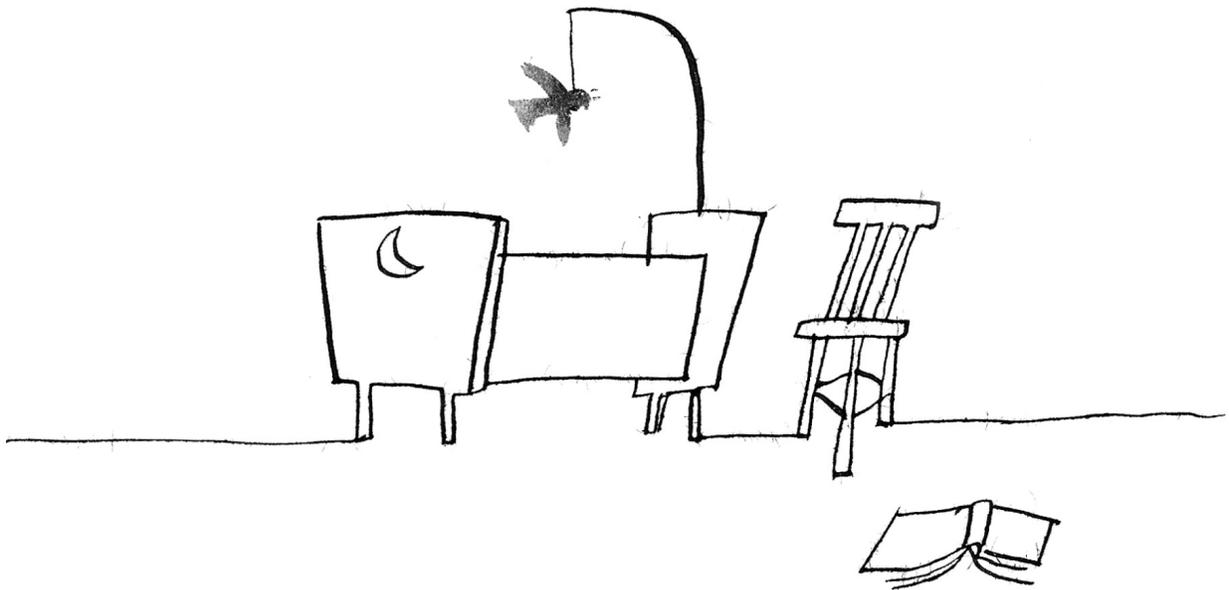
– “Fui eu quem matou aquela velha viúva de um funcionário e a sua irmã Lisavieta, com uma machadinha, para roubá-la...”

Luna Clara comentou:

– Gungh.

Leve-se em consideração que, naquele tempo, ela ainda nem tinha três meses de idade.

VOLTA PARA AVENTURA E A FAMÍLIA
NAQUELA NOITE ALEGRE E TRISTE



NAQUELE TEMPO, EM DESATINO DO SUL



No dia 23 de janeiro daquele ano, quando Luna Clara completou três meses, Apolo Onze comemorou seu primeiro aniversário.

“Como o tempo passa rápido”, Madrugada pensava, enquanto confeitava o bolo com foguetes de chocolate, luas de mel, e discos voadores de marshmallow, “um ano de festa”.

O pessoal de Desatino do Sul nunca esteve tão animado como naquele dia.

Mandaram convidar toda a população, inclusive o dono do pedaço de terra que não pertencia a Apolo Dez e Madrugada, e não faltou ninguém além deste.

Noctâmbulo não foi, não comprou presente, e ainda ameaçou: “Se cantarem o parabéns muito alto eu aviso às autoridades!”

Talvez por isso mesmo as autoridades e o resto do povo cantaram parabéns com tanta força que deu para se ouvir até em Desatino do Norte.

Aventura completava vinte anos naquele dia.

– Que coincidência! Estão cantando parabéns pra você, Aventura.

– É claro que não é pra mim, Odisseia.

– Eu não disse que era pra você. Disse que estão cantando “parabéns pra você”, só isso.

– Você, no caso, deve ser aquele menino que nasceu em Desatino do Sul no ano passado – Divina concluiu.

E Luna Clara bateu palmas (precocemente, aos três meses de idade), ou para aplaudir a conclusão de tia Divina, ou para

comemorar o aniversário de Apolo Onze. Quem sabe?

Mas voltemos a Desatino do Sul.

Ilha de Rodes, Pirâmides, Muralha da China, Artemísia, Diana, Alexandria e Babilônia apagaram a vela com sete sopros ao mesmo tempo, mas nem assim o aniversariante ficou frustrado.

Se Pilhério estivesse ali por perto, explicaria que frustração é, por definição, "o estado daquele que, pela ausência de um objeto ou por um obstáculo externo ou interno, é privado da satisfação dum desejo ou duma necessidade".

E daí se entenderia a reação de Apolo Onze.

Se ele não sentia desejos nem necessidades, não podia sentir frustração, é evidente.

Apolo Dez teve que reacender a vela do bolo mais sete vezes, porque cada uma das meninas fazia questão de soprar sozinha ou caía no choro. Depois ainda reacendeu muitas vezes mais, não sei quantas, uma para cada criança que estava na festa.

Apolo Onze não queria nem saber.

A noite já tinha caído. A lua já tinha saído. Consequentemente, ele estava na janela.

O menino foi crescendo no meio da festa, enquanto ia aprendendo, aqui e ali, o que era fotossíntese, contas de multiplicar, uma nova conjugação de verbo, a Revolução dos Cravos, análise sintática, os animais, os vegetais, os minerais, álgebra, geometria, uma música, um poema.

Talvez porque aquela festa toda fosse só para ele, não gostava de festa, engraçado.

Não gostava muito de nada, na verdade.

Queria gostar.

Ou querer gostar.

Ou querer querer.

Mas não conseguia.

Ficava só na vontade.

A única coisa que Apolo Onze conseguia querer era querer alguma coisa.

Mais nada.

Por isso vivia no mundo da lua.

Porque achava tudo muito chato.

Pensa só num amanhã que vai ser igual a amanhã, que vai ser igual a amanhã, e depois de amanhã, e depois, e depois, e depois, tudo sempre igualzinho ao que foi hoje.

Pensou?

Ele também.

Todos os dias o seu pensamento pensava num amanhã, mas todos os amanhãs tinham sido iguais, desde que ele tinha nascido.

De manhã, tinha que dobrar um montão de guardanapos de papel, monte cuja altura dependia da quantidade de convidados naquele dia, tendo como princípio sempre pelo menos um guardanapo por boca.

De tarde não tinha nada.

Em compensação, de noite tinha a noite.

– Que menino estranho que tem nome de Deus Sol mas é da lua que ele gosta – comentavam.

Assim que escurecia, Apolo Onze se escondia em algum canto afastado e ficava lá sozinho, olhando a lua, tentando inventar motivo para querer.

É claro que todos os dias apareciam motivos, mas ele não via.

É o problema de quem pensa na frente.

Às vezes perde alguns agoras.

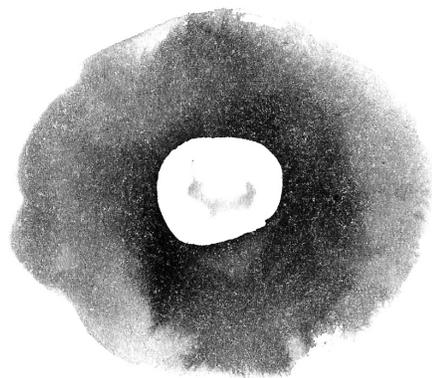
Que jeito?

Quando ia dormir, Apolo Onze ficava muito constrangido de deixar a lua lá no céu sem companhia. Todo mundo vivia tão distraído com a festa que não tinha tempo sequer de lembrar que ela existia.

“Em algum lugar, alguma pessoa sozinha talvez esteja também olhando para a lua”, ele pensava. Mas não estava convencido disso.

– Boa noite e boa sorte, Lua – dizia antes de pegar no sono.

E sempre acordava com aquela banda tocando.
E o pessoal todo dançando.
Ô pessoal animado.
E a festa ia fervendo.
E o tempo ia passando.



A BIBLIOTECA NACIONAL



E o tempo ia passando em Desatino do Norte também, pois assim é o tempo, não quer nem saber, passa mesmo em toda a parte.

A imitação de cabana foi virando uma casa azul e branca aos poucos.

Constrói mais um quarto aqui, faz uma puxadinha ali, bota um vaso para enfeitar, que tal uma cortina de babados?

Luna Clara crescia, Odisseia chorava, Divina ria, Aventura esperava, Seu Erudito comprava livros, mais livros e colecionava novas histórias.

Até que resolveu arranjar uma biblioteca para ter onde guardá-las.

Ele estava mais do que convencido de que as histórias ficam em maior segurança nos livros do que na cabeça da gente, por mais dura que ela seja.

Comprou uma casa, um pouco adiante, na mesma rua, e escreveu na porta: "Biblioteca Nacional".

Adquiria livros velhos, soprava, limpava, encapava de novo, e eles ficavam novinhos em folha. Aceitava doações. Fazia até negócios internacionais, tanto é que conseguiu importar um exemplar antiquíssimo de *Romeu e Julieta*, escrito em inglês arcaico, em homenagem a seu falecido avô, Arcaico, o Antigo.

Quanto mais as estantes ficavam cheias, mais tempo Seu Erudito passava na biblioteca.

Até que foi morar lá de vez.

Queria um espaço só seu para receber os amigos.

Os Três Mosqueteiros, por exemplo, fugiam da sua história para uma visita, muito frequentemente.

Depois do almoço, Seu Erudito brincava de “o que é o que é” com Sherlock Holmes. Tinha que admitir, porém, perdia sempre.

Odiava o Coelho Maluco e aquela sua mania de apressar os outros.

Gostava muito de palestrar com Romeu, mas discordava radicalmente das ideias de Julieta, é evidente que aquela história de se fingir de morta não havia de dar certo. Então consolava Frei João, o pobre rapaz que foi levar uma mensagem de Julieta para Romeu, mas não executou o seu serviço por uma dessas coincidências do destino. (Bem na hora que uma moça apareceu na estrada e desviou sua atenção, um amigo de Romeu, muito mais esperto, passou correndo com a mensagem errada, sem que o pobre rapaz visse, e por isso o casal acabou morrendo no fim.)

Logo, Seu Erudito virou conselheiro de Cirano de Bergerac.

Jogava futebol com o Corcunda de Notre Dame e basquete com os Hobbits e, aí sim, sempre ganhava.

No dia que em apresentou Dona Benta a Obelix, não sabia que estava mudando completamente o final de muitas histórias.

Admirava Sancho Pança, em compensação achava seu chefe um sujeito meio parado. “Dom Quixote, você é lúcido demais e tenho dito e pronto!” – dizia sempre.

O Menino Maluquinho, quando não estava fazendo outras maluquices, sempre passava por lá para azucrinar um pouquinho. E o Conde Drácula bailava, e Penélope tecia, e o Avarento reclamava do custo de vida, e a Dama e o Vagabundo latiam, e até uma barata, que um dia se chamou Gregor Samsa, participava da bagunça.

Quando Luna Clara cresceu, ia ver o avô na biblioteca todos os dias.

Aprendeu, entre outras coisas, a ser amiga dos personagens, para ter com quem brincar de se esconder. Não demorava muito,

geralmente, porque estava sempre na expectativa da chegada de Doravante. Imagina se quando ele e a chuva chegassem ela não estivesse na beira da estrada esperando?

Fazia questão de estar lá nessa hora (ela só não sabia quando), toda arrumada, de banho tomado, cabelo penteado, de chapéu e tudo.

Ela aproveitava as visitas diárias ao avô para ouvir uma história por dia, ser testemunha do arrependimento do velho por ter separado Aventura e Doravante só por teimosia, e levar pelo menos uma cartinha para casa.

Era a portadora dos bilhetes que ele escrevia para as filhas, mensagens como "hoje estou com vontade de almoçar carneiro", ou "por favor, troquem meus lençóis", ou "deixei dinheiro na mesinha para vocês comprarem vestidos novos", ou ainda "um tijolo pesa um quilo mais meio tijolo; quanto pesa um tijolo e meio?"

Depois que se findaram todas as maneiras possíveis de fazer com que o pai falasse de novo com elas, as filhas finalmente se acostumaram àquela relação escrita. Esquisita. Mas divertida. Porque no fundo, lógico, bem que ele queria levar uma conversa. Trocar algumas palavras. Só não recuava em sua resolução por ser um cabeça-dura do tipo consistente. Era muito engraçado, às vezes, quando ele se distraía e quase ia falando:

– Odi...

Ou:

– Divi...

Ou:

– Aven...

Então interrompia e disfarçava.

– Falou? – elas perguntavam clinicamente.

Ele balançava que não com a cabeça, fingindo-se de sério, morrendo de vontade de rir.

A rixa "falou X não falei" durou anos e gerou todo tipo de implicância.

Sempre que Seu Erudito espirrava, por exemplo, Tia Divina gritava, aos pulos:

– Falou!

Ele então escrevia num papel: “não falei, espirrei apenas”.

E ela respondia:

– Falou sim. Atchim, pra mim, é palavra.

Assim ia indo a vida deles.

Seu Erudito e seus personagens.

E nada das histórias perdidas.

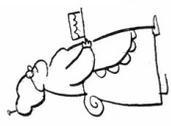
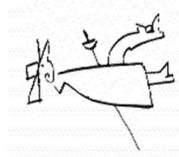
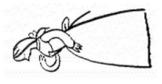
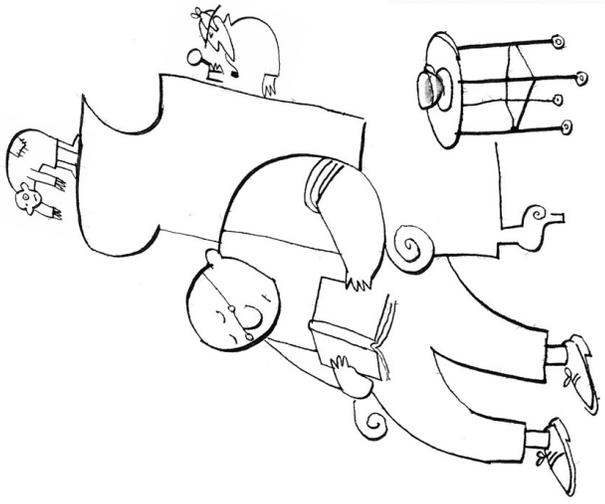
E nada de Pilhério.

E Divina, Odisseia e suas lembranças.

E Aventura e sua esperança.

E Luna Clara na beira da estrada.

E Doravante pelo mundo.



DORAVANTE PELO MUNDO



Enquanto seguia procurando, Doravante só pensava em três coisas.

Uma: que diabos poderia ter acontecido para fazer sua Aventura ter seguido sem ele.

Duas: como é que, apesar de correr tanto, ele ainda não tinha alcançado a família?

(Está certo que eles tinham meio dia de vantagem. Mas do jeito que ele e Equinócio iam depressa, já era para terem tirado o atraso.)

Três: E se eles passassem a vida inteira rodando pelo mundo feito patetas, Aventura e a família na frente e ele e Equinócio atrás?

Talvez fosse melhor dar a volta e correr pelo outro lado, em direção ao Sul, para esbarrar com a família de frente.

“Ounão.”

“Queconfusão.”

“Oqueéqueeu faço?”

“MeajudeminhaNossaSenhoradoContínuoPraCáouVouPraLá?”

“Contínuopracá?”

“Voupralá?”

“Sigoudouavolta?”

Ah, se cavalo falasse!

Equinócio era de opinião que aquela viagem era uma burrice.

Eles deviam ter ficado em Desatino do Norte esperando Aventura, não existia nada mais óbvio. “Tudo culpa da agonia. E das invenções daquele inventor maluco. É claro que ela nunca teria passado direto sem procurar o marido.”

Isso era o que ele achava lá na cabeça de cavalo dele. Cabeça cuja boca não emitia palavras, só relinchos, que pena.

Por este motivo, Doravante resolveu tirar na sorte.

O pior é que andava muito azarado.

Jogou uma moeda para cima.

“Sedercaraeucontinuoporaquisedercoroaeuvouporlá.”

Deu coroa.

E por isso mesmo ele continuou por onde estava indo.

Se a sorte não estava com ele, o mais certo seria fazer o contrário do que ela dizia.

O mundo era um pouco maior do que Doravante imaginava.

E lá ia ele, sempre em direção ao Norte, reclamando da falta de sorte, sem saber o que encontraria pela frente.

Quisera que fosse Aventura.

Nunca era.

No começo da procura, ele tinha menos cansaço e mais esperança.

Onde chegava, perguntava logo “SeráqueAventuraestáporaqui?”

Não estava.

– Aventuraventuraventuraventura...– ia cantando, em sol maior, para ver se ou Aventura ou o sol apareciam.

Nem um nem outro.

Nunca.

Mas ela devia estar em alguma parte.

Era só se apressar e procurar direito.

Não procuravam também por Luna Clara porque nem ele, nem Equinócio, nem a chuva sabiam da existência dela.

Ainda.

Foi assim por muito tempo.

Doravante procurava Aventura pelo mundo.

A chuva chovia em cima dele.

Aventura esperava em Desatino do Norte.

E Luna Clara esperava junto.

Anos e anos.

À noite, antes de dormir, Doravante cantava sua canção em mi menor.

Bem baixinho.

É que cada dia que passava ele ia ficando mais triste. Bastante compreensível.

Já tinham percorrido bom pedaço do caminho quando encontraram o primeiro problema.

– Um precipício?

Doravante não contava com essa. Descer precipício abaixo sem quebrar nenhuma perna é quase tão impossível quanto subir tudo de novo do outro lado.

– Vamos lá Equinócio você consegue.

“Conseguir como?” Equinócio perguntaria, se falasse. “Andar na parede feito lagartixa é coisa pra lagartixa. Pra um cavalo é praticamente impossível. Ainda mais com essa chuva.”

Foi preciso desafiar a força da gravidade para um duelo.

– Vamos ver quem é mais forte?

Um dos problemas daquele combate é que o universo inteiro era a favor dela (mais por necessidade do que por opção, é verdade.) Sem gravidade, as pessoas saíam voando junto com os seus objetos, os planetas desobedeceriam suas rotas, se chocariam uns com os outros, seria confusão na certa.

O desafio de Doravante era vencer a gravidade sem acabar com ela.

Como?

Usando uma tática de defesa, em vez de ataque.

Eles tinham que se esquivar dela, simplesmente.

Simplesmente?

Não foi nem um pouquinho simples, pelo contrário.

A gravidade fazia força para baixo, Doravante fazia força para cima, ela puxava “vem”, ele resistia “não vou”, e ela “vem sim”, e ele “você quer deixar de ser insistente?”

Para piorar, as pedras do despenhadeiro não ajudavam.

Na hora em que, sem querer, Equinócio provocou uma avalanche com sua pata dianteira esquerda, aí sim, foi uma calamidade.

Com chuva de água eles já estavam acostumados, mas chuva de pedras é um negócio duro de aguentar. A chance de se morrer esmagado numa situação daquelas era de mais ou menos noventa e nove vírgula nove por cento.

Pois veja que casualidade.

Foi justo o zero vírgula um por cento que aconteceu.

Nenhuma das centenas de pedras caiu em cima deles.

Só pode ter sido alguma coincidência.

Quando a avalanche acabou, enfim eles passaram.

Mas Equinócio ficou manco da pata dianteira esquerda para sempre, o que dificultou bastante o resto da viagem.



CORTA PARA LEUCONÍQUIO, ALGUNS QUILÔMETROS ATRÁS



Doravante ia na frente pelo mundo.

Leuconíquio e Pilhério iam atrás, na tal carroça à propulsão, e logo perceberam que aquela hélice de ventilador usado estava destinada a dar defeitos. De quando em quando eles eram obrigados a parar para ajustar uma pá, fazer manutenção, revisão, conserto, reparo, raro o dia em que não quebrava uma peça ou duas. (Ou três ou quatro.)

– Se pelo menos a gente tivesse uma chave bifásica ou um motor de combustão interna... – Pilhério se desculpava da precariedade da sua invenção.

Mas aquilo foi se tornando insuportável.

Realmente, Leuconíquio estava com a nobre intenção de consertar a besteira que fez, quando saiu de Desatino do Norte.

Afinal, estava se sentindo muito culpado.

O problema (e esse é um problema que todo mundo enfrenta) é que pelo caminho sempre existem as dificuldades.

E as dúvidas, e os medos, e os empecilhos, e os perigos.

Principalmente quando o caminho está alagado.

Ele pensava na pobre Aventura sem o marido, na pobre Luna Clara sem o pai, no pobre Doravante sem a mulher e a filha.

Mas depois começou a pensar também no pobre ele próprio, naquela carroça velha, com aquele papagaio que não parava de falar.

A tal missão estava começando a ficar trabalhosa demais.

– Será que a gente vai conseguir alcançar Doravante?

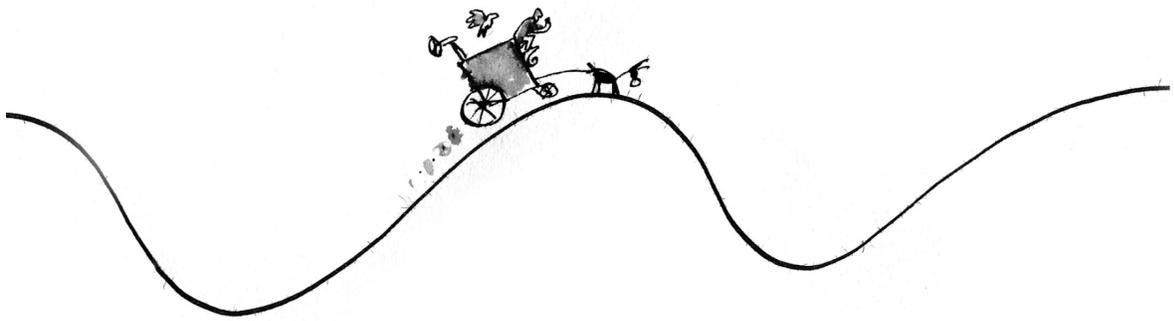
“Vai.”

“Não vai.”

– O que é que você acha, Pilhério?

– Claro que vai. A propulsão de um corpo provocada pela ejeção, em alta velocidade, de um fluido através de um bocal apropriado, orientado em sentido oposto ao do movimento do corpo, tende a nos levar...

– Fecha o bico, desgraçado!



CORTA PARA DORAVANTE PELO MUNDO, MAIS NA FRENTE



A saudade de Aventura e os obstáculos da viagem provocavam em Doravante dois embrulhos no estômago, um grande e até bonito, o outro feio e mal embrulhado.

Ele foi se calando, entristecendo, se largando, nem cantar cantava mais.

O nome disso é apatia, parece.

Equinócio ficava consternado de ver seu dono naquele estado, mas não podia fazer outra coisa a não ser galopar, galopar, galopar.

Era um cavalo, mas não era burro.

Sabia muito bem que gente acometida de paixão demais às vezes murcha.

No dia em que encontrasse Aventura, Doravante voltaria a ser feliz como era antes e, portanto, só restava a ele correr o mais rápido possível, apesar da pata manca.

– VailogoEquinóciovocêjáfoiumcavalomaisrápido!

Os dois tiveram que enxotar milhares de morcegos por aí fora.

Enfrentaram muitos jacarés nos rios e monstros imaginários nos lagos, pois as pessoas às vezes imaginam o pior quando estão em perigo.

Logo aprenderam que o único jeito de acabar com monstros imaginários é o desprezo. Para que perder seu precioso tempo se preocupando com coisas que não existiam?

Já tinham motivos demais para se preocupar.

Os perigos dos oceanos, por exemplo.

Sempre que eles precisavam atravessar um mar, de continente para continente, o negócio complicava. Optaram por nadar os cem primeiros metros de cowl, depois cem metros de peito, cem metros de costas, cem metros de golfinho, mas o resto do oceano iam nadando cachorrinho mesmo. Era mais devagar, em compensação, era menos cansativo.



Os assaltantes de beira de estrada também eram muito perigosos, mesmo assim Doravante levava todos na conversa.

Explicava calmamente "nãogostodeassaltantes" e por que não gostava.

Perdeu muitas horas convencendo brutamontes mal-intencionados a se tornarem pessoas direitas, e só quando estava muito irritado dizia:

– Se você continuasse assaltando, eu obrigá-lo a partir pra grosseria.

Alguns assaltantes, os mais espertos, compreendiam logo os argumentos de Doravante.

Os burros e insistentes demoravam um pouco para compreender que era melhor mudar de ofício. Teve um que levou três semanas antes de decidir que ia parar de assaltar e ir trabalhar na padaria.

Lá pelo milésimo dia, Doravante, Equinócio e a chuva enfim compreenderam que não ia ser assim tão fácil sua aventura.

Foi quando eles chegaram num lugar que estava em guerra.

Era lança, flecha, fuzil, bomba, todo tipo de ignorância, não sei quantas centenas de mortos, não sei quantos milhares de feridos.

O Exército dos Cretinos disputava com o Exército dos Idiotas um trequinho de terra que não servia para nada, a não ser como desculpa.

– Esse pedaço é nosso! – urravam os Cretinos.

– Isso é o que nós vamos ver! – rugiam os Idiotas.

O motivo real da briga, é evidente, era mostrar quem era mais forte.

– QuetolicemeuDeuscomoéque secomplicaaindamaisomundocomu
maestupidezdessas?

Mas as pessoas estavam muito ocupadas, matando ou morrendo,
e ninguém ouvia.

Mais uma vez foi uma coincidência do destino que resolveu a
questão.

A solução caiu do céu na forma de um raio gigantesco que abriu
uma enorme fenda no chão e estava tudo resolvido.

Da fenda para cá era do Exército dos Cretinos, da fenda para lá
era do Exército dos Idiotas e acabou-se a briga.

Quem quisesse mostrar para os outros como era forte que fosse
trabalhar pesado.

– Seriamuitomaisproveitoso.

Trágico mesmo (ou tragicômico), foi quando eles atravessaram o
Deserto.

Doravante, Equinócio e a chuva foram confundidos com oásis o
tempo todo.

Logo se formou uma fila de camelos que vieram beber água das
poças que se formavam.

Deve ter sido isso que chamou a atenção dos homens ávidos.

Uma multidão de sedentos capturou Doravante, Equinócio e a
chuva: “É a salvação! A salvação!”

Trouxeram baldes que nunca tinham sido usados ou
qualquer tipo de recipiente que servisse para se juntar a
água, afinal não iam deixar passar uma oportunidade
dessas.



– Não possoficaraqui poisAventurameespera!



Mas os homens não queriam nem saber. Afirmaram
que eles nunca mais iam sair dali de jeito nenhum.
Podiam desistir para sempre.

Dessa vez, Doravante teve que partir para a
tapeação e resolveu na conversa.

Convenceu os captores de que Equinócio e ele não eram oásis,
eram miragem, e portanto não existiam.

– Estava bom demais pra ser verdade – os homens concluíram.

Estavam acostumados com as miragens dos desertos. (Já tinham sido enganados por visões enganosas outras vezes.) Desiludidos, soltaram os prisioneiros.

Ainda bem que tinham juntado nos baldes água suficiente para o ano inteiro.

Os dois já haviam viajado mais de seis anos na chuva, quando Equinócio mudou de opinião completamente. Agora era melhor seguir em frente do que voltar para trás.

Já tinham passado da metade do caminho.

Estavam cada vez mais perto de Desatino do Norte de novo.

“Não tinham que ter se separado nunca, não deviam ter marcado aquele encontro.”

Nesse tempo, muita coisa já tinha se transformado, com exceção do amor de Doravante.

Todos os dias ele pensava se Aventura ainda se lembrava dele, se ela também o procurava, se ainda era linda como antes.

O nome disso é amor demais, parece.

“Ele deve estar mais linda ainda com o passar do tempo.”

Os anos de chuva foram desbotando Equinócio aos poucos.

O marrom foi sumindo, foi ficando só o branco, e o branco foi ficando mais branco ainda.

Ele odiava isso.

Gostava de ser malhado.

Achava que estava ficando ridículo.

“Estou parecendo um desses cavalos de que princesa gosta” – pensava.

Além de sensível, ele era muito autocrítico.

Doravante e Equinócio passaram muitos reveillons sem champanhe e carnavais sem fantasia e domingos de páscoa sem chocolate.

Nunca em nenhum São João soltaram fogos.

Nos natais não ganhavam presentes.

Mas nos dias 21 de março e 23 de setembro eles sempre comemoravam o equinócio (quando os dias têm a mesma duração que as noites.) Nessas datas, Doravante ia a pé carregando o cavalo nas costas durante as doze horas exatas que durava o dia. Nas outras doze horas, eles dormiam.

Doravante sonhava com Aventura sempre.

Primavera, Verão, Outono, Inverno, e o tempo ia passando.

Nunca tiraram férias nesses anos todos.

Sofreram, andaram, se arriscaram e muitas vezes foram salvos dos perigos por alguma coincidência que devia estar por perto.

Procuravam, procuravam, procuravam, procuravam.

Dez anos depois, eles já tinham procurado cinco sextos da Terra, sabe lá o que é isso?

Imagine que a Terra é um bolo de chocolate enorme.

Agora, divida o bolo em doze fatias.

Doravante, Equinócio e a chuva percorriam em média uma fatia por ano.

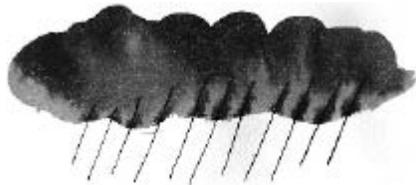
Já tinham percorrido o equivalente a dez fatias, dez doze avos da Terra.

– Portanto faltam mais ou menos uns dois anos.

Dois anos, oito meses e quinze dias, ele concluiria dois anos, oito meses e quinze dias depois daquele dia.



VOLTA PARA LEUCONÍQUIO E PILHÉRIO, ATRÁS UM POUCO



Até que Leuconíquio pesou, ponderou, raciocinou, tentou escolher boas maneiras de ultrapassar as dificuldades do caminho.

Logo percebeu que, se por um lado as dificuldades dificultavam, por outro facilitavam muito a sua vida.

Por onde passava, ele sempre encontrava pessoas necessitando de rodos, capas, galochas e guarda-chuvas para o caso da tempestade voltar.

Existe muita gente precavida no mundo.

Seguir Doravante era realmente muito lucrativo, levando-se em consideração a definição de lucro: ganho, vantagem ou benefício.

Era muito melhor segui-lo do que encontrá-lo, ora.

Pilhério fez todos os discursos possíveis para tentar mudar aquela desastrada resolução.

Por isso foi amordaçado de novo.

A carroça foi ficando pequena para carregar as moedas que seu dono ganhava vendendo artigos para chuva pelo mundo.

E o infeliz do papagaio, impedido de se manifestar por uma mordaca e cordas apertadas, ia muito mal-acomodado.



DORAVANTE E EQUINÓCIO CHEGAM A DESATINO DO SUL



Doze anos, oito meses e quinze dias é o tempo que se leva para dar a volta ao mundo procurando uma pessoa.

152 meses.

Mais ou menos 662 semanas.

4.640 dias, contando com os anos bissextos.

Doravante deu por concluída a contagem naquela sexta-feira dos ventos, sete de julho, quando chegou pela segunda vez na vida em Desatino do Sul, montado em Equinócio (às dez da manhã mais ou menos).

O cavalo relinhou relinchos de emoção só de lembrar que foi ali, há tantos anos, que o casal se encontrou pela primeira vez.

Doravante estava ansioso como nunca.

Quem não estaria assim no lugar dele?

Desatino do Sul e Desatino do Norte eram os dois últimos lugares da Terra onde ainda não tinha procurado Aventura.

Como ela não estava em nenhum lugar dos que ele procurou (todos os outros), obrigatoriamente tinha que estar em algum dos dois, pela lógica.

No caso dela não estar nem cá nem lá, dava para concluir, pela lógica, que não existe lógica nenhuma.

Como sempre preferiu o otimismo ao pessimismo, Doravante escolheu pensar que Aventura estava sim em algum lugar.

– É hoje que encontro minha Aventura que apostar?

Equinócio recusou a aposta.

Detestava perder dinheiro.

Sabia que ela estaria no local do encontro, com certeza. Aventura jamais teria seguido caminho sem o marido. Naqueles 4.640 dias, ele nunca engoliu tamanha burrice de se viajar tanto para nada.

Doravante abriu o mapa e deu mais uma conferida.

Era isso mesmo.

Se Nossa Senhora do Chega Logo ajudasse muito, e a chuva não atrapalhasse tanto, daqui a pouco estariam em Desatino do Norte, completando assim uma volta inteira no mundo.

Olhou em torno para matar a saudade.

Na última vez que esteve em Desatino do Sul, treze anos, cinco meses e catorze dias atrás, a cidade estava em festa e foi ali que ele viveu os melhores momentos da sua vida com Aventura ao seu lado.

Aquele povo devia ser muito animado, pois não é que a festa ainda não tinha acabado?

Lá da estrada se ouvia a música tocando.

Doravante se aproximou da casa de Madrugada e Apolo Dez palpitando de felicidade, tremendo de medo e se balançando de dúvida.

Olhando assim, dava para jurar que era um novo tipo de dança, mas era nervosismo mesmo. Afinal, suas duas últimas possibilidades de reencontrar a dona da sua finalidade estavam quase se acabando.

É muito pior ser muito infeliz do que um pouco inconveniente. Portanto, nem passou pela ideia de Doravante que, como a festa era ao ar livre, a sua presença (com a chuva grudada nela) estragaria a brincadeira.

Quando pulou o muro para dentro da casa, Doravante deu de cara com o salão todo inundado e um garoto indignado com aquilo: "que sexta-feira esquisita!"

Foi logo se desculpando:

– Desculpe o estrago a culpa é minha.

E daí para frente a gente já sabe.



DAÍ PARA FRENTE



Apolo Onze resolveu seguir Doravante pelo mundo.

Ouviu um "sabia que existe uma coisa chamada dificuldade que mora em todo o caminho?"

Mesmo assim insistiu:

"Só vou avisar mais uma vez andar comigo é um perigo menino."

Mas ele argumentou que nunca tinha sentido tanta vontade de querer, por favor, pediu, implorou.

– Então tá – Doravante fingiu que concordou – "Logo logo ele vai desistir por ele mesmo."

Nada melhor do que uma conclusão concluída pela própria pessoa, esse era o seu lema.

E Apolo Onze entrou em casa e anunciou a decisão para a família: ia partir com Doravante e a chuva para Desatino do Norte.

Seu pai engasgou, sua mãe tremeu, as sete irmãs gemeram sete não, o pessoal da festa se intrometeu...

E terminou que eles foram.

A parte mais triste foi quando foram todos até o portão.

Apolo Onze detestava despedidas. Mas sabia que elas são necessárias, às vezes.

A FESTA TEM QUE CONTINUAR

Depois que Apolo Onze, Doravante e a chuva partiram, Madrugada, Apolo Dez e as sete meninas choraram ao todo dezoito lágrimas.

Assim que eles desapareceram na estrada, Apolo Dez respirou fundo e contou até onze.

– A festa tem que continuar! – gritou então.

E o povo de Desatino do Sul se pôs a enxugar o pomar, o jardim e o quintal para dar prosseguimento ao baile.

Os fabricantes de guardanapo, as doceiras e os cozinheiros trabalharam dobrado para repor o material naquela mesma tarde e se divertiram muito.

A florista substituiu os arranjos ensopados por outros novos.

Os convidados, com saudade de divertimento, festejavam, festejavam e festejavam.

Os sapateiros receberam montes de sapatos danificados pela chuva para cerzir, reformar e trocar a sola.

Os garçons ganharam muitas gorjetas pela rapidez com que retomaram o serviço.

Dona Remédios da farmácia nunca vendeu tanta aspirina na vida.

Apolo Dez caprichou no solo de gaita, dando por reiniciada a música.

Madrugada acendeu uma vela para Nossa Senhora das Vontades e foi cuidar da ceia.

As sete irmãs invejaram um pouquinho a sorte de Apolo Onze.

- Ele vai
- Conhecer
- Tanta coisa
- Por aí

- E a gente
- Aqui
- Na mesma.



APOLO ONZE, DORAVANTE, EQUINÓCIO E A CHUVA PELA ESTRADA



No começo, Apolo Onze estava adorando a viagem.

Doravante se mostrou um ótimo guia e apontava os pontos mais interessantes do caminho. Equinócio se emocionava com as paisagens mais bonitas.

Era muito divertido tomar banho de chuva.

Ou seja, ser viajante era uma maravilha.

Só um pouco mais na frente, quando um coqueiro revoltado com o vento se pôs a jogar cocos em cima deles, a opinião de Apolo Onze foi rebaixada de “maravilha” para “é meio difícil andar por aí acompanhando uma tempestade”.

Quando uma árvore centenária caiu a pouco mais de um metro do trio, o “meio difícil” recém-concluído virou “difícilíssimo”.

Graças a uma feliz coincidência, daquela vez os três não viraram pó por uma questão de segundos.

Mas o “difícilíssimo” só deu um frio na barriga mesmo foi ainda mais na frente.

– Estamos chegando bem nomeio do mundo – o guia avisou. –
Isonão é emocionante?

– É aqui o Vale da Perdição?

– Foi aqui que eu perdi a sorte.

Aquilo era emocionante mesmo.

– Cuidado pra não perder nada importante.

A casa da tal velha estranha já se via.

Também já dava para avistar a ponte.

Duas cordinhas de nada dos lados e uns tronquinhos amarrados embaixo, não está vendo que aquilo não ia dar certo?

O perigo era iminente.

A não ser que a ponte fosse muito insistente, ia desabar com a chuva, estava na cara.

– Pontes insistem?

– É claro que não quem insiste é gente.

E Doravante contou que já tinha atravessado aquela mesma ponte, anos atrás:

– Justo no dia em que eu perdi a minha sorte por coincidência.

– Será que coincidências existem? – filosofou Apolo Onze.

– Vamos lá que essa ponte não desaba.

Que engano infeliz o dele.

Nisso era um ignorante completo.

Ignorava totalmente que a chuva tinha destruído a ponte, anos atrás, exatamente nessa ocasião a que ele se referia, no dia em que ele perdeu a sua sorte. (Por coincidência?)

Doravante aproveitou a hesitação do amigo e ainda tentou um “s equis de desistir agora é essa!” para ver se Apolo Onze tomava consciência dos perigos que existiam e voltava para casa dali mesmo.

Ficou impressionadíssimo com a insistência do garoto.

Apolo Onze afirmou que iria até o fim.

Não tinha medo.

Aliás, tinha medo sim.

Mas medo também existe.

Era do tipo de gente que insiste, Apolo Onze.

Estava mais do que provado que ele não era ponte.

– Vamos lá pessoal agente vai conseguir!

Apolo Onze apelou para Nossa Senhora do Segura Pra Não Cair.

Equinócio relinchou.

Doravante pensou nos beijos de Aventura.

Quando estavam quase chegando no começo da ponte, ouviram um som estranho.

Que barulho danado era aquilo?

Canários desafinados cantando?

Gansos esganiçados grunhindo?

Era um show de calouros?

Um coral?

Um dueto?

Um duelo?

Um desespero?

Só então viram Imprevisto e Poracaso em cima da figueira.

Eles cantavam uma música tão mal cantada que podia ser qualquer uma. Mas era “um elefante incomoda muito a gente”.

– Olha os dois atrapalhados lembra de eles Equinócio?

Ele abanou as orelhas. Lembrava perfeitamente.

– Há mais de treze anos não o via.

– Espero que eles não estejam cantando desde aquele tempo – Apolo Onze tapou os ouvidos.

Desde que Odisseia e Divina foram embora, Imprevisto e Poracaso viviam de folga.

A patroa agora ganhava o jogo todos os dias.

Dessa forma, estava sempre bem-humorada e ocupada.

Não precisava mais deles.

Mesmo assim queria os dois por perto.

Toda vez que eles pediam demissão, ela mandava dizer que não e não e não.

E sempre que eles tentaram fugir, os cães ferozes e suas mandíbulas impediram.

Para passar o tempo, eles brincavam de “um elefante incomoda muito a gente” e já estavam no 8.989.678.146.983.977.453.213.948.571.364.049.518.702.134.289.447.812 elefante, número difícilimo de se dizer em palavras.

A velha não incomodava nunca (os elefantes e a saudade das namoradas já incomodavam o suficiente), portanto eles usavam todo seu tempo disponível para sonhar com muitas Divinas e Odisseias em cima de cada elefante que contavam.

Relembavam as geleias, as gelatinas, os beijinhos roubados atrás do curral e arquitetavam novas maneiras de fugir dali um dia para reencontrar as duas.

Não queriam ficar presos naquele pedacinho de mundo com tanto mundo ali em volta.

Ambição bastante compreensível e bem peculiar aos seres humanos.

Então. Lá estavam Imprevisto e Poracaso contando os seus elefantes, pensando em suas amadas, e inventando maneiras de fugir da sua patroa, quando avistaram o vento, a chuva, Doravante e um garoto vindo.

O vento apagou a fogueira de novo.

– Lá vem o homem da chuva! Cuidadoooooo! – eles gritaram.

Mas o aviso veio tarde.

Pela segunda vez na história, o vento que seguia Doravante arremessou os dois lá de cima da figueira.

Que azar.

O homem da chuva.

Aquele que apaga a fogueira.

Aquele que derruba a ponte.

E Imprevisto e Poracaso então tiveram a mesma ideia ao mesmo tempo.

Correr para Desatino do Norte antes do homem.

Estava na cara que ele ia derrubar a ponte outra vez.

Então.

Era a grande oportunidade das suas duas vidas.

Se passassem antes da ponte cair, ficariam livres daquela velha para sempre.

Iriam para Desatino do Norte encontrar Divina e Odisseia.

Grande ideia.

A velha e os cães, ilhados lá do outro lado, não iam poder fazer nada.

Contaram até três.

Então correram.

– Praondeéquevocêsvão?

– Vamos pra Desatino do Norte antes que você derrube essa ponte de novo com a sua falta de sorte – os dois gritaram juntos e ao mesmo tempo, antes de sumirem na estrada.

– EntãofoiissominhaNossaSenhoraDosVentos!



A RECAPTURAÇÃO DA SORTE



Finalmente Doravante compreendeu o que tinha acontecido mais de treze anos antes.

- Achuvaderrubouaponteatrásdemimeeeunãopercebi.
- Por isso Aventura não chegava nunca. Ela ficou presa do lado de cá enquanto você esperava do lado de lá – Apolo Onze deduziu.
- Eoqueseráqueaconteceuduranteessetempopraelamudardeideiaeseguircaminhosemmim?

Essa parte Apolo Onze não sabia.

Os dois sentaram na frente da casa, em cima de uma pedra, para pensar.

- Calma.
- Estoucalmo.
- Vamos raciocinar.
- Comoéqueeupossoraciocinarnervosodessejeito?
- Quem encontrou o bilhete foi Leuconíquio.
- ObilheteumapenadePilhério.
- E você falou que Leuconíquio era inventor.
- Issomesmo.
- E tinha arranjado um assessor de invenções no dia em que vocês se conheceram.
- Exatamente.
- Alguém de uma cultura geral impressionante.
- Issofoioqueeledisse.
- E se fosse Pilhério?

– Masele encontrou o tal assessor de invenções muitos meses antes de encontrar a pena e o bilhete!

– Isso foi o que ele disse.

A cada conclusão de Apolo Onze, as orelhas de Equinócio davam voltas de alegria.

– Leuconíquio vendia quinquilharias, então passou a vender artigos para chuva e ganhou muito dinheiro às suas custas, não foi isso?

– Não deixadeserumpontodevista.

– Até que, segundo você me contou, as vendas caíram bruscamente um dia.

– Ele ficou praticamente falido.

– Foi por isso que ele usou a pena e o bilhete que já tinha há muito tempo, Doravante! Se você fosse embora, ia ser muito melhor pra ele.

– Como assim ele já tinha a pena e o bilhete há muito tempo?

– Quando chegou aqui e viu que a ponte tinha caído, Aventura deve ter mandado Pilhério levar o bilhete voando. E deve ter sido aí que Leuconíquio encontrou o seu parceiro.

– Mas o bilhete dizia que ele ia seguir o caminho sem mim!

– Você tem certeza de que era a letra de Aventura?

– Claro que era.

– Você ainda tem ele aí?

– Claro que tenho.

E Doravante tirou do bolso direito uma sacola plástica, e de dentro dela o bilhete.

“ALGO TERRÍVEL ACONTECEU ME OBRIGANDO A FICAR LONGE DE VOCÊ. A PONTE ENTRE NÓS DOIS SE PARTIU. MEU AMOR TORNOU-SE IMPOSSÍVEL. ENCONTRAR VOCÊ COMO COMBINAMOS NÃO VAI DAR. PRA SEGUIR AGORA, SÓ SEM VOCÊ. TUDO É MUITO TRISTE, MAS SIGO CAMINHO. QUANDO DER, A GENTE SE VÊ. LOGO, BOA SORTE PRA VOCÊ. ESPERE POR MIM NÃO. ME ESQUEÇA, DORAVANTE.”

Apolo Onze leu.

Releu.

Quebrou a cabeça.

Teve uma inspiração.

Então sugeriu:

– E se a gente mudasse a pontuação?

– Se a gente mudasse a pontuação?

– Escuta isso.

E, devagarzinho, Apolo Onze leu alto para Doravante, frase por frase, de outro jeito.

– Algo terrível aconteceu me obrigando a ficar longe de você.

– Quemais.

– A ponte entre nós dois se partiu, meu amor.

– Aponte que ela falava era a ponte de verdade!

– Tornou-se impossível encontrar você, como combinamos.

– Continue por favor!

– Não vai dar pra seguir agora. Só, sem você, tudo é muito triste.

– Agora tudo faz sentido.

– Mas sigo caminho quando der. A gente se vê logo. Boa sorte pra você. Espere por mim. Não me esqueça, Doravante.

– Essa mulher me ama.

– Aventura deve ter chegado em Desatino do Norte depois que você partiu. E deve estar lá até hoje esperando por você. E deve estar louca que você chegue logo.

Equinócio deu um relincho que queria dizer “bem que eu não falei (porque infelizmente não podia) que essa viagem toda foi completamente inútil!”

– Doze anos e seis meses e quinze dias.

– E uma volta inteira no mundo.

– Será que ele me esperou tanto tempo assim?

– Eu aposto que sim – Apolo Onze sorriu.

E Doravante sentiu sua esperança virar certeza, uma certeza que lançou as dúvidas dele para longe dali.

– Aventura aqui vou eu!

Foi quando se ouviu um grito vindo de dentro da casa e o grito era tão grande e tão forte que chegou a provocar um relâmpago de ofuscar os olhos seguido de um trovão estrondoso.

– Imprevisto e Poracaso! – gritou a velha.

E lá de fora deu para ouvir o seu soluço de velha soluçando.

A porta da casa se abriu com um rangido ameaçador e engasgado e uma matilha de cães imensamente enormes (ou eram enormemente imensos?) saiu em disparada.

Eles e suas mandíbulas se espalharam rosnando, farejando, procurando, e tomaram a direção de Desatino do Norte.

– Vão buscar Imprevisto e Poracaso acho eu.

– Nesse caso os dois vão ficar bem machucados.

– Precisamos nos apressar pra resolver esse problema no caminho.

– Perdi essa! – a velha, lá dentro, não parava de soluçar. Que azar, que azar, que azar!

E o pensamento de Apolo Onze completou uma volta inteira dentro da sua cabeça:

“A sorte voltou para Doravante!”

– Você achamos mesmo?

– Tenho certeza.

– Então vamos lá!

– Eu não vou mais.

– Eu não acredito que você está com medo daqueles cachorrinhos de ma-
dame.

– É claro que não.

– O que foi então?

– Perdi a vontade.

Só faltava essa.

Perdeu a vontade, Apolo Onze.

Desistiu.

Desdesejou.

Desquis.

Desiludiu-se.

Ou seja lá o nome daquele desinteresse súbito.

– Não sei porque eu não quero mais ir.

– Eu quero tu queres ele quer nós...

– Não adianta, Doravante.

Tudo bem.

Desistências acontecem.

Mas logo agora?

Justo quando o mistério todo foi desvendado e a esperança de encontrar Aventura tinha ficado até mais forte do que a chuva?

Coincidentemente na hora em que as coisas melhoraram tanto?

Como é que se perde uma vontade tão grande assim de repente?

Como se perdem coisas nesse Vale da Perdição!

Parece até obra das coincidências do destino.

– Operigo já passou a ser legal não desistavenha comigo etal...

Mas não teve palavra de incentivo, nem verbo imperativo, nem promessa de felicidade que fizesse Apolo Onze mudar de ideia.

– É melhor você não perder mais tempo. A sua Aventura já esperou demais.

Isso era verdade.

Havia ainda a urgência de impedir que os cães trucidassem os dois atrapalhados.

Era necessário partir.

– Evocê vai fazer o quê?

– Sei lá. O que me der vontade.

“Minha Nossa Senhora dos Amigos que Precisa da Gente me ajude ajudarme amigo.”

Doravante queria fazer alguma coisa, mas sabia que não se pode mandar no verbo querer. Que não existe verbo auxiliar que ajude alguém a querer o que não quer.

Querer é muito pessoal.

Impetuoso.

Inconsequente.

Inconveniente, até, às vezes, quando sai desembestado querendo o que vê pela frente.

Tão raro, por outro lado, se é um querer de verdade.

Imprevisível.

Dia quer, dia não quer.

É um verbo de lua.

O melhor jeito de ajudar Apolo Onze seria deixar ele lá, na sua, para eleger seu querer mais à vontade. Um dia, com certeza, ele havia de conjugar "eu quero", no presente do indicativo, de preferência com um ótimo objeto direto.

– Vê lá o que você vai querer – Doravante falou antes de sair.

E se foi confiante de que ia enfim encontrar Aventura e no fim tudo ia dar certo para o amigo.

E Apolo Onze ficou ali sem vontade nenhuma mas com uma preocupação enorme.

E se ele estivesse errado?

E se fosse só coincidência?

E se a sorte não tivesse voltado para Doravante?

E aqueles cães ferozes no caminho?

– Boa sorte! – desejou bem alto.

Mas quando viu Doravante e Equinócio sumirem na estrada, lá do outro lado da ponte, sem a chuva em cima deles, concluiu que não tinha se enganado.

Como não sabia o que fazer, ou melhor, como não estava com vontade de fazer nada, Apolo Onze ficou parado naquele pedacinho de mundo, com a chuva lá chovendo.

– E se eu procurasse a minha vontade por aí?

Mas não estava com a menor vontade de procurar coisa nenhuma.

Não queria ir para Desatino do Norte, não queria voltar para Desatino do Sul, mas também não queria ficar ali naquele pedaço de mundo sozinho.

Não queria nada.

Recostou na pedra só por se recostar (porque nem pedra mais lhe agradava), apenas para ficar assim, como quem não quer nada, pensando naquela vida chata, torcendo que acontecesse alguma coisa para mudar o seu destino.

Se pelo menos parasse de chover e a lua aparecesse para fazer companhia para ele.

Mas que parar de chover nada.

Vai ver a chuva também não estava com a menor vontade de se mexer dali e por isso ficou parada lá em cima de Apolo Onze.



DORAVANTE VÊ A LUA



Nem sei se vai dar para imaginar a alegria de Doravante quando a chuva ficou para trás e ele enxergou o céu de novo.

Imaginou?

Pois a lua estava doze anos, oito meses e quinze dias mais bonita naquele entardecer.

Ou era ele que estava doze anos, oito meses e quinze dias mais velho e agora entendia melhor do assunto.

Ou é a saudade que embeleza as coisas mesmo.

A ansiedade vinha empatada com a alegria, transbordando.

– Vou reencontrar minha Aventura!

“Se não fosse a teimosia, já tinha encontrado há muito tempo.” Equinócio pensou com sua cabeça que em vez de falar só relinchava.

No início, os dois até estranharam um pouco a falta de pingos, a ausência de poças e a inexistência de lama.

– A vida é boa lembra Equinócio?

Como não sabia dizer “lembro”, ele balançou as orelhas, especialmente emocionado.

– Um vagalume! Outro. E outro. E outro. Emuitos. Vou mandar uns pra Apolo Onze.

Os vaga-lumes que encontrava no caminho, Doravante ia dividindo: os do amigo mandava para o meio do mundo, os de

Aventura guardava numa caixinha.

Quando chegasse lá ainda ia dar mais de treze anos de presentes só para ela.

Recomeçou a cantar sua canção, em lá maior, mais alto e mais forte do que nunca.

Só faltava bem pouquinho.

Parou para apanhar mais um vaga-lume e então viu a garota.

Vestido vermelho.

Chapéu xadrez.

Cabelos castanhos.

Olhos verdes.

Cabeça na lua.

Daí viu os cães ferozes e suas mandíbulas ameaçadoras em volta dela, rosnando.

Então desceu do cavalo.

Pegou o primeiro cão.

Jogou para cima.

E Doravante estava tão acostumado a jogar as coisas para cima com força (senão elas não atravessariam a nuvem), que até esqueceu que não havia mais nuvem em cima dele.

Jogou o cão com tanta força que ele sumiu no céu e nunca mais voltou.

Nem precisou fazer o mesmo com os outros.

Todos sumiram mata adentro.

Fugiram assustadíssimos.

“Esses aí não voltam mais.”

A menina estava salva.

Doravante tirou a caixinha de vaga-lumes do bolso e deu para ela de presente.

Como todo mundo, ela precisaria de sorte.

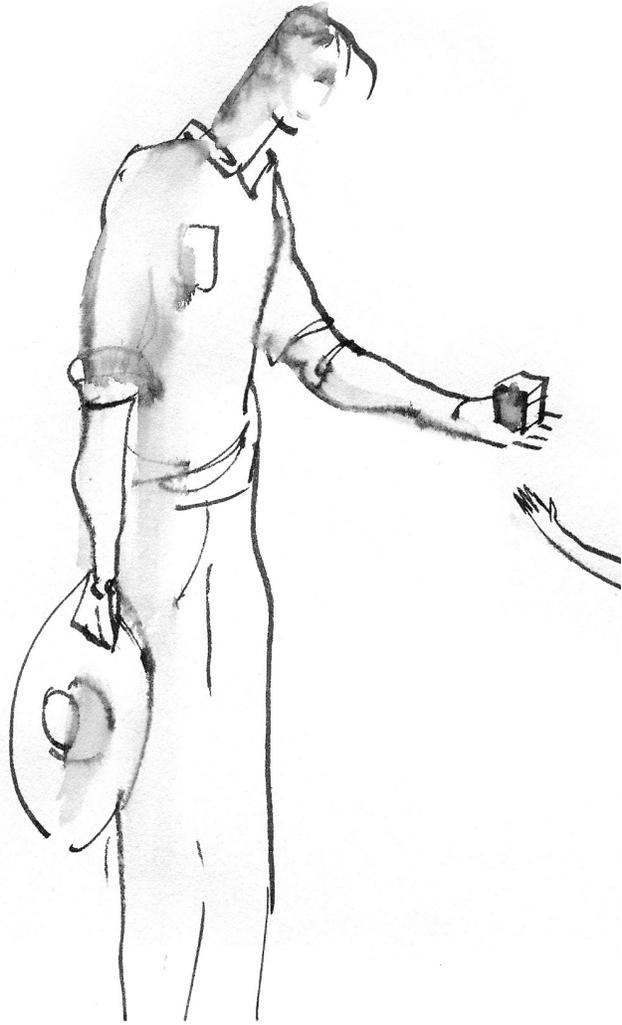
Ela suspirou.

Ele sorriu.

E saiu em disparada para se encontrar com Aventura, mais de treze anos atrasado.

Antes, achou bom avisar:

– Vaicomcuidadomeninaessaestradaéperigosa!



LUNA CLARA ATRAVESSA A PONTE



Luna Clara só ouviu o final da frase.

Perigosa, perigosa, perigosa, perigosa, atravessou a ponte repetindo, só com um pouquinho de medo. Tudo bem que foi ali que seu pai perdeu a sorte, sua mãe perdeu a confiança, seu avô perdeu suas histórias, e suas tias, a esperança.

Mas ela achava que não tinha nada a perder, além da caixinha e do seu precioso tempo. Quantos minutos faltariam para chegar até a nuvem?

No que dependesse dela, pouquíssimos. Por isso guardou a caixinha, bem guardada, no bolsinho do vestido e saiu em disparada.

Perigo nenhum ia impedir Luna Clara de chegar lá na chuva e dar mil beijos em Doravante.

Parece que é obstinação o nome disso.

Ela ia brincando de pisar uma única vez em cada tronco da ponte, enquanto pensava como a sua cabeça era desorganizada.

Naquela hora, por exemplo, o medo e a vontade estavam misturados.

Será que as cabeças têm gavetas?

Mas isso já era filosofia demais para quem estava atravessando uma ponte com o medo e a vontade discutindo qual dos dois era o mais poderoso.

A vontade levava lá sua vantagem, atraída pela chuva, pois a nuvem preta estava cada vez mais perto, não porque estivesse vindo, mas porque Luna Clara estava indo.

Motivo mais do que suficiente para ela continuar correndo.

Luna Clara tentava se convencer de que só existia um único lobo mau por estrada e que o dela já tinha aparecido na forma de uma matilha de cães.

No fundo, no fundo, ela sabia que nada existe assim, tão predeterminado, e que cada qual tem seu lobo, ou seus lobos, chega. Já estava filosofando de novo.

É que qualquer assunto sempre é bem-vindo para distrair o “tá quase na hora”.

E estava quase na hora mesmo.

Ela estava quase alcançado a nuvem preta.

Quase.

Quasíssimo.

Muito quase.

Até que aconteceu.

A maior emoção que Luna Clara sentiu em todos os seus doze anos, oito meses e quinze dias foi aquele primeiro pingo de chuva na sua cara, naquela sexta-feira, sete de julho.

Não dava nem para chamar de pingo.

Digamos que era uma gotícula de umidade.

Para ela era um oceano.

– Está chovendo! – ela gritou para o nada.

Há anos sonhava dizer isso.

Os desejos antigos devem ficar muito entusiasmados quando se realizam, a ponto de se tornarem repetitivos, tanto é que ela disse mil vezes:

– Está chovendo, está chovendo, está chovendo, está chovendo, está chovendo...

Outro pingo.

E outro.

E outro. Muitos deles. Pingos incontáveis.

Miúdos, vários, depois fortes, em quantidade, pingo tem coletivo?

Era uma enxurrada de pingos, um jorro, uma precipitação atmosférica formada de gotas, isso é que era a chuva.

Está satisfeita, Luna Clara?

Não estava.

Ainda faltava encontrar a causa, o autor, o agente da ação, o causador da intempérie, o sujeito indeterminado da frase “está chovendo”, que, naquele caso, era Doravante.

Pelo menos era isso que Luna Clara pensava.

Erradamente.

Só descobriu o engano quando chegou do outro lado da ponte e lá no meio da chuva, bem no centro da nuvem, num ponto equidistante entre o primeiro pingo e o último, em vez do seu pai, avistou Apolo Onze.



LUNA CLARA E APOLO ONZE, O ENCONTRO



Recostado na pedra, embaixo da chuva, Apolo Onze já estava perdendo a esperança de recuperar sua vontade de querer, quando viu Luna Clara se aproximando.

Foi um espanto mútuo.

Ele, que não esperava encontrar ninguém, encontrou alguém de repente.

Ela, que esperava encontrar Doravante, encontrou uma pessoa diferente.

“Quem será esse aí sentado?” (Ela)

“Quem será essa que vem vindo?” (Ele)

“Não é meu pai.” (Ela)

“Não é a lua.” (Ele)

“Mas tem a chuva.” (Ela)

“Mas nem precisava.” (Ele)

Ficaram um tempinho só se olhando.

“Como é que esse garoto veio parar embaixo dessa chuva?”

“O que será que essa garota está fazendo aqui sozinha a essa hora?”

“Preciso urgentemente inventar alguma coisa pra dizer.”

“O que é que eu digo, o que é que eu digo, o que é que eu digo?”

“Uma frase qualquer pra quebrar esse silêncio.”

“Uma frase qualquer.”

“Uma frase.”

Começos de conversa em geral são muito difíceis, principalmente quando um conversador quer causar boa impressão ao outro.

– Desculpe. Eu acho que confundi você com outra pessoa.

Foi ela quem quebrou o gelo.

– Alguém que se parece comigo?

Luna Clara olhou para a nuvem preta em cima de Apolo Onze e respondeu:

– De uma certa forma.

Uma frase sempre tem por obrigação puxar a outra, mas dessa vez a timidez se meteu no meio. Ficaram os dois mudos de novo, e sem jeito, que situação embaraçosa.

“Preciso falar qualquer coisa logo antes que ela diga: tchau, já vou embora.”

– Tchau, já vou embora – ela disse.

– É cedo.

– É tarde.

Luna Clara olhou em volta. A casa da velha. A ponte. A chuva. A neblina. O mato escuro.

Ficar ali no meio do mundo àquela hora da noite era meio esquisito.

Sua mãe já devia estar preocupada.

Tia Odisseia provavelmente estava aos prantos.

Tia Divina fazendo piadas.

O seu avô andando em círculos.

E seu pai, onde será que andava?

Em que direção?

Para qual lugar desse mundo o olhar de Luna Clara deveria olhar para encontrar Doravante?

Mas o olhar de Apolo Onze puxou o dela de volta como se fosse um ímã, e era um olhar que pedia “fica”, enquanto ela pensava, “nossa!”

Foi um encontro enfeitado de coincidências.

O que ela tinha, ele queria. O que ela queria, ele tinha.

“Passei a vida inteira atrás de uma chuva e quando encontro ela, encontro ele.”

Ela pensou.

“Passei a vida inteira atrás de um motivo pra querer e quando encontro ele, encontro ela.”

Pensou ele.

Antes que eles pudessem tomar alguma providência em relação àquilo que estavam sentido, se ouviram os latidos, vindos de dentro da casa da velha.

– Au!



“Parece que hoje eu não estou com muita sorte no item cães”, Luna Clara pensou, “essa história já está com cachorros demais”.

A porta se abriu com seu rangido.

A velha saiu.

E antes mesmo que pudessem arranjar um esconderijo qualquer, Luna Clara e Apolo Onze quase morreram de susto quando viram outra velha sair de dentro da casa.

Duas velhas?

Duas.

Iguais?

Iguaizinhas.

Então eram duas!

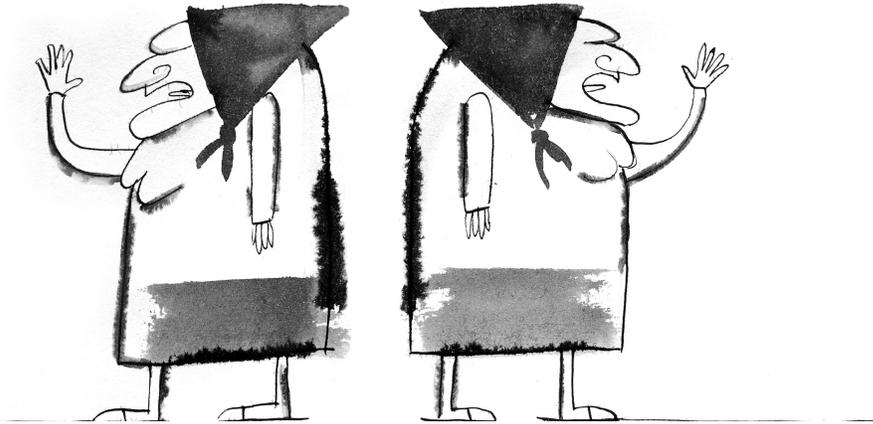
Uma vestida de azul, a outra vestida de rosa.

Não era possível.

Era?

Era.

– Imprevisto e Poracaso! – elas gritavam a duas vozes. – Onde estarão aqueles idiotas?



ONDE ESTARÃO AQUELES IDIOTAS?



Naquela sexta-feira dos ventos, 7 de julho, logo que a tarde caiu, Divina e Odisseia estavam sozinhas em casa, pois Aventura se encontrava tão nervosa que até tinha saído para dar um passeio.

Luna Clara devia estar lá na beira da estrada como ficava sempre àquela hora. (Mas já não estava.)

Divina contava aquela do papagaio que falava muito ao telefone para ver se Odisseia parava de chorar pelo menos um instante, quando bateram no portão.

– Deve ser o carteiro.

– Lá vem desgraça.

Nem desgraça, nem carteiro.

Eram Imprevisto e Poracaso.

Odisseia parou de chorar automaticamente.

Divina esqueceu completamente o final da sua piada.

E os dois ali, depois de tanto tempo, mudos. Nervosos. Petrificados. Indecisos.

Como é que se faz declarações de amor, principalmente quando se está molhado dos quatro pés às duas cabeças?

É realmente um negócio difícil.

Principalmente em versos.

Ainda mais para dois atrapalhados.

Eles começaram falando de elefantes, passatempos, anéis de brilhantes, contratempos, provas de amor, tentativas de fuga, ampulhetas, cães ferozes, ovos de tartaruga, asas de borboletas, metamorfoses (qualquer assunto servia desde que rimasse), saudade, geleia, gelatina, sentimento, impasse, dificuldade, ideia,

casamento, estavam chegando no ponto crucial da questão, quando elas interromperam.

- Essa conversa já está ficando meio longa.
- Que tal um eu te amo pra encerrar o assunto?

Os oito olhos se procuraram, formando dois grupos de quatro.

Num grupo, os quatro olhos de Divina e Imprevisto se olhavam, dois a dois.

No outro, eram os olhos de Odisseia e Poracaso que se olhavam.

As quatro bocas falaram ao mesmo tempo, quatro “eu”, quatro “te”, e quatro “amo”, totalizando dezesseis palavras de amor que se espalharam por aí.

É para isso que servem as palavras de amor.

Para se espalhar.

Pelo menos era isso que eles achavam.

Ou não teriam repetido as mesmas palavras tantas vezes seguidas, cada vez mais alto.

Os ponteiros dos relógios deram voltas enquanto os oito braços se abraçavam e as quatro bocas se beijavam, aos pares.

Mas quem quer saber dos ponteiros dos relógios num momento como esse?

Os minutos que se danassem.

E o resto do mundo.

Exatamente nesse momento tão lindo, Imprevisto e Poracaso começaram a cantar a canção que compuseram especialmente para elas.

Às vezes são muito inconvenientes e trapalhões os apaixonados.



AS DUAS VELHAS



– Imprevisto e Poracaso! – as duas velhas gritavam, a de rosa e a de azul.

Doze cães saíram da casa latindo, vai ter cães assim lá no meio do mundo!

E se Apolo Onze não tivesse sido rápido o suficiente para arrastar Luna Clara para trás da figueira, imagina só o que poderia ter acontecido.

“Obrigada minha Nossa Senhora do Essa Foi Por Pouco.”

Ainda bem que existe uma coisa chamada coleira e que ela estava sendo usada no momento. Mais de uma. Doze, mais exatamente. Numa ponta de cada coleira estava um cachorro diferente e na outra ponta estava uma velha, numa proporção de seis cachorros para cada uma.

– Eu procuro pra lá e você procura pra cá – a velha de rosa disse para a de azul.

– Nada disso. Você procura pra cá e eu procuro pra lá – a de azul respondeu.

– Foi isso mesmo que eu disse.

– Não foi não senhora.

Atrás da figueira, as mãos de Luna Clara e Apolo Onze tremiam, seus corações batiam, suas vias respiratórias ofegavam, seus olhos tentavam enxergar, apesar da neblina, e seus ouvidos tentavam entender o que estava acontecendo.

– Eu vou pra lá.

– Você vai pra lá.

– Foi isso mesmo que eu disse.

E cada cão puxava para um lado, e elas rodopiavam no meio, e eles farejavam, vieram vindo, foram, vieram, quase encontraram Luna Clara e Apolo Onze, foi por muito pouco mesmo.

– O seu lá é pra lá ou é pra cá?

– Pra lá – a de rosa apontou para o Norte.

– Pois então eu vou pra lá – a de azul apontou para o Sul.

– Foi isso mesmo que eu disse.

Até que as duas finalmente se entenderam.

Ou se desentenderam, quem sabe, e cada uma foi para um lado.

E outro acontecimento estranho e inesperado aconteceu naquela sexta-feira dos ventos nesse instante: a nuvem preta se partiu em duas e cada pedaço de nuvem acompanhou uma velha, numa proporção de uma velha por pedaço.

As duas velhas foram embora chovendo, a de azul para o Sul, a de rosa para o Norte, e a chuva parou de chover em cima de Luna Clara e Apolo Onze nesse momento exato.

A lua apareceu.

A nuvem se dissipou completamente.

E a única pista de Doravante que Luna Clara tinha se dissipou com a nuvem pelos ares.

Mal sabia ela que tinha outra pista bem na sua frente.

Mas não são exatamente essas pequenas coincidências que acontecem diariamente que levam as histórias para frente?

Então vamos lá.

Continuemos.

As duas velhas se foram.

Apolo Onze e Luna Clara respiraram de novo e de novo se olharam.

“Fica!”

“Nossa!”

Aquela era uma situação bastante delicada.

Um garoto e uma garota que acabaram de se conhecer.

Uma lua no céu.

Um frio na barriga.

Um cheiro de figos.

Uma leve brisa.

Uma casa mal-assombrada.

Algumas dúvidas.

“Volto, não volto, fico, não fico, falo, não falo?”

Quanto mais opções a pessoa tem, mais complicado fica, minha
Nossa Senhora Do Que É Que Eu Faço?

OPÇÃO 1 – Cada um ir para o seu lado.

OPÇÃO 2 – Ficarem juntos.

OPÇÃO 3 – Irem colher amoras, já que por ali não tinha cinema
(que é sempre uma boa opção para um casal de interessados.)

OPÇÃO 4 – Aproveitar que as velhas saíram, entrar na casa e
descobrir de uma vez por todas o grande segredo do Vale da
Perdição.

OPÇÃO 5 – Ou não.

Mas a opção cinco pareceu a mais covarde e, portanto, a menos
adequada.

Aquela casa mal-assombrada devia guardar todos os sentimentos
perdidos no caminho, os amores sumidos, os desejos extraviados,
os detalhes esquecidos, juízos, prejuízos, segredos, mistérios,
palavras presas, histórias, fantasmas e, talvez, mais cães ainda.
(Nunca se sabe.)

Eles podiam correr o risco, entrar ali e desvendar tudo aquilo.

Mas também podiam esquecer simplesmente, dizer adeus, e cada
um tomar o seu caminho.

Só dependia deles.

Aliás, só dependia dela.

Apolo Onze já sabia o que queria.

Aquela, aliás, foi a primeira vez que ele quis um querer de verdade.

Quis com os olhos, com as mãos, com o coração, com a cabeça, com ele todo, como é o nome disso? É bem-querer, parece, paixão, amor, love, amour, amore, depende exclusivamente da língua em que se estiver falando.

Por ele, estava decidido: ficariam juntos e entrariam na casa.

Luna Clara mais uma vez se deu conta do quanto era desorganizada a sua cabeça.

Uma lembrança, uma imaginação, uma decepção, uma nova esperança, uma reflexão, um dane-se, um desejo, outro, muitos, tudo fora das gavetas, numa bagunça muito maior do que a do seu quarto.

Um lado queria ir, um lado preferia ficar, um pensava em Doravante, outro gostava de Apolo Onze, outro estava na dúvida, outro...

E aí, Luna Clara?

E então, Apolo Onze?

Vão continuar ou desistir?

Isso é o Vale da Perdição.

Dizem que é mal-assombrado.

Tem velhas, tem mistérios, tem cães ferozes, tem perguntas.

Pode ter alguma resposta, por outro lado.

Os dois se olharam, "fica!", "nossa!", e se encaminharam para a casa da velha de mãos dadas.

MAPA DA ATUAL SITUAÇÃO

No começo da noite daquela sexta-feira dos ventos, a situação era a seguinte:

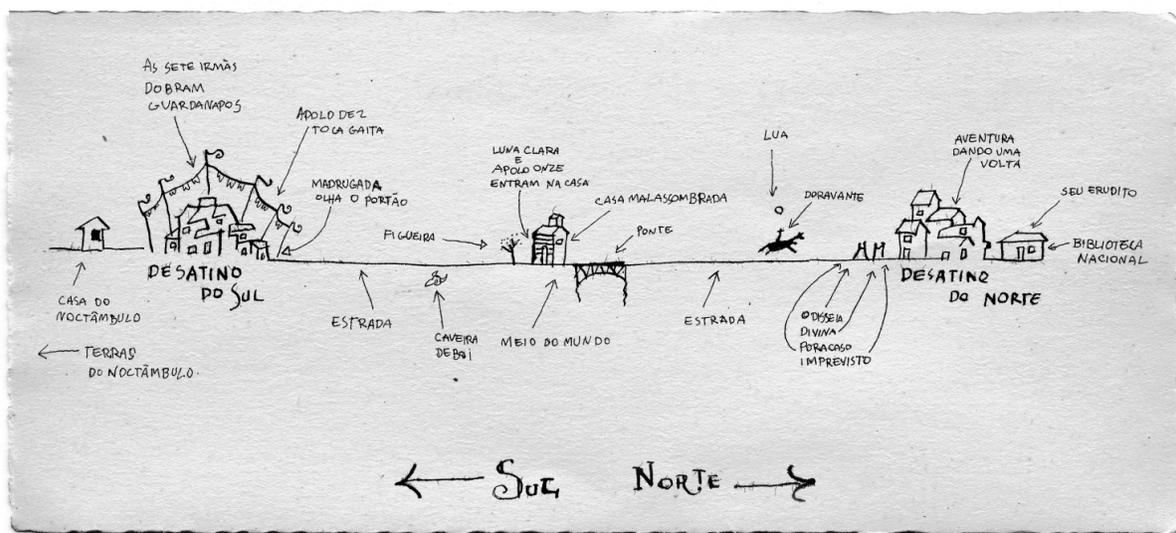
Apolo Onze e Luna Clara, no meio do mundo, resolveram entrar na casa mal-assombrada para desvendar os mistérios do Vale da Perdição.

Em Desatino do Sul, a festa estava ótima. As sete irmãs de Apolo Onze dobravam os guardanapos de papel que ele não tinha dobrado naquele dia. Madrugada olhava disfarçadamente para o portão enquanto inventava uma sobremesa nova para o jantar. Apolo Dez tocava gaita. Engraçado como cada pessoa tem o seu jeito de enganar a saudade.

Em Desatino do Norte, Aventura dava um passeio pela cidade, Seu Erudito conversava com os amigos na biblioteca, Odisseia e Poracaso, Divina e Imprevisto se abraçavam.

Doravante estava chegando.

Vai logo, Doravante! Ninguém aguenta mais essa história.



DORAVANTE E EQUINÓCIO CRUZAM A LINHA DE CHEGADA



Quanto mais se aproximava de Desatino do Norte, mais alto Doravante cantava:

– Aventuraventuraventuraventura ...

Em dó maior.

É mais alegre.

Equinócio passou do trote ao galope para acompanhar o ritmo da música e das batidas do coração de Doravante.

Dobraram a curva.

Avistaram a cidade de longe.

Como estava grande.

Bonita.

Cheia de luzes.

Qual daquelas luzinhas seria a que vinha de Aventura?

– Deznoveoitoseteseiscincoquatrotrêsdoisum!

E atravessaram a linha imaginária da chegada.

Finalmente.

Já era hora.

Como tinham demorado, minha Nossa Senhora da Insistência.

Doze anos, oito meses e quinze dias em tempo, e o mundo todo em espaço.

Equinócio ficou impressionado com o progresso.

Muita coisa tinha mudado por ali.

Lá de longe, viram uma placa “Biblioteca Nacional”.

Quem diria que Desatino do Norte teria uma biblioteca nacional um dia.

O PEDIDO DE CASAMENTO



Seu Erudito estava na biblioteca como sempre.

Odisseia e Divina entraram na frente.

Lá vinha problema.

Aquelas duas?

Àquela hora?

Imprevisto e Poracaso entraram em seguida.

E susto mesmo foi agora.

– O que é que esses dois idiotas estão fazendo aqui?

– Falou! – comemoraram Odisseia e Divina.

– Não foi com vocês que eu falei. Foi com eles.

– Mas agora você falou com a gente.

– Não falei.

– Falou de novo!

– Já disse que não falei!

– Se você disse, falou, ora.

Imprevisto e Poracaso tiveram que se meter para encurtar aquela discussão disparatada.

– Posso falar? – perguntaram os dois ao mesmo tempo.

Levaram um par de solenes nãoos do quase futuro sogro.

Mesmo assim se desembestaram a declamar juntos e ao mesmo tempo, sem deixar nem um segundo de silêncio para Seu Erudito se manifestar.

– O senhor exigiu uma prova de amor – aqui está ela – nós – tantos anos depois – cá estamos os dois – com mais de novecentos bilhões de elefantes contados – ainda mais determinados – a

desposar Odisseia e Divina – pois a nossa sina era essa – amoleça sua cabeça – e reconheça – nosso amor está mais do que provado.

– Nunca vi poesia de pior qualidade – foi só o que Seu Erudito disse.

– Isso porque você ainda não escutou a canção.

– Divina!

– Eles podem ser ótimos maridos, Odisseia, mas você há de convir que são péssimos cantores.

– E aí? E então? Estamos aqui aguardando sua decisão.

– Por favor, papai!

– Preciso consultar um amigo meu – o cabeça-dura respondeu.

E foi na estante, e escolheu qualquer livro, e abriu em qualquer página, e leu qualquer linha.

– “...vamos, vamos, simplifiquemos o ato. Aqui sozinhos não pretendo deixar-vos um momento sem que a Igreja celebre o casamento” – então completou. – Essa não!

– Quem é esse seu amigo que fala tão difícil?

– É Frei Lourenço, o padre que casou Romeu e Julieta e armou um plano que deu errado.

– E o que ele quis dizer com isso?

– Como você é burra, Divina. Não deu pra entender que ele quer que a gente se case?

Mas o cabeça-dura insistiu.

– Esse Frei Lourenço só faz besteira, portanto vou consultar outro personagem.

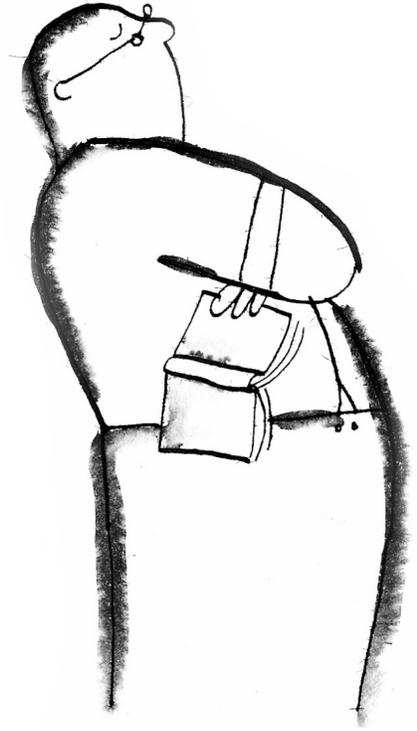
– Como assim? – Ele já deu sua opinião. – Frei Lourenço disse que sim. – Está resolvida a questão – Imprevisto e Poracaso tiveram um rompante de coragem.

– Tudo bem. Eu digo não, ele disse sim, então deu empate – Seu Erudito concluiu.

– Então Aventura desempata.

– Cadê Aventura?

– Sim! Cadê Aventura?



É MESMO. CADÊ AVENTURA?



Aventura estava ainda mais esperançosa naquele dia.

Primeiro porque era sexta-feira e ela tinha o costume de esperar ardentemente todo sábado, domingo, segunda, terça, quarta, quinta e sexta.

Segundo porque ela teve uma impressão de vento no final da tarde.

Podia ser imaginação sua.

Mas que a cortina da sala balançou, balançou.

A vela do candelabro se apagou.

Ela podia até jurar que o vento derrubou várias folhas da mangueira no quintal.

Depois o vento passou, como um pressentimento.

Mais uma vez ela pensou: "Está vendo, sua boba? Não era chuva, não era nada."

Mesmo assim ficou meio melancólica.

Por isso foi passear pela cidade.

Para passar o tempo.

Para ocupar o pensamento.

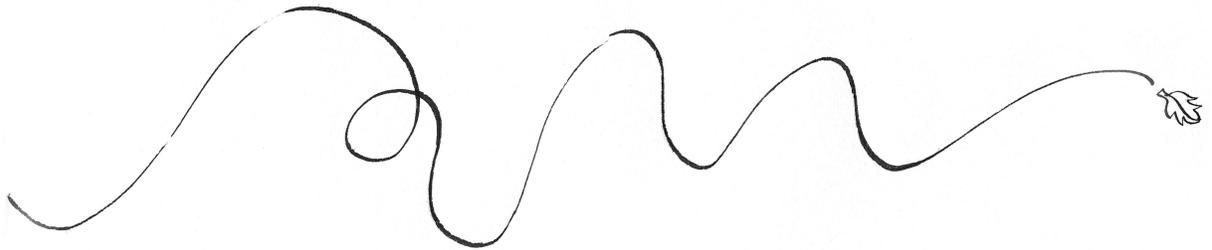
Para evitar mais desperdício de esperança.

Para tentar se enganar a si própria.

"Vou pensar em outra coisa, vou pensar em outra coisa, vou pensar em outra coisa, vou pensar... Já pensou se eu chegasse em casa e Doravante estivesse lá me esperando? Olha eu pensando besteira de novo. Vou pensar em outra coisa, vou pensar em outra coisa, vou pensar em outra coisa..."

Quando a noite caiu, ela resolveu voltar para casa.

Não queria deixar a filha mais tempo sozinha.
Achava que Luna Clara devia estar na beira da estrada, como
ficava habitualmente.
Como Aventura estava enganada.



O JOGO DAS VELHAS



Lá no meio do mundo, Apolo Onze e Luna Clara, de mãos dadas, se aproximaram da casa mal-assombrada.

Não entenderam bem a falta de maçaneta ou fechadura na porta, muito menos o que estava desenhado nela: duas linhas horizontais e paralelas e duas paralelas verticais se cruzando.

Quatro linhas.

Nove espaços.

Era o jogo da velha?

É claro que era.

– Eu sou bola.

– Eu sou cruz.

Apolo Onze pegou dois pedaços de carvão na fogueira apagada de Imprevisto e Poracaso, entregou um para Luna Clara e mostrou o quanto era gentil.

– Você começa.

Talvez porque tenha começado, foi ela quem ganhou a partida.

E aí?

Nada aconteceu.

– Esse jogo devia servir pra alguma coisa.

– Vamos outra?

Apolo Onze ganhou dessa vez e mais uma vez não aconteceu nada.

– A última? – Luna Clara sugeriu.

– Você começa.

Então ela desenhou uma bola no quadrado do meio do meio.

E ele desenhou uma cruz no quadrado de cima da direita.

Ela desenhou uma bola no quadrado de baixo da direita.

Ele desenhou uma cruz no quadrado de cima da esquerda, para ela não completar a diagonal.

E é claro que ele então desenhou uma cruz no quadrado do meio de baixo.

Ela ainda tentou uma bola no quadrado do meio da esquerda.

Mas ele impediu o "Ganhei!" com uma cruz no quadrado do meio da direita.

A ela só restava o quadrado de baixo da esquerda. Bola.

Deu velha.

E imediatamente a porta se abriu com seu rangido.

Era agora ou nunca.

Será que ainda tinha sobrado algum cão feroz naquela casa?

Eles esperavam que não.

Vão continuar ou desistir?

Se olharam.

Sorriram.

Entraram.

De mãos dadas.

E só então eles viram o verdadeiro jogo das velhas, o jogo mais fantástico e mais maluco que já tinham visto até aquela sexta-feira dos ventos.

O tabuleiro era um mapa do mundo.

A casa (mal-assombrada?), uma pequena casinha por fora, era enorme por dentro.

O mapa era tão grande que era do tamanho da casa.

As cartas do jogo eram escritas pelas velhas e não eram cartas.

Eram bilhetes.

Estavam espalhados pelo mapa.

Pregada na parede havia uma roleta amarela, redonda e gigante, como uma lua de perto.

Luna Clara e Apolo Onze se aproximaram do tabuleiro azul da cor do mar com manchas da cor da terra e viram o mundo inteirinho.

Tinha a o Oceano Atlântico.

O Pacífico.

O Índico.

O Mediterrâneo.

A África.

A Europa.

A América.

A Oceania.

A Ásia.

As Pirâmides do Egito.

Viram também as outras seis maravilhas do mundo, e a Torre Eiffel, o Rio São Francisco, Petrolina, Juazeiro, Itabira, o Pantanal, o Maracanã, o Viaduto do Chá, a Lagoa da Conceição, Santa Maria, e todos os lugares que existem, por menorzinhos que fossem.

Os bilhetes do jogo tinham sido escritos com as letras tremidas das velhas e estavam presos no mapa com tachinhas coloridas.

Deviam ser delas para elas mesmas.

Num lembrete espetado no topo do mundo estava escrito: "LEMBRAR O HOMEM DE INVENTAR A RODA."

Então foram aquelas duas!

A cada bilhete que eles liam, ficavam ainda mais espantados.

No norte da Inglaterra, estava escrito:

"DERRUBAR UMA MAÇÃ NA CABEÇA DE NEWTON PRA ELE DESCOBRIR A LEI DA GRAVIDADE."

Em Liverpool:

"APRESENTAR JOHN E PAUL A GEORGE E RINGO."

Na Grécia:

"COLOCAR UM TRIÂNGULO NO CAMINHO DE PITÁGORAS."

Em Pisa:

"DAR UM JEITO DE GALILEU PERCEBER QUE A TERRA SE MOVE."

Na França:

"LIBERDADE, FRATERNIDADE, IGUALDADE."

Em Woodstock:

"PEACE AND LOVE." (E um desenho.)

Em Portugal:

"SE METER NO CAMINHO DE CABRAL."

No Brasil:

"*PROBLEMAS DE SOBRA. (EXAMINAR DETALHADAMENTE.)"

Em Desatino do Sul:

"ENGANOS."

No meio do mundo:

"REVELAÇÕES."

E em Desatino do Norte:

"DESENCONTROS."



ENGANOS



Enquanto tudo aquilo acontecia, Leuconíquo chegava em Desatino do Sul com muitas horas de atraso em relação a Doravante.

– Olha o rodo! Guarda-chuvas! Capas! Galochas! Declarações de amor em promoção! Aproveitem a oportunidade!

Só então percebeu que a cidade estava em festa e que já tinham enxugado tudo.

Pior ainda.

Se ali era Desatino do Sul, a próxima cidade era Desatino do Norte.

Certamente Doravante ia encontrar Aventura (talvez até já tivesse encontrado àquela hora), e ia parar de procurar pelo mundo.

A viagem estava terminada.

E isso ia prejudicar sensivelmente o seu negócio, pois sem Doravante chovendo na frente, não fazia o menor sentido ele continuar atrás vendendo artigos para chuva.

Ainda havia um agravante.

Leuconíquo não ia ter cara de voltar para Desatino do Norte e dar de cara com os dois.

Não tinha como se justificar.

Não podia chegar para Doravante e dizer: “enganei você!”

E que desculpa havia de inventar por não ter cumprido a promessa que fez a Aventura?

Não, não, não.

Desatino do Norte não.
Era melhor ficar em Desatino do Sul mesmo.
Estava exausto de andar pelo mundo.
Já era tempo de se aquietar num canto.

A cidade seria muito boa, não fosse aquela festa maravilhosa.
Aquilo era insuportável, um desaforo de contentamento, uma eterna distração, uma vida mais do que completa, uma organização perfeita: trabalho/diversão/música/comida/namoro, todo mundo feliz e contente, tudo do bom e do melhor, em demasia, além do necessário, ninguém queria saber de mais nada, gente.

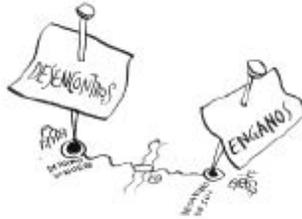
Nem de problema.
Nem de disputa.
Nem de dinheiro.
Nem de bobagem.
Nem de falsa aparência.
Nem de satisfação passageira.
Nem de ilusão provisória.
Nem de competição que não fosse só brincadeira.
Nem de conversa furada.
Nem de exibição, glória, nome, prestígio, fama.
Quem ia parar de se divertir para ouvir invenção?
Jamais.

Aquelas pessoas não eram do tipo de gente que perde seu tempo comprando inutilidades, uma vez que a única utilidade da vida, ali, era ser feliz.

E Leuconíquio não tinha felicidade em seu estoque.
Era melhor inventar outra maneira de ganhar a vida.
– Como é que se ganha a vida, num lugar desconhecido, de uma hora pra outra? – e desatou o nó que prendia o bico do papagaio.
– *!?"&+@&"\$#&"%\$***&!!!! – Pilhério xingou.
Leuconíquio concluiu então que teria de usar seus próprios meios.



REVELAÇÕES



Aquele “enganos”, naquele bilhete pregado em cima de Desatino do Sul, preocupou muito Apolo Onze. O “desencontros”, em cima de Desatino do Norte, causou o mesmo desagradável sentimento em Luna Clara.

E o que seriam as tais “revelações”, ali, no meio do mundo?

A curiosidade era grande.

Mas a preocupação era maior.

– Agora eu preciso ir – ela falou.

“Fica.” O olhar de Apolo Onze pediu, só por pedir. Ele sabia que também precisava partir para descobrir os enganos que podiam estar enganando a sua gente.

O garoto que nunca quis nada na vida agora tinha dois querereres de uma só vez, e o pior é que um querer queria ir, e o outro queria ficar.

Um bocadinho só.

Um último olhar.

Só mais um sorriso.

E Nossa Senhora do Só Mais Um Bocadinho deve ajudar todo mundo de vez em quando, ou Luna Clara não teria ficado ali, só mais um bocadinho, olhando para ele: “nossa!”

Agora era apelar para Nossa Senhora das Coisas Ditas No Momento Exato.

E Apolo Onze apelou.

E Luna Clara também.

E ela deve ter escutado aqueles apelos, pois a conversa tomou o seguinte rumo:

Apolo Onze perguntou o que Luna Clara tinha ido fazer ali, com o dia já escuro.

Luna Clara respondeu que veio atrás da chuva.

Apolo Onze perguntou se ela gostava de chuva.

Luna Clara respondeu que até então não sabia. Não conhecia a chuva antes.

Apolo Onze comentou que também não conhecia.

Luna Clara perguntou quando foi que eles se conheceram, a chuva e ele.

Apolo Onze respondeu que tinha sido naquela mesma manhã, por volta das dez horas.

Luna Clara se interessou em saber onde a chuva estava no momento do encontro.

– Estava em Desatino do Sul. Mais precisamente embaixo de uma nuvem preta e em cima de um homem e seu cavalo – Apolo Onze respondeu, sem saber que aquela resposta era tão reveladora.

Calma.

Espere um pouco.

Respire fundo.

Isso.

Melhorou?

Não.

Respire de novo, Luna Clara.

Melhorou agora?

Ainda não?

E Luna Clara quase teve o quinto colapso nervoso daquela sexta-feira.

– Uma chuva em cima de um homem?

Será que ela tinha ouvido bem?

– Você não vai acreditar quando eu contar.

Mas ela acreditou.



DESENCONTROS



Apolo Onze contou tudo com detalhes, como conheceu Doravante na manhã daquela sexta-feira, o episódio da recapturação da sorte, a pressa com que ele saiu correndo dali, minutos atrás, para se reencontrar com Aventura em Desatino do Norte.

– Será então que o homem que eu encontrei no caminho...? – ela raciocinou.

Daí tirou a caixinha do bolso.

Abriu.

De dentro dela, um monte de vaga-lumes saiu voando.

Muitos outros foram chegando, todos do lado do Norte, e tudo ficou tão claro, felizmente.

Aquele homem era o seu pai sim.

Luna Clara ficou sabendo que Doravante reencontrou a sorte, se livrou da chuva, deixou a barba crescer, emagreceu bastante e que Equinócio tinha desbotado com o tempo.

Agora ele era branco e manco de uma pata.

Ela então ficou bem mais tranquila.

Apesar do jogo indicar o contrário, parecia que seu pai e sua mãe iam se reencontrar finalmente. Talvez até já tivessem se encontrado. Que alegria que ela sentia.

E que vontade sentia Apolo Onze.

Os dois ali no meio do mundo.

E aquele jogo louco.

Enganos.

Revelações.

Desencontros.

E a roleta do jogo, parada, pedindo: "me gira".

– Giro?

– Não gira.

Agora estava nas mãos deles.

Precisavam resolver vários problemas pendentes.

Mas como é que se jogava aquele jogo?

E a roleta: "me gira".

– Não giro?

– Gira.

E Apolo Onze girou.

Com toda a força que tinha.

Então começaram os desencontros.

A roleta, bonita e redonda, amarela, rodou.

Rodou.

Rodou.

Rodou.

Foi parando.

Parando.

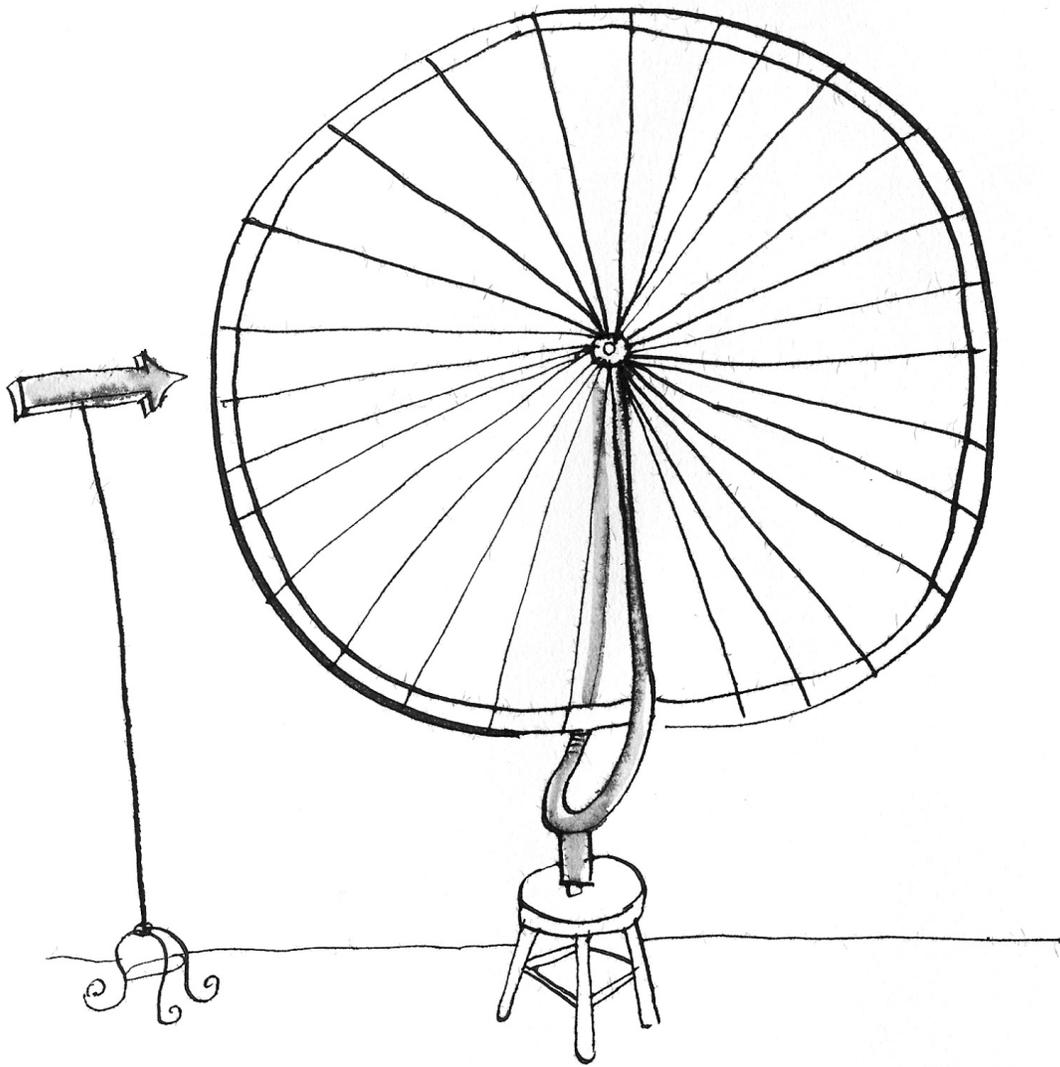
Parando.

Parou.

O que possibilitou a Luna Clara e Apolo Onze ficarem sabendo o resultado da jogada.

Estava escrito em letras maiúsculas, bem grande:

"DORAVANTE AVANÇA TRÊS CASAS."



DORAVANTE AVANÇA TRÊS CASAS



Antes da Biblioteca Nacional existiam, na seguinte ordem, uma casa amarela, uma branca e azul, uma verde, e uma mansão com piscina. (Vide mapa)

Doravante estava na frente da mansão.

Não.

– Averde?

Também não.

Então escolheu a casa azul e branca.

Quando foi se aproximando dela, se deu conta.

– Olhasó Equinócio a nossa imitação de cabana virou uma casa azul e branca!

Ficou curioso.

Mais que isso.

Ficou arrepiado.

Era um tipo de arrepio que ele nem lembrava mais que existia.

Por esta razão, bateu na porta.

Esperou um pouco.

Bateu de novo.

Pelo jeito não havia ninguém em casa.

Equinócio correu para o quintal. Estava com muita saudade de capim-santo. Agora que era um cavalo viajado, estava certo de que não havia melhor capim do que aquele no mundo.

“Entro ou não entro?”

“Entro.”

“Nãoentro.”

Algumas horas as pessoas tomam atitudes meio inexplicáveis.

Pela lógica, Doravante não devia entrar em casa alheia sem pedir licença ao dono.

Pela dialética, não custava usar a força da argumentação e admitir também o contrário.

Mas não foi a lógica, nem a dialética, nem a razão que decidiram por Doravante.

Foi o seu coração.

Ele resolveu entrar.

E entrou.

Isso é intuição?

Coincidência?

Amor?

Paixão?

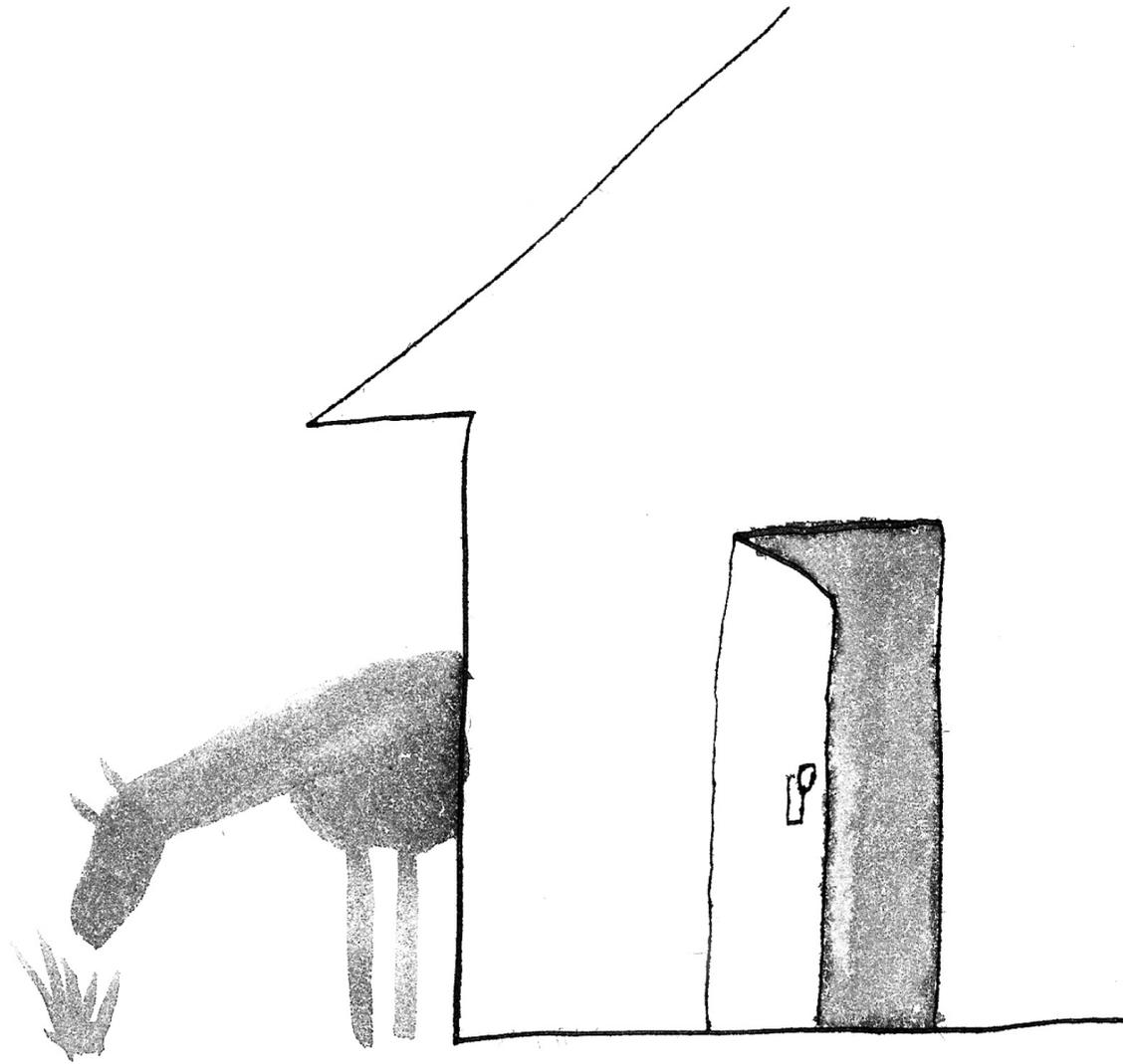
Não sei não.

É muito difícil essa pergunta.

SEGUNDA RODADA

Dessa vez quem girou a roleta foi Luna Clara.

“AVENTURA RECUA UMA CASA.”



AVENTURA RECUA UMA CASA



Aventura já estava chegando em casa quando ouviu uma gritaria enorme na biblioteca.

– Me meto ou não me meto? – pensou.

Que pessoa metida!

Recuou uma casa e entrou.

Encontrou Seu Erudito, Odisseia, Divina, Imprevisto e Poracaso aos berros.

– Ainda bem que você chegou pra desempatar – os dois casais deram graças.

Ela foi informada então dos motivos da polêmica.

Imprevisto e Poracaso eram de opinião que deram a tal prova de amor exigida no passado.

Divina e Odisseia concordavam com eles e resolveram marcar o casamento para o dia seguinte, uma vez que o enxoval já estava pronto há muito tempo.

Seu Erudito não estava de acordo.

Mas Frei Lourenço teria declarado:

– “...vamos, vamos, simplifiquemos o ato. Aqui sozinhos não pretendo deixar-vos um momento sem que a Igreja celebre o casamento” – o que significava que ele estava do lado da maioria e apoiava o matrimônio.

Aventura não entendeu muito bem essa parte, por isso interrompeu.

– Quem é esse Frei Lourenço?

– Um padre que só faz confusão na vida dos outros – Seu Erudito explicou.

- Falou! – Aventura comemorou.
- E Odisseia e Divina explicaram:
- Agora ele fala.
- E só diz não.
- Aí é que está o problema.

Imprevisto e Poracaso tentaram impressionar a cunhada para ganhar seu voto e contaram, lamentavelmente em versos, como conseguiram provar o seu amor, apesar das dificuldades.

– O que é que há? – Como é que pode? – Passamos anos tentando fugir da nossa patroa má – escrevemos uma ode – tivemos azar – esperamos bastante – contamos não sei quantos elefantes – continuamos apaixonados – queremos casar – quer prova maior? – ficamos encharcados – enfrentamos uma chuva para...

– Uma chuva? – Aventura interrompeu, e dessa forma impediu a gente de saber que palavra Imprevisto e Poracaso iam inventar para rimar com “maior” naquela frase.

– Uma chuva sim – quase um furacão – chegou assim – alagou o Vale da Perdição...

Mas Aventura nem quis saber o final do verso.

– Vocês juram que isso é verdade?

– Juramos que sim – juramos por Deus – tinha uma nuvem preta no céu – uma chuva desgraçada – pode perguntar pra menina de chapéu – aquela da beira da estrada – ela deu adeus e saiu correndo assim...

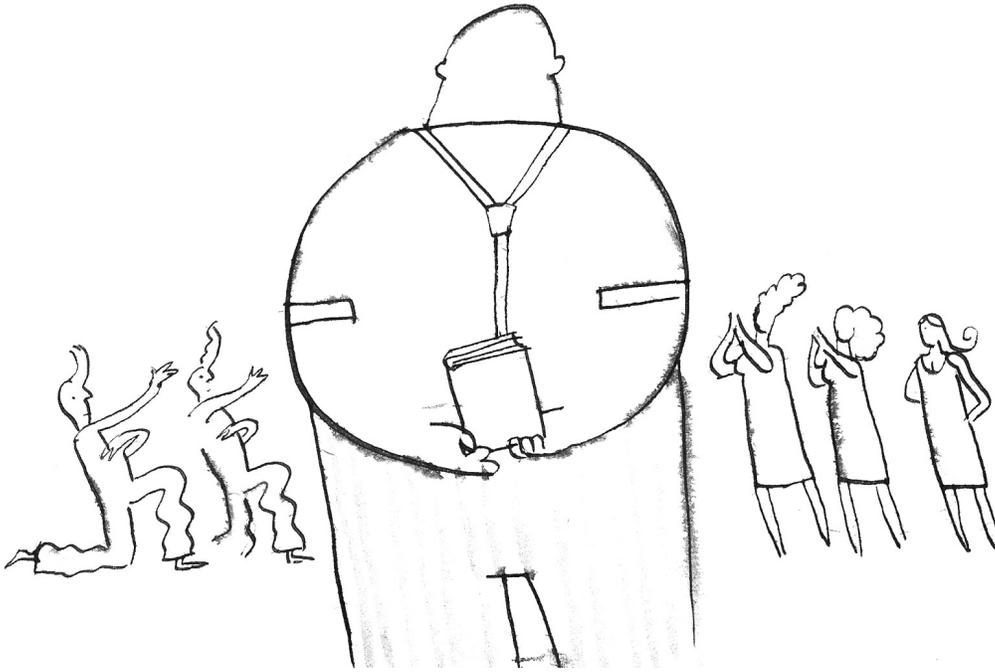
– Luna Clara saiu sozinha?

– A gente bem que avisou – pro lado de lá está chovendo – pensa que ela ligou? – que nada – pegou a estrada – e se foi em disparada...

E Aventura se foi em disparada também, atrás da filha, e até esqueceu de dar seu voto.

TERCEIRA RODADA

Apolo Onze girou a roleta de novo.
"DORAVANTE PERDE A VEZ."



DORAVANTE PERDE A VEZ



Se em vez de ter entrado na casa, Doravante tivesse ficado esperando na porta, teria visto quando Aventura passou correndo em direção à estrada.

Acontece que ele não ficou esperando na porta.

Não era de esperar, Doravante.

Era de procurar.

Por isso entrou na casa.

Uma sala enfeitada de romãs.

Um sofá. Uma poltrona. Uma mesa para cinco pessoas.

Um corredor.

O primeiro quarto. Triste. Escuro. Úmido.

O segundo quarto era engraçadíssimo. Nas paredes, de cima abaixo, várias anotações: piadas, piadas e mais piadas.

Mas ele não estava com vontade de rir agora.

Estava quase entendendo tudo.

Sério.

Pensativo.

E entrou no terceiro quarto.

Aventura não estava lá dentro, mas era como se estivesse.

Lápis de cor, papéis, tintas, pincéis e muitos desenhos desenhados por ela, uma infinidade deles espalhada pelos móveis, pela cama, pelo chão.

Todos versavam sobre o mesmo tema: Doravante (forte/corajoso), Equinócio (branco/marrom) e corações.

Na falta de palavras para explicar o que Doravante sentiu, pulemos esse pedaço.

Existia um outro quarto na casa.

“DeveseroquartodeseuErudito.”

Mas era um quarto de menina.

“Quemenina?”

“Quebagunça!”

Enquanto admirava tamanha desordem, roupas espalhadas, sapatos, tesouras, recortes, livros, mariposas, enfeites, escovas de cabelo, Doravante viu, em cima da penteadeira, um outro desenho desenhado por Aventura.

Uma menina.

“Quemseráessa?”

Examinou mais atentamente o desenho.

“Vestidovermelho.”

“Chapéuxadrez.”

“Cabeloscastanhos.”

“Olhosverdes.”

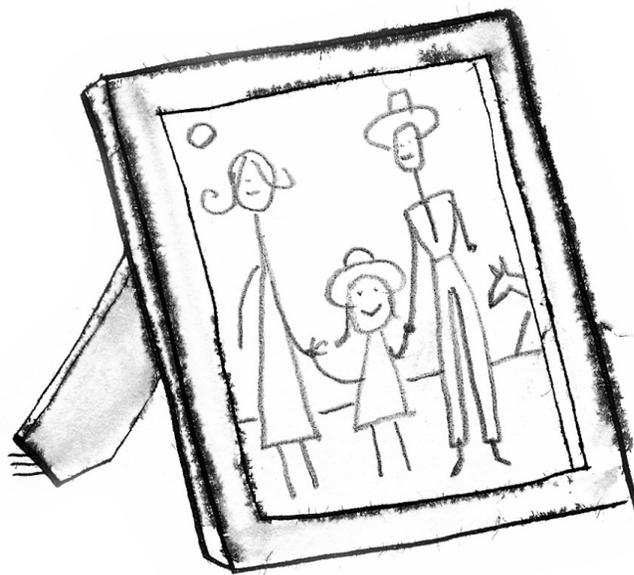
“Cabecanalua.”

“Ameninaqueencontreinaestrada!”

Parabéns, Doravante.

Que capacidade de dedução!

Uma conclusão importantíssima para o desenrolar dessa história.



QUARTA E ÚLTIMA RODADA



Luna Clara girou a roleta.
Ela rodou, rodou, rodou.
E foi parando, meio indecisa.
Ia para um quadradinho.
Voltava para o anterior.
Não se decidia.
No primeiro quadrado estava escrito "PROBLEMAS NA FESTA:
PERIGO."
No segundo, "PERIGO: AVENTURA NA ESTRADA."
A roleta ia e voltava.
Ia.
Voltava.
Não sabia qual quadradinho queria.
Estava na dúvida.
(Roleta duvida?)
Até que parou.
E parou bem no meio dos dois quadradinhos, entre um e outro.
Dessa vez, Luna Clara e Apolo Onze se desesperaram.
Será que aquele jogo era só um jogo?
Será que o que aquele jogo dizia correspondia à verdade?
Será que, por coincidência, o que o jogo dizia, acontecia?
Será que eles deviam continuar jogando?
E se tudo desse errado?
Pelo sim, pelo não, resolveram não arriscar.
Era chegada a hora de parar de brincar e fazer alguma coisa.

Inclusive porque as duas velhas – a que foi para o Norte e a que foi para o Sul – já deviam estar chegando nas duas cidades de Desatino, com seus seis cães ferozes e metade da chuva, cada uma.

– Eu levo você a Desatino do Norte pra gente ver que perigo é esse e depois volto pra Desatino do Sul, pra tentar resolver o tal problema na festa.

Essa era a proposta de Apolo Onze.

Deixar uma garota andar sozinha, à noite, numa estrada perigosa? Nunca!

Nunca?

Veremos.

Ele ainda não sabia que aquela cabeça aluada, embaixo daquele chapéu xadrez, era dura como a do avô.

E sabia menos ainda que aquela cabeça aluada, embaixo daquele chapéu xadrez, dura como a do avô, tinha ideias muito determinadas dentro dela.

– Era só o que faltava você me levar em casa enquanto a sua festa está em perigo.

E isso foi só o começo do discurso de Luna Clara.

Ela levantou, ponto por ponto, os direitos dos homens e das mulheres, mencionou palavras como “equiparação”, “justiça”, e “igualdade” e arrematou dizendo que em momentos como aquele era preciso esquecer as teorias e partir para a prática.

– Existe um perigo rondando a sua casa, um outro rondando a minha, os dois acontecendo ao mesmo tempo. Eu vou pra minha, você vai pra sua, e tenho dito e pronto.

Até nisso era parecida com o avô, a cabeça-dura.

Apolo Onze também sabia discursar.

E discursou.

Em vez de “direitos dos homens e das mulheres” foi sobre gentileza, a sua palestra. Carinho. Cuidado. Zelo. Desvelo. Proteção. Am...

– Eu não preciso de protetor nenhum e posso muito bem ir sozinha – ela interrompeu.

E nós ficamos sem saber se o Am... a que Apolo Onze ia se referir era amor ou amizade.

Quando dizia que não precisava de protetor nenhum e podia muito bem ir sozinha, a intenção era ser chata para ver se convencia ele.

Mas lá no fundo ela duvidava do que dizia.

Queria a companhia de Apolo Onze sim, e sua proteção.

Ou não?

Ô cabeça desorganizada.

Por um lado, ela achava que ele devia ir imediatamente para casa resolver os problemas dele... Por outro lado, aquela estrada escura e ela sozinha... Se bem que... Mas... E?... Precisava organizar aquela cabeça urgentemente, Luna Clara pensou, e precisava também organizar seu quarto.

Mas o quarto ficava para depois.

Agora ela precisava rapidamente de uma decisão, e não havia a menor condição de encontrar uma decisão dentro da bagunça daquela cabeça.

Só dando uma arrumadinha.

Ela afastou um sentimento para o canto, tirou um medo do meio, guardou, bem guardada uma expectativa (meio torta), e falou com uma cara de quem sabia muito bem o que dizia:

– Boa sorte pra você, Apolo Onze.

Então saiu da casa das velhas.

Foi embora.

Correu de um medo em direção a outro.

Apolo Onze ficou totalmente aturdido.

Sem saber o que fazer, resolveu usar a pergunta clássica.

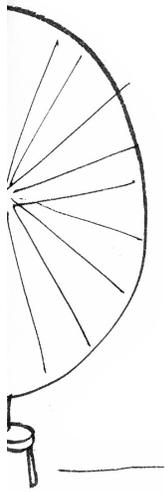
– Quando é que a gente se vê de novo?

Ela não ouviu.

Continuou indo para o Norte, morrendo de medo, "e se a gente nunca mais se encontrar?"

Ele tomou o caminho do Sul com um pavor idêntico.

E a roleta ficou lá parada entre "PROBLEMAS NA FESTA: PERIGO" e "PERIGO: AVENTURA NA ESTRADA."



PERIGO NA FESTA



Quando resolveu que teria que usar seus próprios meios para ganhar a vida de uma hora para a outra num lugar desconhecido, Leuconíquio teve que botar o cérebro para funcionar.

Pensou em algumas soluções.

Umas difíceis.

Outras difíceis.

Outras mais fáceis.

E ficou até bastante arrependido por antecedência quando constatou:

- Pena que as soluções mais fáceis são sempre as mais fáceis.
- Pena que o óbvio de vez em quando dá pena.
- Pena que as soluções mais fáceis nem sempre são as melhores para todos.

Escolhida a mais fácil das soluções, Leuconíquio procurou o dono da festa e propôs uma pequena sociedade.

Apolo Dez falou que não se interessava não – faça o favor de me desculpar – estava muito ocupado se divertindo.

E o sujeito tagarelando.

– Vai ser a maior empresa de alegria da região de Desatino. (Quem sabe até do mundo inteiro?) Podemos chamá-la de “Apolo & Leuconíquio Entretenimentos e Diversões”. Melhor ainda: “Apolo’s Party”. O que é que você acha?

Declamou um monte de números exorbitantes e prometeu, em troca de cinquenta por cento dos lucros, gerenciar a empresa de graça.

Ap
olo
Dez
não
ente
ndeu
muit
o
bem
aque
le
"de
graç
a"
em



troca de lucro e não estava nem um pouco a fim de perder seu tempo ali escutando aquela conversa.

O sujeito não parava de dar ideias: terceirizar o serviço, baixar os salários, estimar os lucros, estabelecer metas e objetivos, planilhas, organogramas...

– Você vai me desculpar, mas eu estou mais interessado em tocar gaita.

É falta de educação interromper os outros.

Mas a paciência de Apolo Dez também não era interminável.

Por isso ele deixou o chato lá fora e voltou para a festa.

E agora, Seu Leuconíquio?

Com o "plano um" arruinado, um "plano dois" se tornava imprescindível.

Parar de ganhar dinheiro e simplesmente viver feliz ali não estava nos seus propósitos.

Ele era daquelas pessoas que sempre querem mais um pouco, só um pouquinho.

“Que pena.” Constatou mais uma vez, não muito satisfeito com a pessoa que era.

Foi então que viu, ao lado da casa de Apolo Dez, uma terra enorme e vazia e imediatamente pensou: “o dono desse pedaço aí deve ter dinheiro”.

Bateu palmas no portão.

– Agora não posso, estou ocupado pensando numa maneira de acabar com essa festa – gritou lá de dentro Noctâmbulo.

– Pois você acaba de encontrar uma.

O portão foi aberto.

– Só preciso saber o motivo da festa para acabar com ela – Leuconíquio garantiu.

– O nascimento de um tal de Apolo Onze. Mas isso já faz mais de treze anos e o menino até já foi embora daqui.

– Pode considerar a festa acabada.

Noctâmbulo se sentiu inseguro tamanha era a convicção daquele camarada.

Nunca ia contar para ninguém, isso era segredo absoluto, mas ele já estava acostumado com o barulho da festa e até gostava.

Não sabia se queria passar suas noites sem ela.

Mas Leuconíquio continuou a insistir.

– Acabo com a festa e pode somar aí mais uns milhões nisso. Aceita ficar milionário?

Noctâmbulo ouviu atentamente a explanação.

A ideia era lotear aquele pedaço de terra, fazer de lá uma grande festa e inventar um nome bonito tipo “Condomínio da Festa Mais Divertida do Pedaço dos Bosques das Matas das Águas dos Jardins Floridos da Manhã Ensolarada da Tarde e da Brisa da Madrugada Enluarada da Felicidade Eterna.”

– Até aí só não gostei do Madrugada. Esse nome me faz sofrer – Noctâmbulo confessou.

– Tudo bem. Então tiramos também o “enluarada” pra não ficar sobrando.

- E daí? O que é que se faz com isso?
 - Vende-se, ora.
 - Essa terra não está à venda.
 - Nem por isso deixa de valer um dinheirão.
 - Ninguém vai querer comprar. Esses estúpidos só querem saber de festa.
 - E se a festa daqui for melhor do que a de lá? – Leuconíquio não desistia.
 - Não adianta. Esse povo aqui de Desatino de Sul não faz economia. Gastam tudo na vida.
 - Nós podemos emprestar dinheiro a juros pra eles.
 - E ainda podemos aumentar os juros de modo que ninguém nunca consiga terminar de pagar o seu pedaço – Noctâmbulo se empolgou.
 - Agora você começou a entender.
- E Leuconíquio explicou o “plano dois” detalhe por detalhe.



- Primeiro eu vou acabar com aquela festa de lá. Em seguida começamos a nossa festa aqui.

Fora o dinheiro que ganhariam com a venda dos lotes, somaram o valor dos ingressos e mais a consumação. Abririam um bufê, uma firma de decoração, uma fábrica de balões, autocontratariam seus próprios serviços e, como não sabiam tocar, em vez de contratar uma banda, botariam um disco tocando que saía muito mais barato. Lucro na certa.

– Meio a meio?

– Meio a meio não. Eu tenho o papagaio, esqueceu? Ele vai ser a atração da festa.

– O que é que ele sabe fazer?

Só então Leuconíquio desamarrou o bico de Pilhério e Noctâmbulo ficou até abalado com tamanho desenvolvimento intelectual.

O papagaio citou grandes humanistas, a teoria do valor, a má remuneração do trabalho, discursou contra a exploração, se declarou completamente contra enganar os outros vendendo terrenos de mentira ou produtos de qualidade inferior e terminou implorando:

– Você quer fazer o favor de me soltar?

Leuconíquio amordaçou Pilhério de novo e se dirigiu para a porta.

– Agora eu vou acabar com aquela festa de lá.

– Como é que você vai fazer?

– O motivo da festa é Apolo Onze, certo?

– Certo.

– Então é só raciocinar. O motivo do final da festa precisa ser maior do que o motivo da sua existência, Noctâmbulo!

– Sim. E aí?

– Aí Apolo Onze vai morrer.

– Você vai matar Apolo Onze?

– Todo mundo vai morrer um dia, ora. Você pode guardar o meu papagaio um minuto enquanto eu vou ali resolver esse probleminha?



AVENTURA NA ESTRADA 1



A nuvem preta estava lá na frente.
E os pensamentos de Aventura, dentro da sua cabeça,
conseguiram ser ainda mais rápidos do que os seus passos.

Luna Clara.

Chuva.

Doravante.

Perigo.

Vale da Perdição.

Paixão.

Reencontro.

Desvario.

Medo.

Preocupação.

Desencontro.

Minha Nossa Senhora do Cadê Minha Filha!

Minha Nossa Senhora de Como É Que Vai Acabar Essa História?

MAPA ATUALIZADÍSSIMO

*Em Desatino do Sul, Leuconíquio planeja o fim da festa.
O meio do mundo, por ora, está bastante desanimado. (Note-se
que está aparentemente vazio de gente.)*

*Na estrada entre o meio do mundo e Desatino do Sul, vemos a
velha de azul, seus seis cães ferozes, e a metade da nuvem preta*

(chovendo meia chuva apenas.)

Apolo Onze vem, apressado, um pouco atrás deles. Notem-se suas tranças balançando e seu coração batendo.)

Na estrada entre o meio do mundo e Desatino do Norte, vemos a velha de rosa, seus seis cães ferozes, e a outra metade da nuvem preta (chovendo o resto da chuva.)

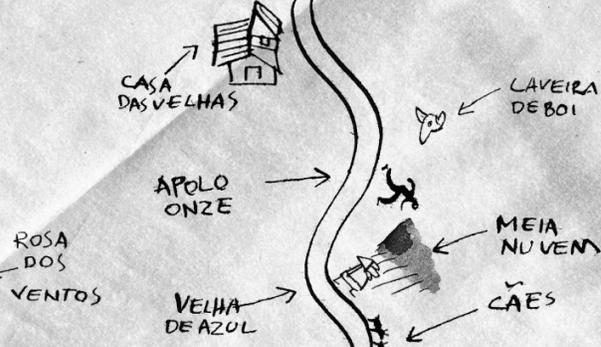
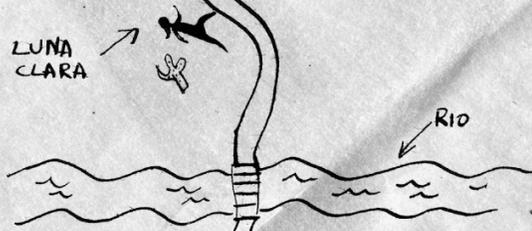
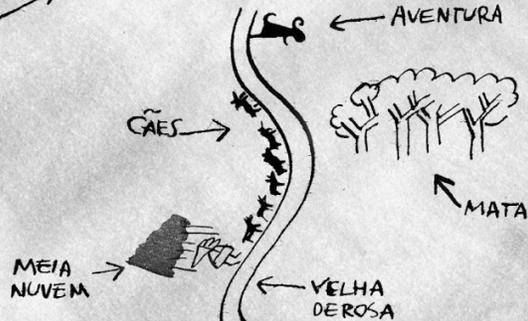
Luna Clara vem, apressada também, um pouco atrás. (Note-se que ela está correndo tanto que de vez em quando o chapéu cai no chão e ela precisa voltar para apanhá-lo.)

Na mesma estrada, em sentido contrário, de Desatino do Norte para o meio do mundo, lá vem Aventura, preocupada. (Note-se que ela está cheia de caraminholas na cabeça.)

Em Desatino do Norte (na biblioteca), Odisseia, Divina, Imprevisto, Poracaso e Seu Erudito continuam a discussão sobre o casamento.

Doravante (na casa de Aventura) comemora: "agora e entenditudo".

DESATINO DO NORTE



AGORAEUENTENDITUDO



Depois de concluir que a garota do desenho de Aventura, em cima da penteadeira daquele quarto desorganizado, era a “meninaque encontraestrada” (conclusão importantíssima para o desenrolar dessa história), Doravante concluiu uma segunda conclusão ainda mais importante do que a primeira.

Aquela lua de mel, mais de treze anos atrás.

Aqueles beijos.

Aquele amor.

Um homem e uma mulher.

Uma menina.

– É lógico!

Uma emoção.

– O que é que a minha filha estava fazendo sozinha naquela estrada perigosa?

Um medo.

– Equinócio!

Uma resolução.

– Aventurava iter que esperar mais um pouco apenas o suficiente pra eu buscar a filha da gente.

Equinócio veio galopando.

– Você não vai acreditar quando eu contar.

Mas ele acreditou.

E os dois saíram, desatinados, aos galopes.

A VELHA DE ROSA



A velha de rosa, os seus seis cães e a sua meia chuva já estavam quase chegando em Desatino do Norte, quando viram Aventura vindo de lá feito uma louca.

– Agora eu entendi porque essa chuva não sai da minha cabeça. Deu tudo errado! – a velha se lamentou com aquela sua voz de velha se lamentando.

Se tudo tivesse dado certo, Aventura deveria estar com o marido àquela hora.

Quando ficaram com a sorte de Doravante por causa de uma infeliz coincidência, há mais de treze anos, as velhas se sentiram culpadas.

Elas não haviam planejado prejudicar a vida dele.

Foi azar mesmo.

Azar no sentido de fatalidade.

Depois pensaram melhor e se conformaram.

Se foi assim que aconteceu, é porque era assim que deveria ter acontecido, ora bolas.

O que faz cada história de amor são justamente seus acasos, seus contratempos, soltos acontecimentos, suas esperanças, seus ventos, seu tempo. Sabe-se lá em que teria dado essa história de Aventura e Doravante se ela tivesse sido de outro jeito?

Mas quando ele recapturou a sorte, elas pensaram que os dois afinal tinham também se reencontrado e deram o problema como resolvido.

Engano o delas.

Esse lance não estava previsto.

O que teria impedido o encontro?

– Está se vendo que isso foi confusão daqueles dois. Imprevisto e Por acaso atrapalharam tudo como sempre. Foi isso! – ela deduziu, porque não era uma velha burra. – Agora a louca da Aventura se desencontrou de Doravante de novo.

Deduziu em seguida (porque não era uma velha burra, fazia questão de reafirmar), que era atrás da chuva que a louca vinha.

Em seguida se lembrou de que a chuva estava em cima dela própria.

Deduziu, enfim (todo mundo já sabe por quê), que sendo assim ia dar de cara com a louca da Aventura, e a tragédia estaria feita. Sua identidade seria enfim revelada. Não. Tudo, menos aparecer em público.

Precisava se esconder rapidamente em local difícil e ignorado.

Foi por isso que a velha se embrenhou pelo mato.

Quem sabe se, despistando aquela louca, ela não desistiria de ir atrás da chuva, voltava para casa, encontrava Doravante, terminava logo esse drama e pronto.



AVENTURA NA ESTRADA 2



“Pronto. Agora a chuva se embrenhou no mato, provavelmente com Doravante embaixo e Luna Clara atrás” – pensou Aventura, iludida, coitada, e se embrenhou mato adentro, apesar de ter pavor de cobra.

Não havia suposição de veneno de cascavel ou repugnância por sapo e lagartixa que a impedissem de andar floresta adentro, pulando as urtigas, os troncos e os buracos na terra que, ainda por cima, estavam empoçados.

Ela seguia, em direção à nuvem preta, se indagando o motivo de Equinócio agora ter dado para ziguezaguear por aí em vez de andar reto para frente como qualquer ser sóbrio deste mundo.

Não é Equinócio que está ziguezagueando pelo mato, Aventura.

Nem Doravante.

Nem Luna Clara.

Mas mesmo se ela pudesse ouvir a gente, provavelmente não ouviria.

Como os apaixonados são surdos, cegos e loucos.

MAPA MAIS ATUALIZADO AINDA

Agora complicou.

Luna Clara vem do meio do mundo em direção a Desatino do Norte.

Doravante vem em sentido contrário pela mesma estrada.

Aventura está zigzagueando feito louca pelo mato.

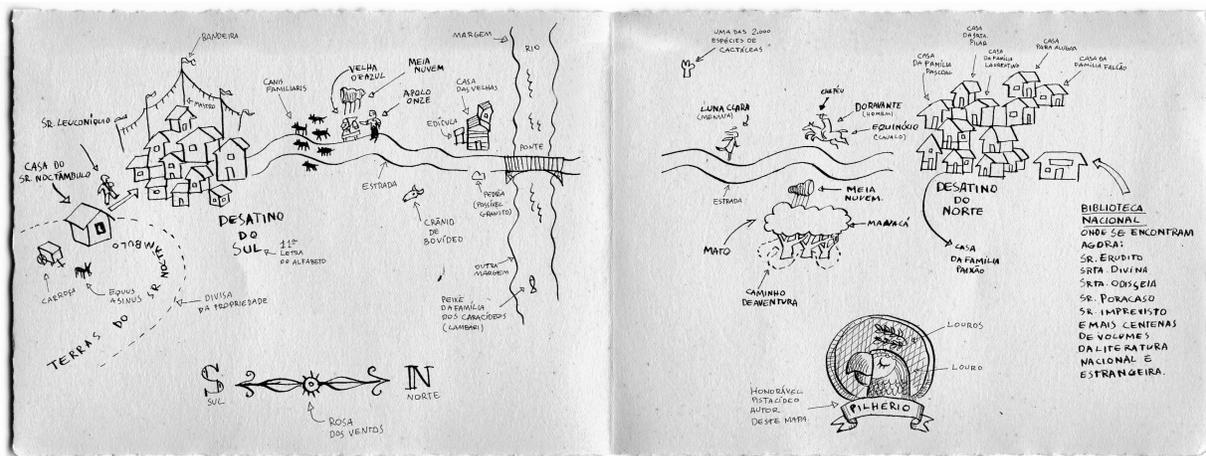
Em Desatino do Norte, Imprevisto e Poracaso já estão cansados de tanto versejar.

Em Desatino do Sul, Pilhério está forçosamente hospedado na casa de Noctâmbulo, morto de saudades da família. Leuconíquio se dirige para a festa com o intuito de exterminá-la.

Apolo Onze finalmente alcança a velha de azul e a chuva na estrada.

Os cães latem.

Então acontece uma desgraça.



A DESGRAÇA



– Que desgraça? – Apolo Dez perguntou, bastante assustado.

– Apolo Onze morreu.

A festa inteira parou.

Madrugada gritou.

Apolo Dez soluçou.

As sete irmãs sofreram sete desmaios.

– Meus sinceros pêsames.

Leuconíquio fez sua reverência e continuou o discurso complicado.

– Malfadada incumbência a minha de dar tão funesta notícia nesta desditosa sexta-feira, lúgubre e infausta...

Parou um pouquinho, pois sua lista de palavras tristes e difíceis não era assim tão farta, depois foi direto ao assunto.

– ...e em respeito à profunda tragédia que se abateu sobre esta desventurada família...

Era necessário tirar logo aquela gente toda lá de dentro.

– ...proponho que interrompamos a festa...

Urgentemente.

– ...pois não fica bem festejar o nascimento de alguém já falecido...

Nem precisa dizer que a causa daquela pressa toda era o fato de ter que terminar de agir antes de ser desmascarado.

– ...e deixemo-los, pai, mãe e irmãs, órfãos do único filho e único irmão, sozinhos com sua dor e sofrimento.

Acompanhou (acompanhar é só um jeito de dizer) os convidados até o portão.

– Adiemos as condolências para depois.

Era a desculpa que ele dava para expulsá-los da casa.

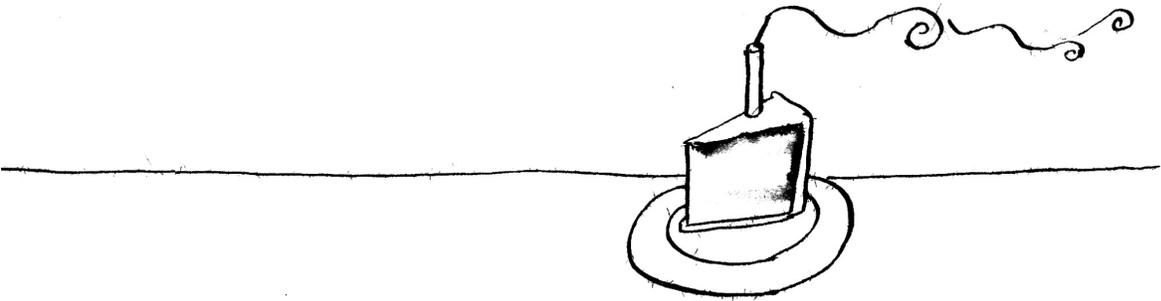
Um a um, todos da festa foram saindo calados, infelizes, estonteados: os garçons, o vendedor de amendoins, o professor de matemática, dona Remédios da farmácia, a mulher do cachorro-quente, o velhinho da confeitaria, a florista, o sapateiro, quanta tristeza.

Nem bem eles chegavam lá fora, Leuconíquio já lhes entregava um panfleto:

“Condomínio da Festa Mais Divertida do Pedaco dos Bosques das Matas das Águas dos Jardins Floridos da Manhã Ensolarada da Tarde e da Brisa da Felicidade Eterna.”

Em seguida, completava:

– A festa tem que continuar.



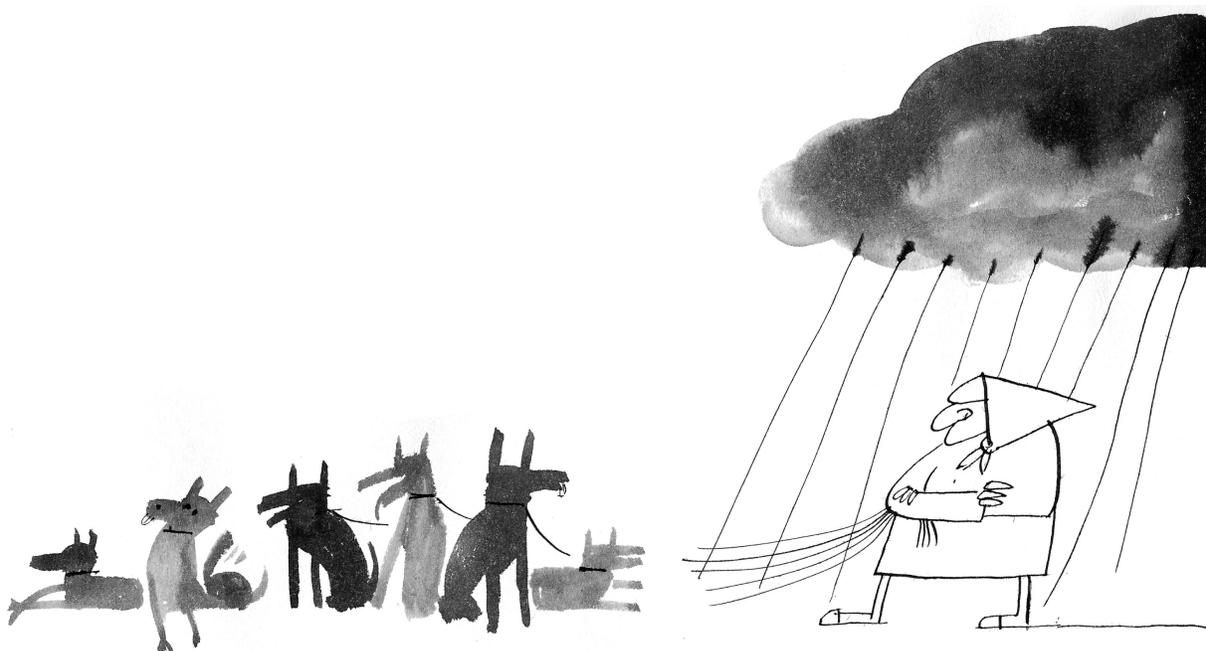
A VELHA DE AZUL



Apolo Onze ignorou a chuva, o latido dos cães, segurou delicadamente a velha de azul e ela deu um grito de susto misturado com lamento.

- Pronto! Acabo de ser desmascarada.
- Desculpe, eu só queria fazer uma pergunta.
- Você não devia estar aqui, Apolo Onze.
- Como é que a senhora sabe meu nome?
- Você devia estar na minha casa com Luna Clara.
- Como é que a senhora sabe o nome dela?
- Está se vendo que isso foi trapalhada daqueles dois.
- O que é que a senhora vai fazer em Desatino do Sul com essa chuva e esses cães?
- Imprevisto e Poracaso atrapalharam o encontro de vocês. Foi isso!
- Imprevisto e Poracaso não atrapalharam nada, inclusive porque não estavam lá. Eles foram pra Desatino do Norte. Agora a senhora pode responder à minha pergunta, por gentileza?
- Mas se eles foram pro Norte, então ela vai ganhar essa! Trapaceira! Ficou naquele “eu vou pra lá, você vai pra cá, não sei o quê, não sei que lá” só pra me enrolar.
- Quem é “ela”?
- Vai ver ela sabia que eles foram pro Norte e fez tudo isso pra encontrar os dois primeiro.
- A senhora nunca vai responder a nenhuma pergunta que eu faço?
- Você faz perguntas demais.

- Uma só.
- Eu só respondo se você prometer que não vai contar pra ninguém que me viu.
- Prometo.
- Então manda.
- Que "PROBLEMAS NA FESTA: PERIGO" foi aquele que deu na roleta do jogo?
- Você não girou a roleta, girou?
- Não era pra girar?
- Esse lance não estava previsto.
- Você botou tudo a perder, seu burro! Como é que alguém perde tempo girando uma roleta com uma garota bonita daquelas ao lado?



A DOR QUE MAIS DÓI



Cada guardanapo de papel, cada brigadeiro, cada lembrança da festa provocavam em Apolo Dez, Madrugada, Ilha de Rodes, Pirâmides, Muralha da China, Artemísia, Diana, Alexandria e Babilônia uma dor que eles ainda não conheciam.

– É uma dor sem palavras – Madrugada sussurrou.

Não dá para explicar.

Não dá para confortar.

Não dá para dizer coisa com coisa.

Então se calou e o silêncio pesou de novo.

Se a dor sem palavras, entre todos os 873 tipos de dores, é a que mais dói, dá para imaginar o sofrimento deles.

É uma dor de facadas no peito, baldes de tristeza derramados por dentro, e um ou outro gemido escapulido.

É mais do que isso.

É que não dá para dizer com palavras.

Por isso é melhor não falar mais nada.

Silêncio absoluto.

Horas de silêncio.

Só dor.

Vazio.

Mais nada.

Psiu!

Alguém ouviu um barulho?

Foi impressão.

Não.

Apolo Onze abriu a porta de repente e disse apenas:

– Eu não disse que voltava?

E todas as palavras do mundo então se vingaram em milhões de palavras de alegria.



ALEGRIA TEM NOME?



Desatinados iam Doravante e Equinócio.

Um desatino impossível de se nomear, uma vez que eles não sabiam o nome de Luna Clara.

Seria medo de perder Rosa, de perder Helena, de perder Ana, de perder Maria?

Como seria o nome dela?

Como será que ela estaria?

Estaria onde?

Estaria salva?

Estaria só?

Estaria...

Todas as ideias ruins, sem faltar nenhuma, passavam em suas cabeças, uma cabeça cuja boca falava palavras juntas e outra cuja boca apenas relinchava.

O verbo procurar já fazia parte da vida deles há muito tempo, junto com o advérbio desesperadamente, e o complemento feito loucos, sempre tristes.

Mas, triste mesmo, era reconhecer que até ali o verbo falhar esteve sempre presente, também.

Mais de treze anos sem encontrar Aventura.

E sem conhecer a menina sem nome (seriaAurora?).

Doravante se sentia derrotado.

É impressionante como a simples visão de uma garota de chapéu xadrez pode mudar completamente o estado de espírito de uma pessoa.

Ela vinha em sentido contrário, vestido vermelho, cabelos castanhos, olhos verdes...

Como era o nome daquela alegria?

Alegriaflor? Alegriapresente? AlegriaNatal? Alegriacarnaval? Alegriadoce? Alegriaamor? Alegrialua? Alegriacanção? Alegriabeijo? Alegriamaiordomundo? Alegriasimplesmente?

Não dava para ficar sem saber.

Por isso ele perguntou, antes de qualquer coisa.

– Comoéseunome?

– Luna Clara.

Como a alegria de Doravante tinha um nome bonito.

Ela, por sua vez, não conseguiu dizer nada do que tinha ensaiado tanto, tantas vezes.

Não disse nada, aliás.

Queria ouvir mais palavrasjuntas.

Tinha esperado a vida inteira por isso.

Seguiram-se berros, beijos, abraços, pulos, risos, gargalhadas, relinchos, bandos de vaga-lumes aos montes, e várias demonstrações de alegria. Minha Nossa Senhora das Palavras, como é que se define o que Doravante, Luna Clara e Equinócio sentiam?

Vale palavra junta?

Que tal felicidade derramante?

Não vale?

Que passe a valer então, pois todos se encontram preocupados demais com Aventura, para ficar perdendo tempo aqui, tentando explicar o que não dá para se explicar com uma palavra só.

Ela não merece esperar mais.

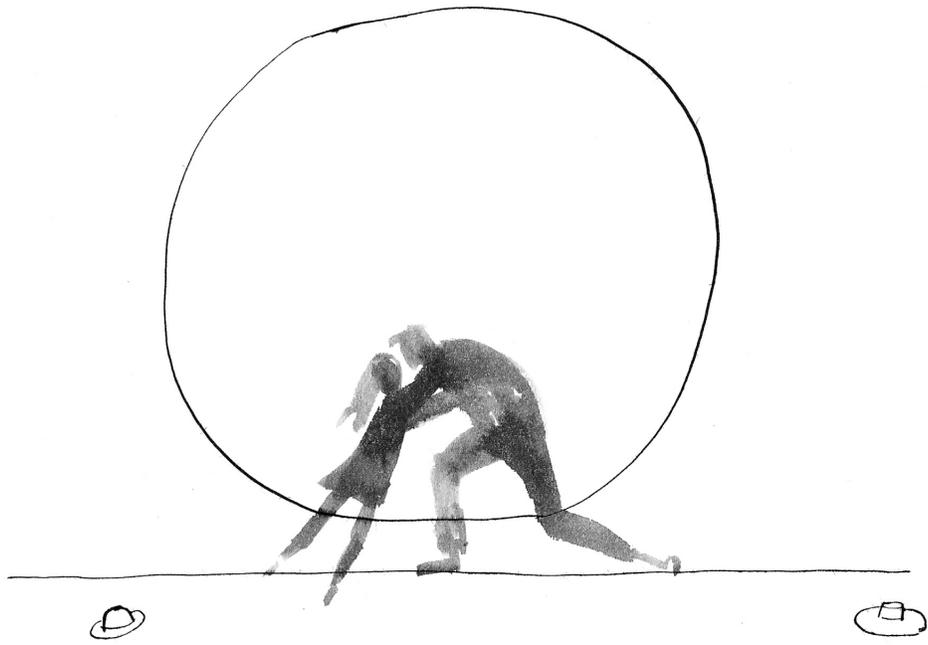
Vamos direto ao assunto.

– Agora agente precisa encontrarsuamãe.

De onde eles estavam, dava para ver a metade da nuvem preta lá no meio do mato cerrado.

E Luna Clara deu a ideia.

– O que é que você acha da gente seguir a chuva?



A VOLTA DE APOLO ONZE



Quem já sentiu a ameaça de viver uma dor sem palavras, conhece a balbúrdia que o coração faz depois que passa o susto.

Seguiram-se berros, beijos, abraços, pulos, risos, gargalhadas, e outras demonstrações de alegria, muitas delas, minha Nossa Senhora das Palavras, ajude de novo.

O que foi que Apolo Dez, Madrugada e as meninas sentiram quando viram Apolo Onze e suas tranças?

Será que foi sua completeza de volta ou um outro tipo de sentimento novo?

Quanta novidade para contar, Apolo Onze: jogo, roleta, sorte, azar, revelações, desenganos, encontros, Luna Clara, vontade...

– Depois você conta tudo – Apolo Dez falou com sua cara ensaiada de terrível. – Primeiro aquele Neucolíquio vai pagar pelo que fez.

– O nome

– Dele

– Não

– É

– Neucolíquio

– É

– Leuconíquio.

Madrugada, Apolo Onze e as meninas resolveram acompanhar o velho, porque sabiam muito bem o que um Apolo Dez irritado é capaz de fazer com uma criatura.

Foi só seguir a fila de gente e encontraram Neucolíquio, aliás, Leuconíquio, aliás, Leuconíquio e Noctâmbulo, muito amigos.

Ainda bem que eles não tinham conseguido vender nem um lote de terreno ou promessa de felicidade até então. (É difícil efetivar vendas quando os possíveis compradores não param de chorar nem um minuto.)

– Neucolíquio, você me paga! – Apolo Dez partiu para cima dele.

E quando a fila de gente viu Apolo Onze e suas tranças ali, vivinho, começou o tumulto.

Não se cometeu nenhuma violência para resolver a situação.

Não foi preciso.

Leuconíquio e Noctâmbulo fugiram antes.

E se trancaram na casa.

Tremendo de medo.

Eram meio medrosos, pelo jeito.

Foi Madrugada quem sugeriu que uma festa é sempre melhor do que uma briga e convidou todos a voltarem para sua casa.

– Primeiro aquele Neucolíquio vai me pagar...

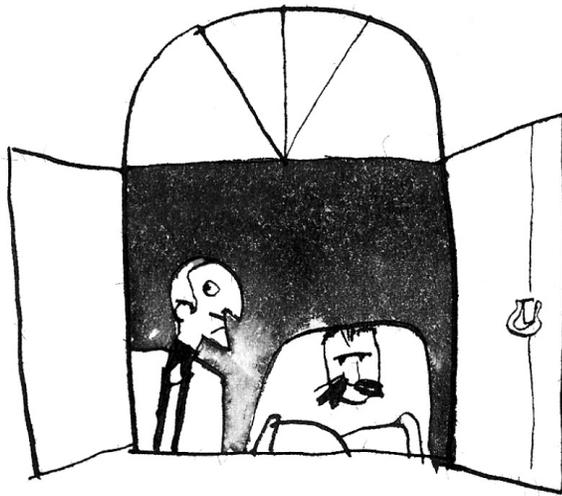
– Eu não estou só sugerindo, estou mandando, Apolo Dez.

Então ele se calou. Sabia que toda sugestão de mulher tem que ser aceita imediatamente.

O pessoal de Desatino do Sul ficou feliz com a decisão.

A urgência de comemorar a volta de Apolo Onze era grande demais.

Tudo que eles queriam era continuar a festa.



NO MEIO DO MATO



O pensamento de Aventura tinha muito o que pensar.

1- Luna Clara.

2- Uma urtiga.

3- Doravante.

4- Uma cobra.

5- Uma nuvem preta lá na frente.

6- Como pular as urtigas, as cobras e os ratos do mato, sem perder a nuvem de vista?

7- Eu vou conseguir chegar lá.

8- É claro que eu não vou conseguir.

9- Um rato do mato.

10- Vou sim.

– Aventuraventuraventuraventura ...

11- Será que eu estou ficando louca?

Em dó maior.

12- Não estou não.

Era a voz de Doravante.

– Aventuraventuraventuraventura ...

Mas não vinha do lado da chuva.

13– Estou louca sim.

Vinha de onde, a voz?

De trás? Do nada? Da vontade? Da memória? Da imaginação? Em quantas ondas sonoras?

14 – Qual é a velocidade do som mesmo?

15 – Se eu correr, correr, correr, consigo ser mais veloz do que ele?

16 – Então pra que lado eu corro?

17– Estou louca. Está provado.

– Aventuraventuraventuraventura ...

18 – Não estou não.

Ela parou de correr.

(Câmera lenta.)

Olhou para trás.

(Fundo musical.)

Então viu Equinócio, Doravante e Luna Clara.

19 – Estou louca sim.

Estava.

20 – Louca.

Louca como qualquer pessoa estaria se reencontrasse o seu único amor depois de tantos anos, com o agravante do seu único amor estar acompanhado de sua única filha.

(Fim da câmera lenta.)

Depois desse tempo todo de esperar dava para esperar ainda mais?

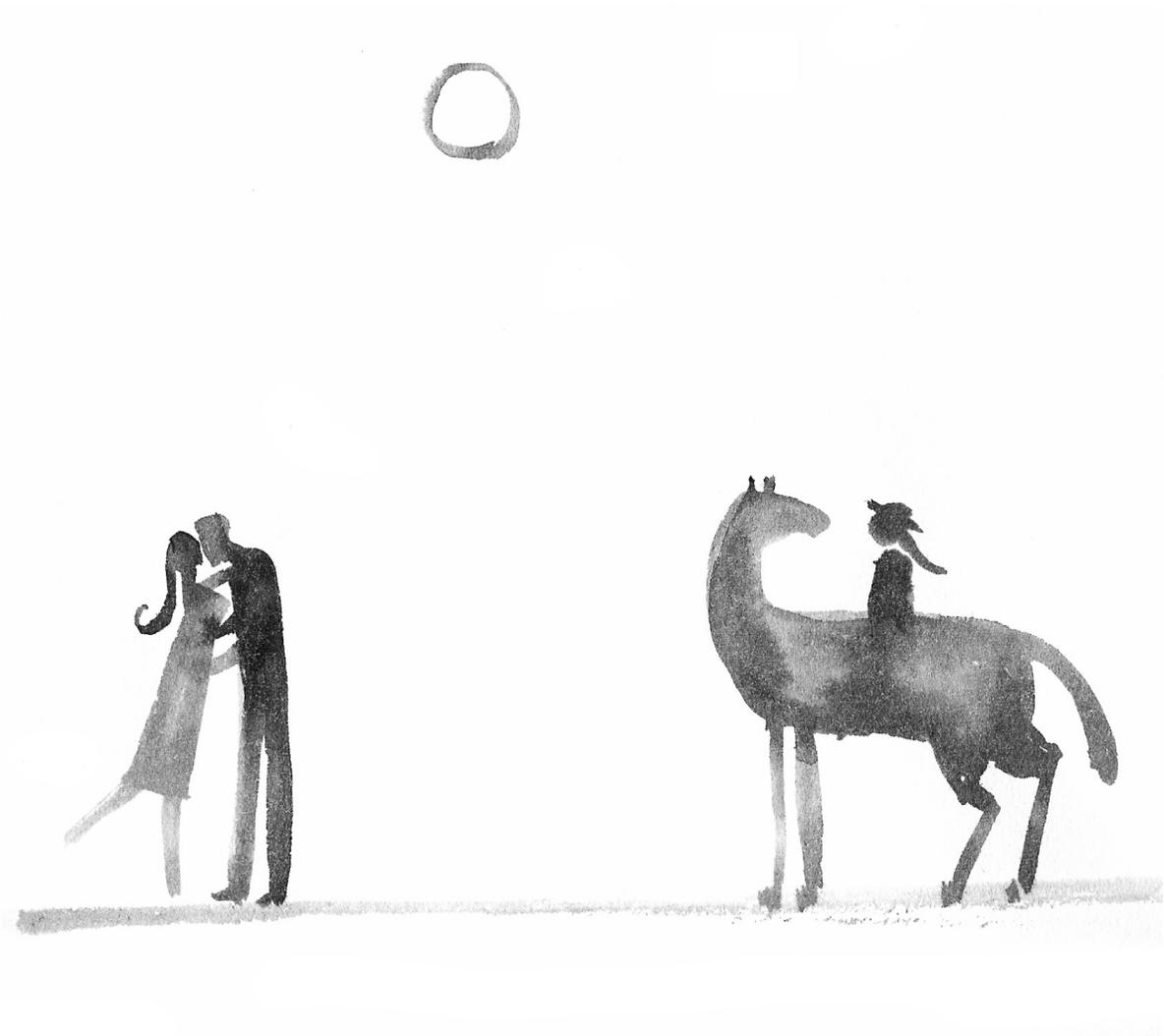
Claro que não.

Doravante e Aventura então se beijaram.

Equinócio e Luna Clara se afastaram discretamente, para não atrapalhar.

Tem horas que um casal precisa ficar sozinho.

Que tal deixar os dois mais à vontade e falar um pouco da velha de rosa e sua meia chuva?



A ESTIAGEM



Como não era uma velha burra, a velha de rosa logo entendeu que o casal havia se encontrado, assim que ouviu o barulho do beijo de Doravante e Aventura e viu de longe o pisca-pisca dos vaga-lumes que se aproximavam para assistir à cena.

– Essa eu ganhei! – comemorou aliviada.

Já podia sair do mato e cuidar da vida.

– Só falta agora resgatar Imprevisto e Poracaso e dou por encerrada essa partida.

– Quem vai pegar os dois sou eu! – a velha de azul já chegou gritando.

– Posso saber como é que você me encontrou?

– Não é muito difícil encontrar alguém que tem uma chuva na cabeça.

– Assim não vale. Você está roubando – a de rosa reclamou. – Não era pro Sul que você ia?

– Já fui e já voltei. Cruzei com Apolo Onze, reparei no seu olhar apaixonado, fiquei sabendo que Imprevisto e Poracaso vieram pros lados do Norte, dei um pulo em Desatino do Sul, resolvi umas coisas, fui a Paris, cantei, dancei, dei uma passadinha na Rússia...

– Agora você está exagerando.

E quando a velha de rosa contou sobre o encontro de Doravante e Aventura, e elas sentiram aquele perfume de beijos de amor impregnando tudo, a chuva parou de chover, o que facilitou muito a vida das duas.

Estavam loucas para pegar Imprevisto e Poracaso.

A FESTA CONTINUA



A festa da volta de Apolo Onze estava muito animada.

Tudo voltou a ser como era antes.

Com uma novidade. Sete, na verdade.

As sete meninas estavam tão brilhantes de felicidade naquela noite que até arranjaram sete namorados.

Enciumadíssimo, Apolo Dez ameaçou reclamar.

– Filha minha não...

Madrugada discordou radicalmente.

– Não o quê? As filhas são minhas também e filha minha sim.

– Claro, meu bem, se você prefere assim.

Se tinha uma coisa que ele já sabia era que, para resolver discordância de mulher, o único jeito é concordar com ela.

– E agora por que você não me tira pra dançar?

Há muito tempo (quase quinze horas) os dois não dançavam juntos.

– A senhora poderia me dar o prazer dessa dança?

E a banda tocava, Apolo Dez e Madrugada dançavam, as meninas namoravam, o povo comemorava, e Apolo Onze olhava a lua.

Mas só via Luna Clara.

E a banda tocava.

“Será que ela encontrou Doravante?”

E seu pai e sua mãe dançavam.

“Será que Doravante encontrou Aventura?”

E as meninas namoravam.

“Quando é que iam se encontrar de novo, Luna Clara e ele?”

E Apolo Onze olhava a lua.

“Luna Clara, Luna Clara, Luna Clara.”

E o povo comemorava a sua volta.

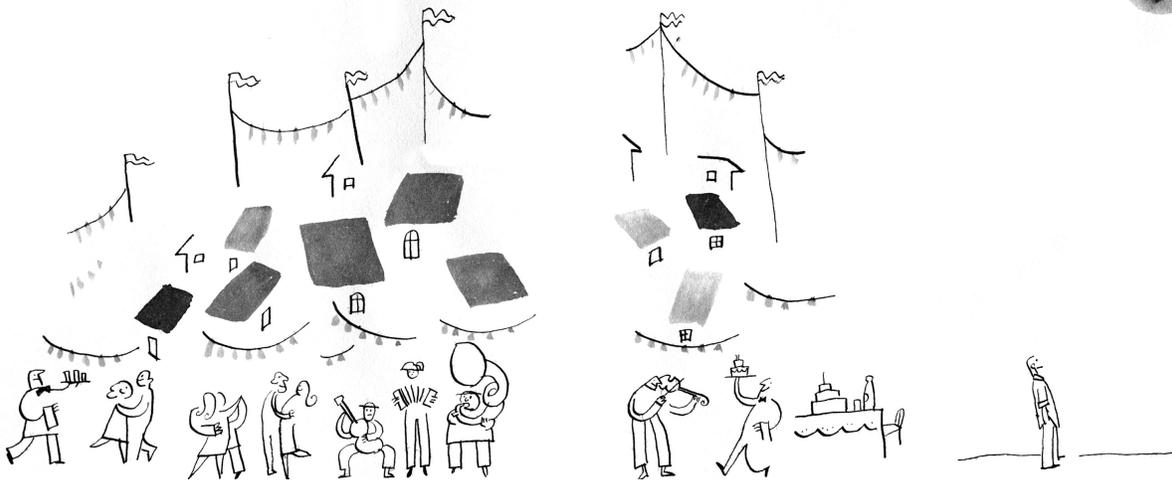
Motivo pelo qual ele não podia sair dali correndo em direção à sua vontade.

Nunca iria estragar aquela felicidade toda.

“Luna Clara, Luna Clara, Luna Clara.”

A festa da volta de Apolo Onze estava muito animada.

Mas nada, nunca mais, voltaria a ser como era antes.



OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM



– Como assim os incomodados que se mudem?
– Se você odeia tanto essa festa, vá embora fazer outra coisa da vida.

– Se eu tivesse o que fazer da vida já teria ido embora há muito tempo.

E Leuconíquio teve a última ideia da história.

– Tudo bem. Você me convenceu. Eu vendo o meu papagaio pra você.

– Pra que eu ia querer essa joça? – Noctâmbulo até riu da ideia.

– Pra quem não tem o que fazer da vida, até que buscar o tesouro de Arcaico, o Antigo não é uma má opção.

Aí Leuconíquio contou a velha história do avô de Seu Erudito e tal e coisa.

O ouvinte ficou um tanto quanto desconfiado.

– Pensa que eu sou besta? Por que você me venderia um papagaio que sabe onde está um tesouro, em vez de ir buscar o tesouro você mesmo?

Leuconíquio apontou para sua carroça cheia de moedas.

– Já rodei o mundo inteiro, estou velho e cansado, agora quero ficar no meu canto. Troco o papagaio pela casa.

– A casa pelo papagaio e a carroça – foi a proposta de Noctâmbulo.

– Sem as moedas dentro.

– Fechado.

Desamordaçaram o papagaio.

– Não aguentava mais falar pra dentro – Pilhério gritou para fora.

Também, pudera.

Já estava amordaçado há muito tempo.

– Desembucha. Onde está o tesouro?

– O tesouro, claro. Assim que eu falar o dicionário, eu conto.

Estava com muitas saudades das palavras.

E começou a recitar o dicionário inteiro.

Lá pela letra “L”, Leuconíquio bocejou.

Na letra “N” Noctâmbulo dormiu, apesar de sofrer de insônia.

Na “R” os dois roncaram.

Então Pilhério aproveitou a letra “S” para gritar “socorro!” mais alto do que os roncos, e teve que se esforçar muito para isso.

Quando ouviu da sua janela aquele grito “socorro!”, lá longe, Apolo Onze pensou que era impressão sua.

Então ouviu “socovão”, “socé-vermelho”, “socozinho”, “socrático”, “socratismo”...

Parecia alguém recitando o dicionário.

“Só pode ser Pilhério.”

Apolo Onze pulou a janela e foi seguindo as palavras em ordem alfabética.

– ...“sodalício”, “sodalita”, “sodar”, “sódico”....

Estava chegando perto.

– ...“sograqua”, “soguaguá”, “sogueiro”, “soidade”...

Mais perto ainda.

– ...“sojugar”...

Foi na palavra “sol”, exatamente, que Apolo Onze chegou na casa de Noctâmbulo e entrou.

– .. “sola”, “solado”, “solador”, “solagem”...

Os raptos, felizmente, estavam dormindo feito duas pedras.

– Você vai ter que deixar o resto do dicionário pra depois – Apolo Onze anunciou, agarrou Pilhério e saiu correndo.

...vernalizado a seguir trigo ou feijão.

SETUAGENÁRIO ou **SEPTUAGENÁRIO** adj. e s.m. (Do lat. *septuagennarius*) Que ou aquele que tem 70 anos de idade.

SETUAGÉSIMO ou **SEPTUAGÉSIMO** num. (Do lat. *septuagesimus*) Numeral ordinal e fracionário correspondente a 70.

♣ s.m. A setuagésima parte.

SETUPULAR vt. (Coul. 182) Multiplicar por sete. ♣ *setuplar*(se) v.i. e pr. Tornar-se sete vezes maior.

SETUPLO num. (Do lat. *septuplus*) Que vale sete vezes alguma coisa.

♣ s.m. Quantidade que vale sete vezes outra.

SEU pr. pa. da 2ª pess. sing. e pl. (Do lat. *seus*)

1. Que a ele(s), a ela(s) ou a voç(s) pertence, concerne, compete, serve ou é próprio do(s).
 2. Indica, às vezes, aproximação de cálculo. — 3. No feminino, constitui, com certos substantivos, pronome de tratamento.

♣ s.m. O que pertence a ele(s), a ela(s) ou a voç(s).
 1. Os seus, os que compõem a família ou os amigos de. 2. *Ter de seu, ter bens, posses, fortuna.*

SEU s.m. 1. Forma reduzida de "seuho", de uso popular. — 2. Tem cunho interpretivo em certas expressões, exprimindo, às vezes simpatia, às vezes reprovação: *Seu bobo, não vê que ela está sorrindo pra você? Deixo de moleçagens, seu!*

SEVA s. f. Aço de sevar a manticeira.

SEVA s. f. Bras. Cacha ou cipó horizontal, instalado em um galpão, no qual se dependuram folhas verdes de fumo para a secagem.

SEVANDIA s.m. e f. (Do cast. *sabandija*) 1. Fíg. Pessoa que vive à custa dos outros; parasita. — 2. Pessoa indacrossamente avulsa.

SEVAR vt. Ralar (a mandioca) reduzindo a farinha.

SEVERIDADE s. f. (Do lat. *severitas, severitas*) 1. Qualidade do que é severo; rigidez, austeridade, rigor. — 2. Rotundade. — 3. Inflexibilidade de caráter.

SEVERO adj. (Do lat. *severus*) 1. Rígido, exigente, inflexível, rigoroso. — 2. Austero, rígido. — 3. Sério, grave. — 4. Escamamento mental, sobrio, sagaz, sem apego.

SERVICIA s. f. Serviço.

SEXTA s. m. Anão colobizado a arribatoz sexos em geral.

SEXTA adj. Relativo ao 6.

SEXO s.m. (Do lat. *sexus*) 1. Sexo permanente do indivíduo, ou vegetal, que permite distinguir, os indivíduos machos e os fêmeas. — 2. Conjunto desses indivíduos. — 3. Os órgãos sexuais do homem, a vulva, tratada se tratando da mulher. 4. *Paizor sexos sexuais*. 5. *Paizor*. O sexo *forte*, o sexo *dos anjos*, *discussão sem sexual*, *sem importância*.

SEXOLOGIA s. f. (Do sexo + gr. *logos* estudo) Estudo da sexualidade e dos turbios, em seus diferentes aspectos.

SEXOLOGISTA s.m. e f. Especialista de sexologia.

SEXÓLOGO s.m. Sexologista.

SEXTA s. f. Mil. Sexto grau da escala.

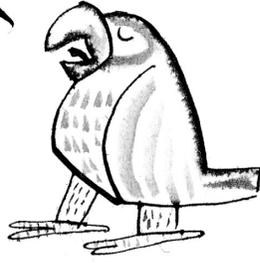
SEXTA s. f. (Do lat. *sexta*) Entre o quinto e o sexto grau.

SEXTA-FEIRA s. f. O sexto dia do mês, quinta-feira e sábado. 1. *Seis* da *Paixão*, a sexta-feira, da qual se reverencia a memória.

SEXTANTISTA s.m. e f. Profissional do sexto ano de um curso.

SEXTANTE s.m. (Do lat. *sextantes*) Instrumento usado para medir a altura do sol ou de outros corpos celestes.

SEXTANTE s. f. Sextante.



DESCULPEM, DORAVANTE E AVENTURA, MAS ESSE BEIJO TERÁ QUE SER INTERROMPIDO OU A HISTÓRIA NÃO ACABA



Pode ser que já tenha existido um beijo mais exagerado do que aquele.

Tudo é possível.

Se existiu, ganhou na duração, mas não na intensidade.

Foram mais de treze anos de beijo num só.

Um só beijo que continha ao mesmo tempo as seguintes utilidades:

Descontar todas as não sei quantas noites que Doravante e Aventura não passaram juntos.

Os cafés da manhã que não tomaram lado a lado.

Cada dança que não dançaram frente a frente.

Carinho por carinho que não deram e receberam.

Palavra por palavra de amor que não falaram.

Tudo o que ele procurava no mundo era aquele beijo.

Aquele beijo era tudo o que ela mais esperava.

Foi um beijo realmente muito importante.

Um beijo revanche.

Merecia até replay.

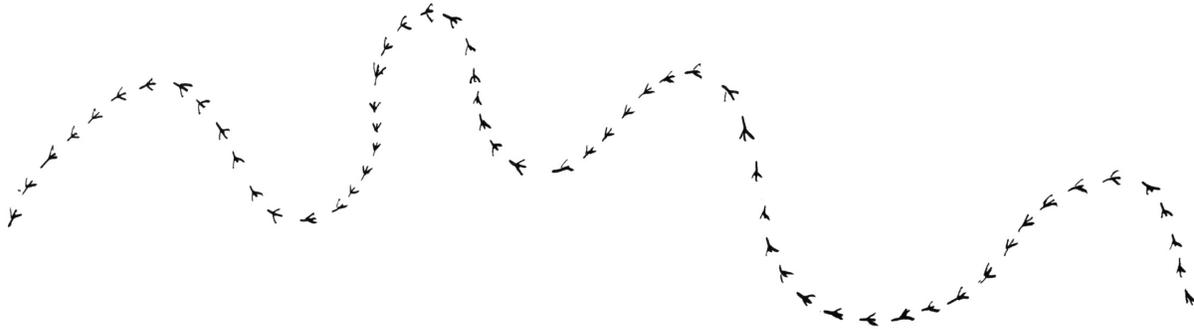
Mas naquela hora não dava.

Luna Clara e Equinócio estavam esperando.

Ele disfarçava olhando para o chão.

Ela olhava para a lua. Mas só conseguia ver Apolo Onze.

O BILHETE



Apolo Onze teve que falar entre uma palavra e outra, devido ao ataque de falação de Pilhério que não passava.

- Você precisa voltar logo para casa.
- ...“zurzidela”...
- Seu Erudito sente muito a sua falta.
- ... “zurzir”...
- E as meninas também.
- ... “zwinglianismo”...
- Estão todos esperando você em Desatino do Norte.
- ... “zwingliano.”
- Esse dicionário nunca vai acabar?
- Acabou.
- Muito obrigado minha Nossa Senhora do Não Aguento Mais.
- Quem não aguentava mais era eu. Sabe lá o que são quase treze anos raptados da vida de uma pessoa?

Pela primeira vez Pilhério não ouviu o clássico “você não é pessoa, é papagaio”, o que mostrava como era gentil aquele garoto cheio de esperanças e tranças desgrenhadas.

- Você leva um bilhete pra Luna Clara?
- Luna Clara? Quem é essa?

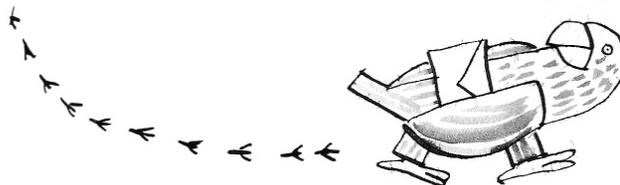
Durante a explicação, o papagaio quase caiu duro para trás e pela primeira vez ficou calado mais do que um minuto e meio.

Realmente aconteceram muitas novidades naqueles anos em que ele esteve preso.

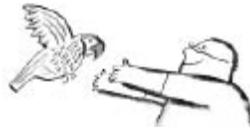
– Sou um fracasso em levar bilhetes de amor – Pilhério confessou.

– Mas dessa vez vai ser diferente.

E Apolo Onze pensou forte em vaga-lumes.



A APURAÇÃO DOS VOTOS



Depois que Aventura, Doravante, Luna Clara e Equinócio votaram, deu-se por iniciada a apuração.

– Contando com o de Frei Lourenço, são cinco votos a favor contra apenas um de papai!

– Mais um a favor! – Pilhério chegou gritando.

– Pilhério!!!!

– Não sei nem do que se trata mas se é contra o cabeça-dura tem o meu voto.

Por mais que soubesse que sentia saudade de Pilhério, Seu Erudito nunca imaginou que fosse tanta.

– Onde é que você estava, seu ingrato?

– Pelo mundo. Um tal de Leuconíquio me raptou.

– O que é que se podia esperar de alguém com esse nome? – Seu Erudito teve o azar de comentar. Pronto. O tagarela começou a falar.

– Leuconíquio – nome derivado do feminino (Verbete: leuconíquia [De leuc(o)– + -onic(o)– + -ia.] S. f. Med. Manchas brancas nas unhas. [Sin.: albugem, selenose e (pop.) mentira. Cf. ou lúnula...

– Fecha o bico, desgraçado.

Seu Erudito e Pilhério se abraçaram aos prantos.

Como perdeu de seis a um, o futuro sogro de Imprevisto e Poracaso teve que se conformar com o resultado.

Sendo assim, começaram os preparativos para o casamento.

No meio da confusão, ninguém viu quando Pilhério se aproximou de Luna Clara.

– Você tem um olhar de vaga-lumes e um lindo chapéu: “peça com copa e abas destinada a cobrir a parte superior do corpo.”

– E você é o papagaio mais apapagaiado que existe.

– Eu trago um bilhete pra você.

E ela quase teve o vigésimo colapso nervoso daquela sexta-feira, quando leu “Para Luna Clara, de Apolo Onze.”

– Aos cuidados de Pilhério, viu como eu sou competente?

Então ela abriu o envelope e leu:

“Amanhã, à meia-noite, no meio do mundo, embaixo da lua.”



AMANHÃ



O dia nasceu azul-Pilhério.

Era um dia tão turquesa que quase voava.

Aventura e Doravante foram testemunhas oculares da aurora, uma vez que passaram a noite acordados e sozinhos, entre beijos e palavras.

Luna Clara também presenciou o nascimento do dia. Não conseguiu dormir tentando convencer os pensamentos a pararem de pensar, mas eles estavam desvairados e foi inútil. “Apolo Onze, Apolo Onze, Apolo Onze, com que roupa eu vou?, Apolo Onze, Apolo Onze, Apolo Onze.”

Escolher uma roupa, quando se tem doze anos, oito meses, dezesseis dias e um tamborim batucando o coração, é um problema seríssimo.

Depois do casamento ela ia direto para o encontro.

“E se a gente se desencontrar?”

Experimentou um vestido, uma saia, um macacão, outro vestido, outro e outro.

Penteou os cabelos.

Botou o chapéu.

Se olhou no espelho.

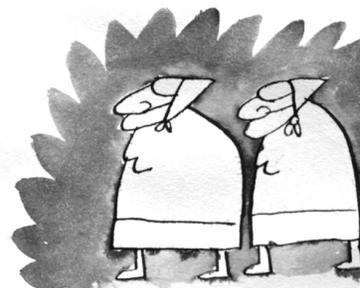
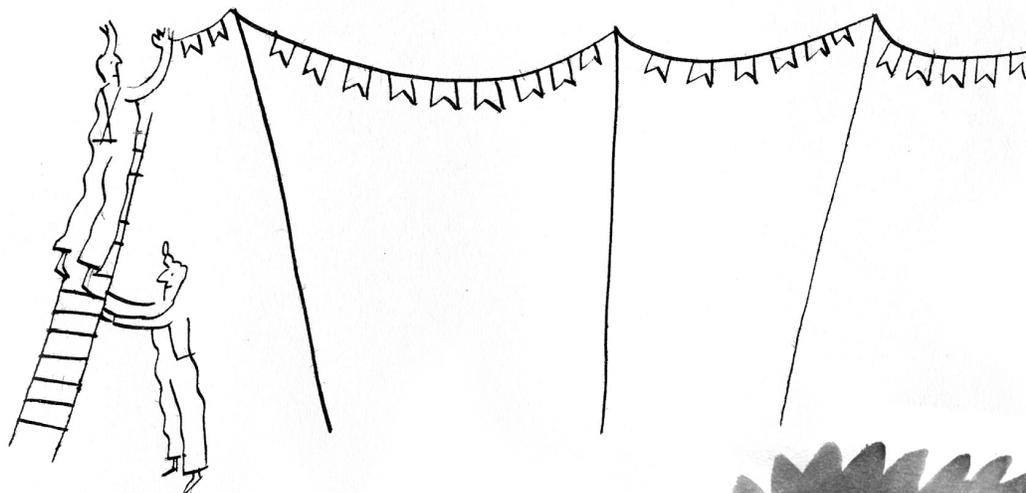
“Preciso dar um jeito nessas olheiras.”

Do outro lado da rua, escondidas atrás de um poste, as duas velhas, a de azul e a de rosa, observavam os preparativos: vestidos brancos, flores, bolo, enfeites, laços, sinos.

Como estava ficando lindo.

– Posso dar a minha opinião? – a velha de rosa perguntou.

- Claro que não – respondeu a de azul.
- Não se pode atrapalhar uma história de amor mesmo que seja um amor de atrapalhados.
- Não se pode atrapalhar história de amor nenhuma.
- Muito menos duas.
- Ainda mais quando essas duas histórias de amor foram embaladas noites seguidas com tantos risos e lágrimas.
- E elefantes que incomodavam muito a gente.
- Desistimos deles?
- Desistimos.
- Eles nunca serviram pra nada mesmo.
- Mas ficamos pro casamento.
- Pra todo mundo ver a gente, sua caduca?
- Quem é que vai reparar em duas velhas sem graça no meio de tantos convidados?
- Isso lá é verdade.
- E eu adoro bolo de noiva.
- Principalmente os de muitos andares – a velha de azul terminou concordando.



O CASAMENTO



– Imprevisto e Poracaso, prometem amar Divina e Odisseia para sempre, na alegria e na tristeza...
– E nunca mais falar em versos! – lembrava Seu Erudito.
– ...na saúde e na doença...
– E nunca mais falar em versos, não se esqueça!
– ...na primavera, outono, inverno, verão...
– E nunca mais falar em versos!
– O senhor quer fazer o favor de ficar quieto? Que pai de noiva mais chato! – o padre se irritou, mas acabou utilizando o tal “e nunca mais falar em versos”, para ver se conseguia terminar aquela reza.

No fim, foram quatro “prometos”.

Equinócio ficou muito emocionado na hora em que o padre benzeu as alianças.

Luna Clara também.

O encontro era daqui a pouco.

As noivas receberam os cumprimentos na biblioteca por ser um local mais amplo.

Os noivos, não.

Assim que acabou a cerimônia, Imprevisto e Poracaso começaram a construção.

Enquanto todo mundo se fartava de bolo e brindava com champanhe, eles já estavam lá fora, madeira, prego, parafuso,

construindo suas duas casas.

Apesar da ausência dos dois, a recepção foi um sucesso.

A biblioteca nunca esteve tão cheia de convidados que foram lá desejar muito amor para os recém-casados.

Era tanta gente que as velhas, a de azul e a de rosa, quase passaram despercebidas.

Quase.

Quando Frei João deu uma escapadinha do livro para conferir que festa era aquela, reconheceu na hora:

– Que coincidência! Olha lá a moça que passou no dia em que eu ia levar a mensagem de Julieta para Romeu.

– Que moça? – Seu Erudito perguntou.

– Aquela velha – Frei João apontou.

Seu Erudito enxergou duas velhas, em vez de uma, mas não comentou nada. Atribuiu o fato ao efeito da champanhe.

– Só estou bebendo assim pra esquecer que esqueci as minhas histórias – ele se justificou, enquanto enchia mais uma vez a sua taça.

Pilhério nem ligou.

– Mais tarde eu dou um jeito nisso.

Odisseia riu tanto quanto Divina aquela noite. (O prognóstico era de que continuassem rindo assim a madrugada inteira.)

Uma hora, o pai das noivas se irritou e foi lá fora reclamar.

– Como é que vocês dois ficam aí construindo casas no dia dos próprios casamentos?

Levou uma madeirada na cabeça.

Imprevisto ia passando com uma tábua assim, e tóin!

A pancada, na cabeça dura, fez um barulho horrível.

Três centímetros acima da sobancelha direita, a oito dedos da orelha, ficou um galo enorme e roxo.

Todos correram para acudir a vítima.

Isso provocou um intervalo na construção para desmaio, curativo e xingamento.

Pilhério ficou chocado com a esperteza do idiota.

– Como é que você sabia onde estava escondido o tesouro de Arcaico, o Antigo?

– Quem é Arcaico, o Antigo? – Imprevisto perguntou.

– Você bateu no lugar exato!

E só então revelou o grande segredo.

O tesouro de Arcaico, o Antigo, eram as histórias que ele sabia.

Antes de morrer, o pirata contou vinte e cinco mil histórias valiosíssimas para o neto, certo de que naquela cabeça dura, três centímetros acima da sobrancelha direita, a oito dedos da orelha, elas estariam muito bem guardadas.

– Então era esse o tesouro? Grande besteira!

Quando Seu Erudito despertou do desmaio, tonto, tonto, mal acreditou.

– Obrigado minha Nossa Senhora do Lembrei! Não é que minhas 45.578 histórias voltaram?

O problema é que ele se desembestou a contá-las e Luna Clara tinha pressa.

A hora do encontro se aproximava.



O MEIO DO MUNDO



Só quando a velha de rosa e a de azul entraram em casa, exaustas mas felizes, se lembraram de que tinham esquecido as outras lá trancadas. O alçapão só abria por fora. (Abriram.)

– Como é que vocês nos deixam aqui escondidas no porão e somem assim um dia inteiro? – protestou a velha de vermelho.

– Tivemos que ficar mudas, para Luna Clara e Apolo Onze não nos descobrirem, e ainda perdemos de ver a cena deles – reclamou a de amarelo, uma velha muito faladeira.

– Nos deixam aqui trancadas, desaparecem e ainda chegam sem Imprevisto e Poracaso – completou a velha de roxo. – Vocês são duas incompetentes!

– Resolvemos deixar os dois pra lá.

– Agora são homens casados.

As duas contaram com detalhes que os vestidos das noivas eram lindos, em compensação as gravatas dos noivos eram horrorosas, como a festa foi ótima, que delícia de bolo...

– E vocês não trouxeram nem um pedacinho pra gente? – reclamou a velha de marrom.

– Nem se ele tivesse vinte andares ia dar pra todas – a de rosa se desculpou.

– Mas que era gostoso, era. O glacê se desmanchava na boca e o chocolate...

E antes que a de azul pudesse continuar o relato, a velha de verde-claro interrompeu:

– Detesto gente que gosta de fazer inveja aos outros.

– Imprevisto e Poracaso pais de família. Quem diria! – a de laranja até riu da ideia.

– Que romântico! – comentou a velha de lilás, pois não era burra, mas era muito poética.

– Eu acho que foi melhor assim – a velha de cinza deu sua opinião.

A de branco arrematou:

– Aqueles dois só serviam pra atrapalhar.

– Um brinde aos noivos! – gritaram todas ao mesmo tempo.

Elas eram milhões de velhas, uma para cada esquina desse mundo, ou você duvida que as coincidências sejam tantas?



EM DESATINO DO SUL



Eram quase onze da noite.

A banda tocava um bolero.

Apolo Onze pulou a janela do seu quarto, olhou para o céu e seguiu em direção à lua.

Estava perto da hora do encontro.

Quando passou na frente da casa de Noctâmbulo, ouviu um pedaço da conversa.

– Foi você que deixou meu papagaio fugir – Leuconíquio acusava o companheiro.

– Foi você que não amarrou ele direito.

– Você dormiu.

– Você roncou!

– E o que é que a gente faz agora?

– Eu tenho um enorme pedaço de terreno.

– Eu tenho muitas moedas, fora a carroça.

– E se não fosse tão burro, teria também um papagaio.

– Podemos emparedar tudo e fazer um tratamento acústico pra não ouvir o barulho da festa.

– Como é que se faz um tratamento acústico?

– Só perguntando pra Pilhério.

– Foi você que deixou ele fugir.

– Foi você que não amarrou ele direito.

O resto da discussão, ele não quis ouvir mais não.

Apolo Onze estava muito apressado aquela noite.

EM DESATINO DO NORTE



Quando a recepção acabou, as casas já estavam prontas e Imprevisto e Poracaso provaram mais uma vez como eram rápidos, quando não eram demorados de propósito.

Uma pequena multidão se amontoou lá fora para ver os dois casais entrando em suas duas casas recém-construídas, cada noivo com sua noiva no colo. Graças à Nossa Senhora do Final Feliz, os atrapalhados não tropeçaram na porta. (Também não fizeram nenhuma trapalhada pelo resto da noite, ou, se fizeram, elas devem ter gostado.)

Os convidados aplaudiram, todos jogaram arroz e gritaram votos de felicidade.

– Me lembro de pelo menos nove mil histórias que acabam assim
– Seu Erudito se gabou.

– Só espero que o senhor não invente de contar todas elas agora
– observou Pilhério.

– Infelizmente não vai dar. Hoje eu marquei um jogo de críquete com a Rainha de Copas.

– Quer dizer que o senhor e a Rainha...

– Ora, Pilhério, é só um namorinho, nada sério.

– Será que ela não conhece nenhuma papagaia simpática que se interesse por alguém assim bem apessoado como eu?

– Você não é bem apessoado. É bem apapagaiado.

Luna Clara se aproximou de Aventura e falou com aquele jeito que filha fala com mãe quando quer alguma coisa.

– Sabe o que é?

– Você não disse ainda.

– É....

– É?

– É que eu preciso sair agora.

– A essa hora?

– É que eu tenho um encontro embaixo da lua.

Que mãe se preocupa com filha, isso é fato conhecido.

Mas que mãe também sabe o que pode significar um encontro embaixo da lua na vida de uma pessoa, e acha ótimo, isso ninguém quase nunca comenta.

Aventura nunca ia dizer não para felicidade de espécie alguma.

Fez todas aquelas perguntas de mãe: vai se encontrar com quem? Que horas volta? Etc.

Recomendou mil cuidados com todas as desgraças que uma cabeça de mãe consegue imaginar em casos como esse.

Disse “vai com Deus” mais de duzentas vezes.

E ficou só um pouco apreensiva.

Tinha recuperado a confiança no destino.

– Como Luna Clara está bonita.

– O que foi que você disse, Doravante?

– Que Luna Clara está bonita.

– De novo.

– Bonita.

– Diga palavra por palavra.

– Como Luna Clara está bonita.

– Você não fala mais palavras juntas?

– Não?

– Tenta outra frase.

– Qual?

– Qualquer uma com pelo menos duas palavras.

– Eu te amo serve?

Não falava mais palavras juntas, Doravante.

– Eu acho que perdi a pressa – ele concluiu, depois de pensar um pouco.

– Pois eu ainda não perdi a minha.

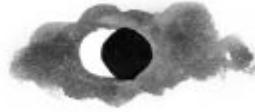
Então Aventura se atirou nos braços dele, recebeu de volta não sei quantos beijos juntos, apertou um pouco, um pouco mais, só mais um pouquinho, arrastou com urgência Doravante para o quarto e trancou a porta.

Equinócio ficou até meio envergonhado.

“Que pressa mais apressada!”



MEIA-NOITE



Luna Clara já estava perto do local do encontro.

Apolo Onze também.

Quase no meio do mundo.

De repente, aconteceu.

A lua desapareceu do céu, sem nenhum aviso.

– Lua?

Nada.

– Você tá aí?

Não estava.

“E agora?”

“Essa não!”

Como é que eles iam se encontrar, pelo amor de Deus, se o ponto do encontro sumiu e com o seu sumiço escureceu a noite?

Pelo faro?

Pelo olfato?

Pelo tato?

Pelo ouvido?

“Pra que lado estará ela?”

“Pra que lado estará ele?”

Os dois perderam completamente seus sentidos.

“Minha Nossa Senhora dos Encontros, manda aí uma luz.”

“Tome alguma providência, minha Nossa Senhora da Noite Sem Lua.”

E aquela escuridão ameaçadora.

Inquietante.

Insistente.

Inconveniente.
Aquele medo.
Mais um desencontro na história?
Logo agora que estava bem no finalzinho?

Felizmente existem as coincidências do destino.
Não é que os dois se esbarraram um com o outro?
– Luna Clara?
– Apolo Onze?
Olha só que engraçado.
A lua não foi ao encontro.
Vai ver foi para deixar os dois sozinhos.
Depois dessa história toda, bem que eles mereciam.
Por isso, talvez, a noite fez o favor de ficar bem escura aquela
noite.
Uma escuridão bastante propícia.
Só se viam dois brilhos no escuro.
Os olhares de Apolo Onze e Luna Clara se olhando.
De repente os brilhos se apagaram.
Os dois fecharam os olhos.
E pronto.



ESSAS ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS DO DESTINO



Lá dentro da casa, a velha de preto deu um grito.

– Meu Deus! Já são meia-noite e cinco e eu esqueci de providenciar o eclipse de Luna Clara e Apolo Onze.

– Como já sabia que você está caduca, eu mesma providenciei – disse a de rosa-shocking.

– Só porque eu lembrei você – disse a de roxo.

– Só porque eu lembrei você de lembrar – disse a de verde-limão.

– Só porque eu lembrei você de lembrar ela de lembrar – disse a de violeta.

– De qualquer forma, teria acontecido – concluiu a de laranja, uma coincidência óbvia.

– Nada pode atrapalhar uma história de amor – filosofou a de prateado.

Todas concordaram.

– Que tal deixar de conversa e continuar logo esse jogo? – a de cor-de-vinho sugeriu.

A sugestão foi aceita prontamente. Elas ainda tinham muito o que fazer naquela noite.

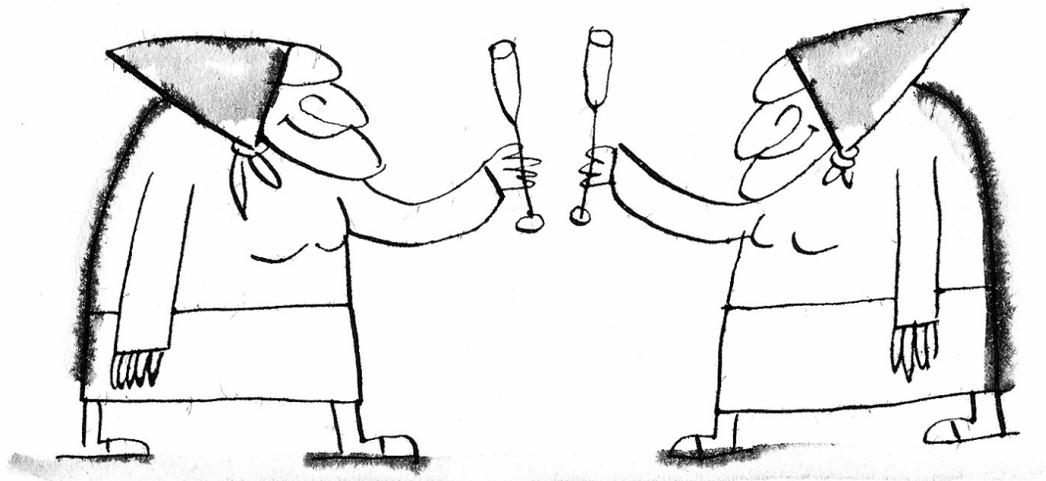
– Vocês sabiam que, nesse exato instante, uma certa moça que está lendo um livro precisa urgentemente encontrar um certo rapaz? – a velha de rosa revelou.

– E vocês sabiam que, nesse exato instante, esse tal rapaz está lendo o mesmo livro e também precisa urgentemente encontrar a tal da moça? – informou a velha de azul.

– Que coincidência! – achou lindo a de abóbora.
– Quer dizer que assim que a história de Luna Clara e Apolo Onze estiver resolvida, nós já temos outro trabalho pela frente! – a de dourado já ficou toda animada.
– Oba! Adoro encontros – gritaram todas ao mesmo tempo.
Você já percebeu como são intrometidas as coincidências do destino?
E criativas.
Ativas.
Muito românticas.
Então vá se preparando.
Porque mais cedo ou mais tarde, muito provavelmente, elas ainda vão se meter na sua vida.

Primeiro precisavam só terminar essa história.
– De quem é a vez?
– É minha!
– É minha!
– É minha!
Resolveram tirar no “uni-duni-tê” e foram necessários vários deles de tantas que elas eram.
A de vermelho ganhou.
Então girou a roleta com toda força que tinha.
E todas as velhas pararam para ver o que ia dar.
A roleta foi girando.
Girando.
Girando.
Girando.
Então foi parando.
Parando.
Parando.
Parou.
“APOLO ONZE E LUNA CLARA SE BEIJAM.”
– Ganhei!

A velha de vermelho saiu dançando pela casa.
– Ganhou nada. Ganhamos!
As outras todas comemoraram.



Lollo

EPÍLOGO



O eclipse passou à meia-noite e sete minutos, mais ou menos.

A lua apareceu de novo no céu.

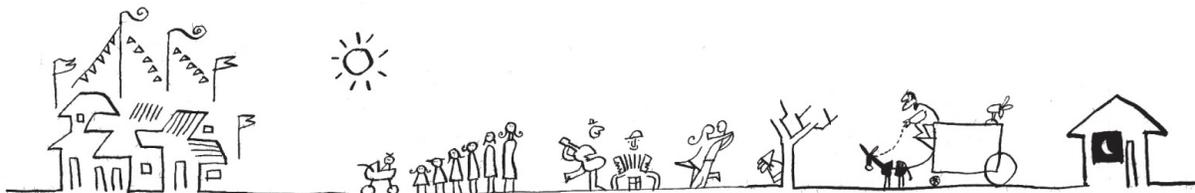
Luna Clara e Apolo Onze olharam para ela.

Só um pouquinho de nada.

Coisa nenhuma nesse mundo impediria os dois de continuar aquele beijo.

Nem mesmo a lua e a noite clara.





SOBRE A AUTORA

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro. Escritora de grande talento, tem se destacado em todas as áreas em que atua.

Além de brilhar no teatro – seu romance *A Máquina* foi levado aos palcos por João Falcão –, a autora tem mostrado grande capacidade quando o assunto é humor. Os elogios para seu texto vêm do público e de escritores como Luís Fernando Veríssimo: “A prosa de Adriana tem sortilégio. A gente se encanta com ela no sentido de se deliciar, mas também no sentido de cobra hipnotizada. De chegar ao fim e não saber bem o que aconteceu” – diz ele.

Na televisão, entre outras coisas, Adriana colaborou em vários episódios de “Comédia da Vida Privada”, “Brasil Legal” e escreve para a “A Grande Família”, da Rede Globo.

Junto com Guel Arraes, adaptou *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, para a TV, posteriormente levado ao cinema.

Mania de Explicação, seu livro de estreia na literatura infantil, publicado pela Salamandra, teve duas indicações para o Prêmio Jabuti/2001, da Câmara Brasileira do Livro – CBL. Este livro recebeu o Prêmio Ofélia Fontes – “O Melhor para a Criança”/2001, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

Para Clarisse e seu olhar de vaga-lumes.

Texto © Adriana Falcão
Ilustrações © José Carlos Lollo
1ª edição 2012

ISBN 978-85-16-07695-5

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.salamandra.com.br

DE ACORDO COM
AS NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Falcão, Adriana
Luna Clara & Apolo Onze [livro eletrônico] /
Adriana Falcão ; ilustrações José Carlos Lollo. --
São Paulo : Moderna, 2013.
17 Mb ; ePUB.

ISBN 978-85-16-07695-5

1. Literatura infantojuvenil I. Lollo, José
Carlos. II. Título.

13-00550

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5